SEGUNDO LIVRO DA SÉRIE DE *AMOR EM JOGO*

# A GAROTA DELE



Simone Elkeles

GLOBO Alt



# A garota dele

## Simone Elkeles

Tradução
Fabienne Mercês

GLOBO Alt

Copyright © 2015 by Simone Elkeles
Copyright da tradução © 2016 Editora Globo S.A.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

**Título original:** *Wild Crush*

Editora responsável **Eugenia Ribas-Vieira**
Editora assistente **Sarah Czapski Simoni**
Capa **Renata Zucchini**
Imagem da capa **moodboard/Thinkstock**
Diagramação **Diego de Souza Lima**
Projeto gráfico original **Laboratório Secreto**
Preparação **Jane Pessoa**
Revisão **Laila Guilherme e Huendel Viana**

**Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).**

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Elkeles, Simone
E42w

A garota dele / Simone Elkeles; tradução Fabienne
Mercês. - 1. ed. - São Paulo: Globo Alt, 2016.

Tradução de: Wild Crush
ISBN 978-85-250-6325-0

1. Ficção infantojuvenil americana. I. Mercês, Fabienne. II. Título.
CDD: 028.5
16-34034 CDU: 087.5

1ª edição, 2016

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil
adquiridos por Editora Globo S.A.
Av. Nove de Julho, 5229 — 01407-200 — São Paulo-SP — Brasil
www.globolivros.com.br

# Sumário

Capa
Ilustração
Folha de rosto
Créditos
Dedicatória
capítulo 1
capítulo 2
capítulo 3
capítulo 4
capítulo 5
capítulo 6
capítulo 7
capítulo 8
capítulo 9
capítulo 10
capítulo 11
capítulo 12
capítulo 13
capítulo 14
capítulo 15
capítulo 16
capítulo 17
capítulo 18
capítulo 19
capítulo 20
capítulo 21
capítulo 22
capítulo 23
capítulo 24
capítulo 25
capítulo 26
capítulo 27
capítulo 28
capítulo 29
capítulo 30
capítulo 31
capítulo 32
capítulo 33
capítulo 34
capítulo 35
capítulo 36
capítulo 37
capítulo 38
capítulo 39
capítulo 40
capítulo 41
capítulo 42

capítulo 43
capítulo 44
capítulo 45
capítulo 46
capítulo 47
capítulo 48
capítulo 49
capítulo 50
capítulo 51
capítulo 52
capítulo 53
capítulo 54
Agradecimentos
Ilustração

*Ao dr. Neal Gordon, que me ajuda a lidar com esta coisa maluca chamada vida*

# capítulo 1
# VICTOR

Ser um rapaz numa família latina não é fácil, especialmente se seu *papá* está sempre atento a seus erros e te lembra todos os dias que você está longe de ser perfeito.

Acordo ao som dos gritos de *mi papá*. Não sei se está gritando comigo ou com uma de minhas irmãs. Desde que *mi'ama* partiu para cuidar de meus avós no México, há seis meses, ele ainda não descobriu que ter um chilique por qualquer coisinha não resolve nada. Aprendi a ignorá-lo.

Esta manhã não é diferente.

Estou animado porque é o primeiro dia do meu último ano. Devo me formar em junho, mas não estou tão certo de que isso vá acontecer. Note que não estou me gabando de ser um estudante mediano em todas as principais matérias, mas tenho orgulho de dizer que nunca fui reprovado. Recebi uma nota ruim em espanhol no semestre passado. A *señora* Suarez esperava que eu fosse bem em suas aulas porque sou mexicano. Ela não sabe que eu até que falo direitinho, mas, quanto à ortografia, não importa se inglês ou espanhol, definitivamente não é minha praia.

Na cozinha, minha irmã Marissa está sentada à mesa lendo um livro enquanto come cereal. Seu cabelo castanho e comprido está preso num rabo de cavalo no alto da cabeça, e eu poderia jurar que ela passou seu jeans e sua camiseta. Marissa é uma pessoa que supera todas as expectativas… e isso é um eufemismo. Na maioria das vezes ela está tão focada em agradar *papá* que não percebe o mundo à sua volta. Marissa ainda não descobriu que é uma total perda de tempo tentar fazê-lo perceber que ela merece sua atenção.

Seria até engraçado se não fosse tão patético.

*Papá* entra intempestivamente na cozinha, de terno e gravata, com seu fone de ouvido Bluetooth enfiado na orelha.

— Onde você estava ontem à noite? — pergunta para mim.

Eu poderia fingir não ter escutado, mas isso o deixaria ainda mais furioso. Passo por ele e olho o que tem na geladeira enquanto respondo:

— Na *playa*.

— Na *praia*? Victor, olhe para mim quando eu estiver falando com você. — Sua voz é áspera como palha de aço contra a pele nua.

Paro e me viro para ele, ainda que preferisse ouvir Marissa falar por horas sobre equações matemáticas ou sobre suas teorias a respeito do espaço e da matéria a estar na presença dele.

*Papá* me olha e franze o cenho.

Quando era mais novo tinha medo dele. Na Little Ligue de beisebol, ele me arrancava do jogo se eu errasse o lançamento ou a pegada. Quando comecei a jogar futebol, ele ficava furioso quando eu perdia um passe, e me jogava com força contra a parede ao chegarmos em casa, para que não me esquecesse de que eu era um fracasso e uma vergonha.

Para ele, ninguém nunca é bom o suficiente.

Não tenho mais medo dele, e ele sabe disso. Acho que isso o incomoda mais do que qualquer outra coisa. Algo mudou depois de um de seus ataques. Eu me afastei, e ele não conseguiu mais me segurar.

Posso sentir o cheiro do café misturado ao odor de nicotina em seu hálito quando fica bem diante de mim.

— Ouvi dizer que houve uma briga na praia na noite passada. *¿Participó?* Você estava envolvido nisso?

Obviamente ele não viu os nós da minha mão em carne viva.

— Não — minto.

Ele dá um passo para trás e ajeita o terno.

— *Bueno*. Não quero ouvir fofocas no escritório sobre meu filho ser algum tipo de valentão. Nada de leitura na mesa da cozinha. — *Papá* berra para minha irmã enquanto senta com uma caneca de café fumegante.

Marissa rapidamente fecha o livro e o põe de lado, e continua comendo em silêncio.

*Papá* bebe o resto de seu café enquanto lê mensagens e e-mails no celular, então deixa sua caneca na pia e sai de casa sem dizer mais nada. Assim que se afasta, a tensão em meu pescoço desaparece.

Dani, a gêmea de Marissa, é a extrovertida da família; ela entra na cozinha usando uma camiseta justa, alguns números abaixo do seu, e um short tão curto que chega a lhe deixar à mostra metade da bunda. Balanço a cabeça em reprovação. Enquanto Marissa se destaca na escola, Dani se destaca em gastar dinheiro e mostrar o corpo, o máximo que puder.

Normalmente não me meto, mas… é o primeiro dia de aula, e *mi'ama* me fez prometer que tomaria conta das minhas irmãs. A última coisa de que preciso é ter que ameaçar metade dos caras da escola que quiserem olhar a bunda da caloura, minha irmã.

— Dani, você está de sacanagem? — pergunto.

Ela joga o cabelo cheio de luzes e dá de ombros.

— O que foi?

— Você não vai à escola usando isso.

Minha irmã revira os olhos e bufa.

— Sério, Vic, você está ficando um *culero*. Me deixa em paz.

Lanço um olhar de irmão mais velho para ela que significa que não vou recuar. Não sou um babaca. Por mais que Dani queira parecer e agir como se tivesse dezoito anos, ela só tem catorze. Chamar a atenção para o seu corpo não vai acontecer durante o meu turno.

— Você não vai usar essa merda minúscula na escola. Não tem conversa.

Ela me olha com desprezo, mas já devia saber que isso nunca cola comigo.

— Está bem. — Ela explode e corre escada acima, e aparece alguns minutos depois usando uma calça jeans mega-apertada e uma camiseta branca que já não lhe cabe mais direito. É quase transparente, mas ainda é melhor do que a outra porcaria que estava vestindo antes.

— Está bom assim para você? — Dani pergunta, troçando de mim ao rodopiar como se estivesse desfilando.

— Serve. *Que está bien*… está bom.

Ela pega uma barra de granola da despensa.

— *Adiós*. E antes que pergunte quem vai me levar para a escola, vou de carona com a Cassidy Richards. — Ela me olha de soslaio. — Você lembra dela, Vic, não lembra?

Ela não pode estar falando sério.

— Cassidy Richards?

— É.

Que inferno! Posso ver pelo olhar sinistro em seu rosto que ela está falando sério.

— E por que você vai para a escola com a minha ex-namorada?

Dani dá uma mordida na barra de cereal.

— Primeiro porque ela tem idade para dirigir até a escola. Além disso, ela é popular e pode me apresentar a todas as pessoas legais. E, finalmente, porque ela me ofereceu uma carona. Precisa de mais

alguma razão?

Cassidy Richards e eu ficamos algumas vezes no início do ano passado. E terminamos de vez antes do verão. Ela tem o hábito irritante de postar um monte de merda sobre mim na internet. Não que ela me marque nas suas postagens, mas todo mundo na escola sabe que as postagens sobre término de namoro são dirigidas a mim. Coisas como:

Se você tem medo de compromisso, não me merece.
Nenhuma garota te tratará tão bem quanto eu.
Te dei tudo e você não deu a mínima.
Estou melhor sozinha do que com você.

E a minha favorita…

Meu ex é um arrogante.

É, essa é a Cassidy. Me desdenha até decidir que quer voltar. Então meu celular fica cheio de mensagens dizendo o quanto ela sente minha falta. A última vez que terminamos, jurei que nunca mais ia voltar. Cassidy é a versão infantil de uma rainha do drama. Eu não curto drama. Pelo menos não mais.

— O que há de errado com nossa irmã? — pergunto a Marissa depois que Dani sai.

Marissa dá de ombros.

— Não me pergunte.

Marissa põe sua tigela na pia e me segue até lá fora quando ouço a buzina de um carro. Meu melhor amigo, Trey, está em frente à nossa garagem, sentado orgulhosamente em seu Honda Civic, muito velho, com mais de trezentos mil quilômetros rodados.

Ele põe a cabeça para fora do carro e grita para a minha irmã:

— Ei, Marissa! Quer uma carona?

— Não obrigada, Trey — ela diz, empurrando os óculos para cima do nariz. — Quero pegar o ônibus.

Quando entro no carro, Trey me olha, descrente.

— Deixa ver se eu entendi direito. Sua irmã caloura quer ir de ônibus?

— Isso.

— Ela é muito excêntrica, Vic.

— Você quer dizer *esquisita*?

Trey me olha de canto de olho. Ele tenta salpicar nossas conversas com palavras mais rebuscadas. Basicamente soa como uma mistura de um estudioso da Ivy League com um menino da floresta. Tiro sarro dele, porque, enquanto ele é um dicionário ambulante, eu procuro usar palavras simples na maioria das vezes.

— Vamos apenas dizer que Marissa provavelmente considera andar de ônibus uma experiência social típica do ensino médio e fará uma redação sobre isso para a aula de sociologia — digo a ele.

O motor de Trey dá dois pipocos antes de ele sair de ré da minha entrada.

— Como disse, sua irmã é muito excêntrica.

— E a *sua* irmã? Ela anda por aí como se fosse alguma celebridade hollywoodiana desde que Jet arrumou aquele bico de modelo para ela.

— Não nego que a minha irmã é excêntrica — ele diz, divertido. — Falando em excêntrica, Cassidy Richards saiu da sua casa com a Dani. Achei que tinha errado de casa. Por que ela estava lá?

— Não sei o que a Cassidy está tramando.

Trey ri.

— Ela quer ser sua namorada de novo. É o que está tramando.

A ideia me arrepia.

— Não vai rolar.

— No mês que vem é a festa de início de temporada. Talvez ela esteja procurando um par e você seja o cara. Se não tiver outra garota para convidar, você pode aquiescer e ir com ela. Você com certeza não vai querer chegar sozinho.

Inferno, a festa é a última coisa em que estou pensando.

— Vamos mudar de assunto, cara. Não quero falar sobre a Cassidy nem sobre a festa. Ou em aquiescer, seja lá o que isso signifique. Fala de maneira que gente normal possa entender.

— Não quer aumentar o seu vocabulário, Vic?

— Não.

Ele dá de ombros.

— Certo. Então vamos falar da briga em que se meteu na noite passada. Você está bem? Ouvi dizer que foi violenta.

— É. O cara enfiou o braço na Heather.

Olho os nós da mão arrebentados. Eu tinha ouvido dizer que o namorado da Heather fazia boxe e coisa e tal, mas não fazia ideia de que ele a usava como saco de pancadas até a noite passada, quando a vi apanhando na praia. Ela tentou disfarçar dizendo que foi a primeira vez que ele a agrediu.

Eu não dou a mínima se foi a primeira ou a quinquagésima vez. O cara tem que entender que você não bate em uma garota sem ter que enfrentar as consequências.

— Eu teria te ajudado se soubesse.

Trey vem se preparando para ser o orador da turma, e ele nunca se mete em confusão. Ele se preocupa tanto com suas notas quanto com sua reputação, e por isso eu não quis envolvê-lo numa briga que podia acabar com a chegada da polícia.

— Dei meu jeito.

Sempre dou um jeito. Trey usa suas palavras. Eu uso meus punhos.

Diferentemente de Trey, não me importo com as minhas notas, porque, independentemente de estudar ou não, sempre vou mal nas provas e nos testes. Ser um zé-ninguém na escola é minha sina.

O celular de Trey toca três vezes.

— É uma mensagem da Monika. Lê aí pra mim. — Pede porque se recusa a digitar e dirigir ao mesmo tempo. Ele não tira os olhos da estrada, e suas mãos sempre estão na posição dez para as duas no volante, como a gente aprende na autoescola. — O que ela quer? — pergunta.

— Ela quer que você termine com ela para que eu possa namorá-la.

Trey ri.

— O.k., Vic, o dia em que a minha namorada quiser sair com você é o dia em que você entra para a lista das pessoas de bem.

Isso foi um comentário verdadeiro, mas deprimente.

— Bem, isso nunca vai acontecer.

— Exatamente. — Ele gesticula na direção do celular. — Então, o que ela diz?

— Ela mandou um "oi".

— Manda um "oi" de volta.

Eu reviro os olhos.

— Vocês são insuportáveis.

— Ah, é? Se você arranjasse uma namorada, o que estaria escrevendo para ela?

— Ninguém *arranja* uma namorada, Trey. Mas se eu tivesse uma, certamente escreveria bem mais do que um "oi". Ainda mais se eu tivesse um vocabulário como o seu. Provavelmente diria algo a respeito de como pensei nela a noite toda e como não posso parar de pensar nela.

— Eu mando mensagens apimentadas para minhas outras garotas — diz ele, brincando. — Será que ganho créditos por isso?

— É isso aí.

Todo mundo sabe que Trey e sua namorada, Monika Fox, são inseparáveis e muito provavelmente se casarão algum dia. Ele não a trairia.

A verdade é que Trey não faz a menor ideia de que sou apaixonado por Monika há anos.

Mas eles estão namorando, então, sob o nosso tácito código de honra de amigos verdadeiros, ela está eternamente fora do meu alcance.

Mesmo que eu não consiga tirá-la da cabeça.

## capítulo 2
# MONIKA

Odeio levantar da cama de manhã, mesmo durante os meses de verão, quando posso dormir até meio-dia. Hoje é o primeiro dia do meu último ano. Quando meu despertador me acordou às seis, me lembrei que as férias de verão terminaram.

Levanto e, semicurvada, me arrasto até o banheiro. Depois de escovar os dentes, olho para o frasco de remédio na bancada. As pílulas me olhando e dizendo:

— Me tome!

Enfio uma na boca e engulo com um copo cheio de água.

— Monika! — mamãe grita do hall. — Já levantou?

— Sim! — grito de volta antes de entrar no chuveiro.

— Ótimo. Vou fazer seu café, então acelera! Não quero que esfrie.

No chuveiro, fecho os olhos e deixo a água quente escorrer pelo meu corpo. Quando eu sair, vou me sentir mil vezes melhor… quase normal. E quando descer a escada no meu uniforme de líder de torcida, com a garra esperada para o primeiro dia de aulas, estarei animada.

Adrenalina corre por minhas veias. Estou pronta para isso. Me sinto ótima neste momento.

— Você está tão bonitinha — mamãe diz, me beijando o rosto. Minha mãe põe um prato cheio de panquecas no centro da mesa e outro com dois ovos diante de mim. — Coma.

Dou uma risada.

— Mamãe, aqui tem o suficiente para todo o corpo estudantil da Fremont High.

— Sua mãe se empolgou — papai diz ao aparecer na porta de calça cáqui e camisa de botões com o nome dr. Neal Fox bordado nela.

Eu costumava desejar que meu pai fosse um tipo de médico diferente, e não um cirurgião plástico, mas aí conheci um paciente dele que tivera a cara mordida por um pit bull. Ele me disse que meu pai era seu herói. Disse que preferia morrer se meu pai não o tivesse ajudado, e isso mudou a minha perspectiva de tudo.

Papai me dá um beijo na cabeça.

— Como está se sentindo, querida?

— Ótima — respondo.

— Tomou seu remédio?

— Sim, papai. Você me pergunta isso toda manhã, e eu sempre respondo a mesma coisa. Quando vai parar de fazer essa pergunta?

— Nunca.

— Ele provavelmente vai te mandar uma mensagem toda manhã quando estiver na faculdade — mamãe diz, cutucando papai de maneira brincalhona.

Meu pai faz uma cara de culpa e abraça minha mãe pela cintura e a beija.

— Você me conhece bem, querida.

Sim, meus pais flertam um com outro assim. Algumas vezes eu resmungo, mas a maioria dos pais de meus amigos são divorciados ou não moram juntos. É reconfortante saber que meus pais se amam de verdade.

Mamãe, que é uma executiva de publicidade, pega seu celular e o aponta para mim.

Ergo a sobrancelha.

— O que está fazendo, mamãe?

— Tirando uma foto do seu primeiro dia no último ano. É tão empolgante! — Seu sorriso é tão largo que tenho vontade de rir.

— Hã… mamãe, ainda *não me formei* — digo a ela. — É apenas o primeiro dia. E se eu só tirar notas regulares? Ou ruins? Você vai tirar uma foto de mim assim mesmo?

— Claro que sim, Monika — papai diz enquanto dá um gole em seu chá matinal. — Mas se tirar as melhores notas, você poderá escolher a faculdade que quiser. Isso será um bônus.

— Sem pressão, papai — respondo, brincando. Não é segredo para ninguém que meu pai se formou como o melhor de sua turma.

— Só queremos que faça o melhor que puder — diz mamãe, tirando outra foto. — Se você não fizer isso, seu tio Thomas virá aqui e terá uma conversinha com você.

— Tranquilo. Adoro tio Thomas, mesmo ele sendo um mala. — Lanço um olhar desafiador para meus pais. — E se tirar notas regulares for o melhor que eu consiga fazer, vocês ficarão tranquilos com isso?

Meus pais se entreolham e voltam a olhar para mim.

— Você *não* é uma estudante de notas regulares, Monika — diz mamãe.

— Nem o seu namorado — papai acrescenta. — Pelo que sei, Trey está se preparando para ser o orador da Fremont High.

— Como você sabe disso?

Ele levanta a caneca num brinde.

— Trey me contou. Aquele menino é um gênio.

Deixo por conta do meu namorado conversar com o meu pai sobre faculdades e escolha de instituições. Isso e futebol são seus assuntos prediletos.

Meu celular vibra. É uma mensagem do próprio Menino Gênio.

**Trey:** Estou aqui fora. Está pronta?
**Eu:** Sim. Saindo.

— O Menino Gênio chegou — digo a meus pais, enfiando o resto da panqueca na boca.

— Ele não quer entrar? — pergunta papai. — Diga a ele que tem muita panqueca e ovos sobrando.

**Eu:** Meus pais querem saber se você quer panquecas e ovos.
**Trey:** Já comi. Por favor, agradeça por mim!
**Eu:** Puxa-saco!
**Trey:**

Dou mais uma garfada nos ovos, abraço meus pais e, a caminho da porta, deixo meus pratos na pia.

Mamãe me segue com o celular na mão.

— Deixa eu tirar uma foto de vocês dois! — ela grita, acenando para Trey ao me seguir para fora de casa em seus saltos altos.

Ela não percebe que Victor Salazar está no carro de Trey. Minha mãe para assim que percebe sua presença.

— Oh — ela diz, surpreendida.

Não importa o que eu diga a meus pais, a reputação de Vic fala por si mesma. Ele já foi preso mais de uma vez por brigas, e eles não gostam que tenhamos amigos em comum. Ele está sempre sério. Acho que é sua maneira de avisar às pessoas para não chegarem muito perto, para não descobrirem como a sua vida em

família é enrolada.

— Certo, hum, bom… — mamãe gagueja.

Trey salta do carro.

— Vamos lá, Vic. A mãe da Monika quer tirar uma foto da gente.

— Acho que ela quer tirar uma foto apenas de vocês dois — diz Vic, sua voz grave transmitindo que ele não dá a mínima em não aparecer na foto.

Abro a porta traseira do carro e puxo Vic pelo braço.

— Vamos lá. É hora da foto.

— Eu não gosto de fotos — ele resmunga.

— Por mim — peço —, vamos fazer isso rapidinho para que não nos atrasemos e peguemos uma suspensão.

Vic dá de ombros.

— Na verdade eu *quero* chegar atrasado.

Mamãe pigarreia enquanto Vic salta do carro. Não o vi muitas vezes durante este verão, e ele parece bem malhado. Trey e Vic andaram malhando bastante para a nova temporada de futebol. Ele está usando a camisa do time, assim como Trey, mas Vic usa um jeans rasgado, enquanto Trey veste um jeans justo que revela suas pernas musculosas, mas longilíneas. São melhores amigos, mas são tão diferentes de tantas maneiras.

Me enfio entre os dois e sorrio enquanto minha mãe tira a foto.

— Manda uma cópia para o meu celular — pede Trey.

— Claro — mamãe responde, já enviando.

Sim, meus pais têm o telefone do meu namorado no contato deles.

Vic mexe a cabeça em imperceptível reprovação, como se não conseguisse entender como Trey foi tão bem-aceito pelos pais da namorada. Vic é um cara que evita contato com pais o máximo possível.

Quando chegamos ao colégio dez minutos mais tarde, entramos no prédio e nos reunimos no hall do terceiro ano. Todos os nossos amigos estão ali. Derek e Ashtyn estão se encarando como se fossem pular um na alma do outro. Bree está arrumando o cabelo, se certificando de que está mais do que perfeito. Jet está atraindo a atenção de todas as meninas. Ele está acostumado a isso, especialmente depois que virou modelo e suas fotos apareceram nas lojas e revistas. Ele tornou-se uma minicelebridade em Fremont.

Trey, que está ao meu lado esse tempo todo, recebe uma mensagem. Ele vira a tela do celular para que eu não veja, me fazendo pensar que está escondendo alguma coisa.

— Volto num minuto — diz.

— Por quê? O que foi? Quem te mandou uma mensagem?

Droga. Sei que soou como se eu fosse uma namorada grudenta e controladora. Na semana passada, quando nós saímos, ele estava inquieto com mensagens de alguém em seu celular. Ele me disse que era seu primo várias vezes, depois que era sua irmã. Não perguntei nada, mas estou sentindo que há um muro entre nós agora.

— É meu pai — Trey explica. — Quer que eu ligue para ele. Volto já. — Me dá um selinho. — Te amo.

— Eu também te amo — respondo, mas as palavras saem de forma automática.

Vejo ele se afastar e sinto meu estômago se apertar.

Viro-me a tempo de ver Cassidy Richards indo em direção a Vic, cujo armário é do lado do meu. Ela brinca com a ponta de seu longo cabelo louro e anelado e passa a língua nos lábios. É obvio que quer chamar a sua atenção, mas ele a ignora.

— E aí, Vic? — diz Cassidy num tom sedutor.

— Beleza — ele responde.

Cassidy faz parte da equipe de torcida e está sempre tentando obter informações sobre a vida de Vic. Eu continuo decorando meu armário, e procuro ignorar a conversa entre eles. Mas é difícil, já que se desenrola ali na minha frente.

— Ouvi dizer que você se meteu numa briga ontem à noite — Cassidy fala num tom acusador. — Por causa da Heather Graves. Então está *gostando* dela agora?

Vic fecha o armário.

— Fala sério.

Cassidy põe as mãos na cintura.

— É uma pergunta que faz sentido.

— Não, não é.

— Então está bem, fica na sua. — Ela bufa algumas vezes. — Estava apenas puxando assunto.

— Você estava tentando começar uma fofoca — ele responde.

Cassidy se afasta intempestivamente enquanto Vic balança a cabeça, decepcionado.

Penduro um espelho no meu armário e decoro o interior com fotos de amigos e recortes de revista, ciente de que Vic me observa.

— O que foi? — pergunto quando o vejo balançando a cabeça.

Ele aponta para as fotos e pergunta:

— Por que você precisa decorar o armário?

— Porque olhar fotos de meus amigos e coisas de que gosto me faz sorrir. — Aponto para sua expressão séria. — Você devia experimentar. Como você sabe, sorrir faz bem.

Seu rosto fica sombrio quando olha para Cassidy do outro lado do corredor, fofocando com as amigas.

— Talvez eu não tenha motivos para sorrir.

— Deixa disso, Vic. Todo mundo tem *algum motivo* para sorrir.

— Você é assim, Monika. Não eu.

Se ele ao menos soubesse...

Ele se apoia contra o armário enquanto Brandon Butter vai até ele.

— Ei, Vic… Hum, cara, não queria ser eu a te contar isso, mas alguém viu uma de suas irmãs descer o corredor H com o Luke Handler.

Vic resmunga uma série de palavrões que provavelmente o mandariam para a diretoria se ouvidos por algum professor.

Luke Handler é conhecido por dar em cima da maior quantidade possível de meninas. Ele também desenvolveu o hábito de postar fotos das meninas que pega. Isso infla seu ego e sua fama de playboy. Ele aperfeiçoou a maneira como convence cada garota de que, ao contrário de todas antes dela, ela é a única que pode transformá-lo num namorado comprometido e monogâmico. E, enquanto Luke fica com a fama de pegador quando o "relacionamento" rapidamente termina, resta às meninas a má reputação.

O rosto de Vic se transforma de resignado em mortal.

— Vou sorrir enquanto bater no Luke Handler — ele me diz, e sai furioso na direção do corredor H.

— Não vai arranjar encrencas — digo, mesmo sabendo que Vic não tem medo de se meter em encrencas.

Alguém precisa ensinar ao Victor Salazar que brigar e sorrir não devem se misturar. Nunca.

## capítulo 3
# VICTOR

Dani é uma caloura, então ela não tem a menor ideia de que circular pelo corredor H não é uma coisa legal. Leva uns dias para o calouro aprender que, se quiser ficar com alguém, você vai para o corredor H para evitar ser visto pelos professores.

O corredor H também é considerado um matadouro.

Ouço o sinal tocar assim que avisto Luke Handler falando com minha irmã, que está encostada contra a parede de tijolos e ele debruçado sobre ela. Dani olha para ele batendo cílios e dando risadinhas por causa de algo que Handler acabou de dizer.

— Ei, Handler! — grito no instante em que o saco de merda está prestes a pôr as suas mãos sujas no rosto da minha irmã. Pego-o pelo colarinho e olho nos seus olhos de bola de gude. — O que está fazendo?

O cara interrompe o gesto.

— Ah… nada.

— Não me parece que não seja nada, cara.

Handler olha de Dani para mim.

— Ela é sua namorada ou algo assim?

Rosno para ele.

— Não. Ela é minha irmã, seu merda. Se eu pegar você olhando para ela de novo e a trazendo para o corredor H novamente, ou se tirar qualquer foto dela e postar na rede, você estará encarando meu punho em vez da minha cara. Entendeu?

O cara engole em seco.

— Claro. Eu… eu entendi.

Quando solto seu colarinho ele sai correndo para ficar o mais longe possível de mim, e o grunhido exagerado da minha irmã ecoa no corredor.

— Ai, meu Deus, Vic! Você é um desajustado! Só estava tentando me divertir. Você vai *sempre* estragar *tudo*?

— Sim.

Ela revira os olhos.

— Não sou a certinha da Marissa. Se ele tivesse feito algo que eu não quisesse, teria levado uma joelhada.

Não duvido disso, mas Dani não está acostumada com gente como o Handler, que fica com alguém só para contar vantagem.

O último sinal toca. Droga.

— Marissa já deve estar na sala a essa altura — digo a ela. — O que é muito melhor do que estar no corredor H com o playboyzinho da Fremont. Ele queria te fisgar para poder dizer que é um pegador e postar merda na internet. Isso não vai acontecer no meu turno. Agora vai para sua sala antes que os supervisores te peguem aqui fora.

Minha irmã junta os livros e começa a se afastar.

— Você é um hipócrita, Vic. Você age como se fosse o maioral quando é o maior fiasco desta escola. Há boatos por aí de que as pessoas estão apostando se você vai se formar ou se vai para a cadeia até o fim do

ano. Você quer que eu te diga qual aposta tem maior probabilidade de ganhar?

— Não.

Ela me lança um olhar feliz e perverso que me lembra *papá*, antes de sair pisando duro para sua sala.

Dou a volta no corredor M para a aula do meu primeiro período e dou de cara com o homem responsável por manter Fremont livre de drogas, violência e arruaceiros.

Inspetor Jim.

— Pode parar aí — manda o inspetor. Seu olhar orgulhoso é uma indicação de que ele gosta demais de seu trabalho. — Não acredito que você tenha um passe para o corredor, tem filho?

Nego.

— Então vamos ter que dar uma passadinha na diretoria.

Se eu me meter em confusão, o técnico Dieter fará da minha vida um inferno. Voltas a mais durante o treino de futebol serão o menor dos meus problemas.

— Não posso apenas ir para a minha sala? Me dá um desconto.

Jim balança a cabeça.

— Meu trabalho é relatar toda atividade suspeita ou atraso para reduzir a delinquência estudantil.

— Delinquência? Você não pode estar falando sério. É o primeiro dia de aula. Talvez eu tenha me perdido.

Sua expressão permanece impassível.

— Você é do terceiro ano, Salazar. Se você se perdeu, vou te levar para o corredor B, onde estão as salas para os que precisam de atenção especial. É para lá que você quer ir?

— Não.

— Foi o que pensei. — Ele faz sinal para eu segui-lo até a direção. Sou instruído a me sentar e esperar até que a diretora Finnigan possa ser informada de minha *delinquência estudantil*. Que piada!

Jim fica de pé ao lado da mesa da secretária com o peito estufado e um ego que combina em tamanho com sua barriga de chope.

— Victor Salazar, a dra. Finnigan vai recebê-lo agora — anuncia a secretária.

Entro no escritório de Finnigan, e ela ergue o olhar de sua mesa. Veste um terno masculino, e seu cabelo castanho é muito curto. Acho que ela faz um enorme esforço para ser vista como durona. Ou um cara. Ou as duas coisas.

— Sr. Salazar, sente-se — ela ordena. Quando obedeço, ela junta as mãos e suspira. — Está começando o ano da forma errada. Faltar à aula é inaceitável.

— Não estava faltando à aula, doutora.

— Estava nos corredores sem autorização, Victor. No primeiro período. — Ela se inclina para a frente como quem vai me contar algo realmente importante. — Vamos direto ao ponto. Você tem um histórico de faltar às aulas, rapaz. Está mais do que ciente de que eu não tolero delinquência ou atrasos. Você é um atleta, Victor. E está no terceiro ano. Precisa começar o ano com o pé direito dessa vez… ou vou pedir ao técnico Dieter para te expulsar daquele time. Talvez isso o faça despertar.

De jeito nenhum. Não vou deixar isso acontecer. O futebol é tudo para mim. Estou acostumado a dar desculpas para me safar de problemas. É como um jogo, no qual eu prefiro ganhar mais vezes a perder.

— Escuta, dona. Eu estava ajudando uma caloura a encontrar sua sala e me atrasei. Para ser honesto, eu devia receber um prêmio daqueles de Bom Cidadão ou de Benfeitor em vez de estar aqui encrencado.

Vejo que ela está segurando o riso.

— Um prêmio de Bom Cidadão?

Concordo, fazendo uma cara de inocente.

— Você realmente acha que eu mataria aula no primeiro dia?

— Não me obrigue a responder a essa pergunta. — Ela se recosta na cadeira, seu sermão terminado. — Hoje eu vou ser legal e te dar um aviso. E outra coisa, me chame de dra. Finnigan ou diretora Finnigan, e *não* de dona. — Ela pega o telefone e avisa a secretária para mandar o inspetor Jim entrar. — Por favor, acompanhe o sr. Salazar à sua primeira aula. — E, virando-se para mim, diz: — E, Victor… por mais que eu goste de nossas conversas, prefiro falar sobre objetivos educacionais a falar de infrações escolares.

Objetivos educacionais? É uma piada.

Não digo mais nada. Imagino que possa deixar a dona morar em seu conto de fadas por mais alguns dias.

## capítulo 4
# MONIKA

Quando o sr. Miller, nosso professor de sociologia, faz a chamada, ele chama por Victor Salazar três vezes antes de dar falta.

— Alguém viu o sr. Salazar esta manhã?

Algumas pessoas levantam a mão.

— Eu o vi perto de seu armário — um cara diz.

Outra garota diz que ouviu alguém dizer que ele estava brigando na frente da escola, e outra diz que o viu no corredor antes da aula.

Cassidy Richards está sentada na primeira fila. Quando escuta o sr. Miller chamar por Vic, ela faz cara de pouco-caso e resmunga algo sobre ele ser um idiota.

O sr. Miller começa a apresentar os tópicos, quando a porta se abre e Vic entra na sala. O inspetor Jim, o cara que patrulha os corredores da Fremont, entra atrás dele. O inspetor dirige poucas palavras ao sr. Miller antes de sair.

— Que bom que se juntou a nós, sr. Salazar.

— Obrigado — Vic retruca, obviamente odiando ser o centro das atenções.

— Sente-se aqui na frente — o professor pede quando Vic começa a caminhar para o fundo da sala.

Vic olha em volta e vê o lugar vazio ao lado de Cassidy.

— Eu sinto claustrofobia na frente — diz de forma arrastada.

— Que pena. — O sr. Miller indica o lugar vazio na primeira fila. — Obviamente preciso ficar de olho em você.

Vic com relutância se senta na primeira fileira, acenando para Cassidy ao se sentar a seu lado.

No restante da aula, o sr. Miller explica que sociologia é o estudo sobre a vida em grupos.

— Como reagimos sozinhos é drasticamente diferente de como agimos com os nossos colegas e com a comunidade. Nós seguimos normas sociais, quer estejamos cientes disso ou não. E, quando quebramos as regras ou nos afastamos do que é esperado socialmente, o que acham que acontece?

Cassidy imediatamente levanta a mão.

— Nos sentimos desconfortáveis.

— Exatamente — concorda o professor. — Isso provoca um pequeno choque em nossos sistemas. Pense sobre as regras sociais. Eu quero também que vocês as desobedeçam… notem o que acontece quando isso ocorre. Imaginem-se num vídeo fazendo algo fora da norma e vejam o que acontece. — O sr. Miller fica diante da mesa de Vic. — Para alguns de vocês, acredito que ir contra as regras é um ritual diário. — Ele tamborila os dedos na mesa de Vic e lhe lança um olhar direto.

O sr. Miller fala durante trinta minutos, até soar o sinal e sairmos todos correndo.

— Isso foi rude — reclama Vic.

— Por quê? Por que ele pegou no seu pé? — pergunto.

— Você acha que eu ligo se o Miller pega ou não no meu pé? — Ele balança a cabeça. — Não. Devia ser fácil tirar boas notas nessa matéria, mas Miller não faz parecer que essa aula seja um descanso.

Vic não é conhecido por conseguir as melhores notas. Ele não parece dar duro, mas talvez seja porque não se ache esperto o suficiente para tirar notas altas. Ele já tinha me dito que seu objetivo este ano era

frequentar aulas fáceis. Eu escolhi sociologia porque estou interessada e pensando em fazer sociologia ou psicologia na faculdade. Não porque achei que seria moleza.

— Te ajudo a estudar — digo a Vic. Olho para Cassidy, que anda na nossa frente requebrando os quadris, tentando chamar a atenção dele. Faço-o se aproximar de mim para cochichar em sua orelha. — Ou tenho certeza de que Cassidy adoraria te ajudar.

Ele nem olha na direção dela.

— Não ouse.

Quando ela vira no corredor, digo:

— Não sei por que não dá outra chance a ela, Vic. Está na cara que Cassidy ainda te ama… quando não está te chamando de idiota.

— Eu *sou* um idiota.

— Não, não é — defendo-o. Desde o primeiro ano, Vic está no meu grupo de amigos. Conheço-o bem, mesmo ele tendo uma muralha de um quilômetro e meio. Há momentos em que ele deixa transparecer seu verdadeiro eu através da fachada de durão. — Algumas vezes você é…

— Um babaca.

— Não. Eu ia dizer que às vezes você é temperamental, intenso. Passional. — Quando ele começa a se afastar no corredor, eu o agarro e o puxo. — Você é verdadeiro. E protetor daqueles de quem gosta. Eu adoro isso em você.

Ele desvia o olhar, visivelmente desconcertado pelo elogio.

Vic não é tão ruim quanto seu pai o fez acreditar. Na verdade, dependo dele para um monte de coisas. Trey também. Vic é leal até o âmago, e isso significa muito para mim.

Ele é muito carismático. O engraçado é que ele não tem a menor ideia de que é popular, e que as garotas falam dele o tempo todo. Vic tem até uma torcida particular nas arquibancadas durante os jogos de futebol.

Quer queira ou não, Vic é o centro das atenções de quase todo o corpo estudantil. Olho para o corredor e vejo uma caloura apontar para ele e dar uma risadinha nervosa e, em seguida, tirar uma foto dele, de costas.

— O que está olhando? — Trey pergunta ao se aproximar por trás e me beijar o pescoço.

Viro-me e o abraço, apagando a imagem do corpaço de Vic da minha mente.

— Nada. E como foi sua primeira aula? — pergunto.

— Para ser franco, já me estressei — diz, andando para trás. — Vai ser difícil estar em todas essas aulas introdutórias sem nenhum grupo de estudo, e ainda com as provas e redações dos processos seletivos das faculdades. Para não falar do futebol. Estou sobrecarregado, e ainda é só o primeiro dia.

— Você não precisa fazer todas essas aulas puxadas — digo enquanto descemos o corredor. Não me passa despercebido que ele não está segurando a minha mão. Antigamente, ele segurava a minha mão sempre que estávamos nos corredores. Ele está uma pilha, e sua ansiedade é tão grande que não pode se concentrar em nosso relacionamento. Eu entendo. Você não se torna orador sendo um bom namorado. Você se destaca ganhando notas altas em matérias introdutórias. — Diminui sua carga, se está tão estressado.

— Não posso. Tantas coisas importantes acontecem este ano para mim. Você sabe disso.

— Eu sei.

Ele ajeita os livros, e um saquinho transparente cheio de comprimidos cai de dentro de um deles. Ele rapidamente o pega.

— Para que servem? — pergunto.

— Remédios para ansiedade que meu médico receitou — Trey diz. — Eles me acalmam.

Isso é esquisito. Ele nunca mencionou que estava tomando remédios.

— Por que estão num saquinho?

— Porque não queria trazer o frasco todo para a escola. Nada de mais.

Falo num tom mais baixo:

— Não quero ninguém achando que você está se drogando, Trey. São os traficantes que usam saquinhos. Seus pais preencheram um daqueles formulários para o departamento médico e…

— Aquilo é uma perda de tempo, Monika — ele diz, me interrompendo. — Além disso, não preciso de enfermeiras ou de estranhos sabendo das minhas coisas. — Ele parece puto com a minha sugestão.

Sinto um frio na barriga.

— Está bem.

— O último sinal vai tocar. Te vejo depois. — Ele sai apressado.

Tenho uma sensação de que algo estranho está acontecendo com Trey. Digo a mim mesma que é o nervosismo do primeiro dia de aula, já que ele quer tanto ser bem-sucedido na escola como no futebol.

Mas e se for mais alguma coisa?

## capítulo 5
# VICTOR

Os treinos de futebol com o técnico Dieter são massacrantes, especialmente no verão, quando é quente que nem um inferno do lado de fora. A temporada oficialmente começa na sexta-feira, por isso Dieter está nos fazendo trabalhar duro.

Depois das aulas, temos que ir para a academia e treinar por uma hora. Estou prestes a me juntar aos meus colegas quando vejo Heather Graves em pé perto da entrada. Ela está de óculos escuros e parece nervosa.

— Oi, Vic, posso falar com você?

— Claro. O que foi?

Ela tira os óculos escuros, revelando um roxo feio sob o olho. Não fico surpreso, considerando a maneira como seu namorado a agrediu.

— Eu, hã, só queria falar com você sobre a noite passada. Joe fica nervoso com facilidade, mas *juro* que foi a primeira vez que ele me bateu. De qualquer forma, vim aqui para te agradecer.

Ela diz isso como se eu fosse algum super-herói, mas não saio por aí procurando gente para salvar. Fiz o que qualquer um teria feito ao ver uma garota apanhando.

— Um cara jamais deve bater em uma garota.

Ela olha para o chão.

— Eu sei… Eu só… Ele só fica assim quando bebe. Ele tem um pai que o trata muito mal.

— Meu pai me trata muito mal, e eu nunca bati numa garota.

Ela suspira. E concorda.

— Terminamos. — Ela enxuga uma lágrima e se endireita. — Tenho que ir. Desculpe por te perturbar.

Ela se lança para a frente e me envolve num abraço, depois sai correndo.

Quando me viro, Jet está encostado na parede oposta. Ele obviamente viu a cena toda.

— Foi legal o que você fez por ela. Você sabia que o namorado dela era bom em artes marciais *antes* de começar a briga, ou só ficou sabendo depois?

— Durante — respondo, merecendo a gargalhada.

— Ei, Vic — Trey chama quando entro na academia e pulo na esteira. — Você vai ter que acelerar se quiser alcançar a metade da minha velocidade.

Trey e eu sempre competimos. Observo ele aumentar a velocidade de sua esteira.

— Venho correndo o verão todo, cara — digo, mantendo o ritmo. — Você não será o mais rápido do time por muito tempo. — E aumento a velocidade da minha esteira para igualar à dele.

Sua resposta é uma sonora gargalhada, enquanto ele acelera a sua esteira mais uma vez.

— Exibidos! — Ashtyn grita do outro lado da sala enquanto levanta pesos com seu namorado e nosso quarterback, Derek, que pega pesado com ela. Ashtyn usa as pernas, de modo que não precisa desenvolver a musculatura dos braços, mas ela, como eu, gosta de testar seus limites. Por isso, provavelmente, é que somos amigos. A gente se entende… a não ser pelo seu relacionamento com Derek Fitzpatrick, conhecido como "O Fitz". Eu não os entendo. Eles discutem o tempo todo, e ficar escutando eles baterem boca como um casal de velhos me deixa maluco.

— A fofoca é que Cassidy quer que você a leve à festa — Ashtyn diz para mim depois de terminar sua

série e secar a testa molhada com uma toalhinha toda rosa.

— Não vai rolar.

— Você tem que convidar *alguém*. Não pode faltar à festa no último ano, Vic.

— Humm… posso, sim.

Ela suspira.

— Escuta, Salazar, você vai à festa, quer queira, quer não.

— Você levanta no máximo vinte quilos. Acha que pode me forçar a fazer alguma coisa?

— Posso. — Ela me dá um tapinha nas costas. — Eu quero que você seja feliz.

Feliz? Que piada. Desço da esteira e vou até o bebedouro.

Ela me segue.

Num momento de fraqueza no ano passado, contei à Ashtyn que estava apaixonado pela Monika. Ela primeiro riu, achando que eu estava brincando. Mas então viu a minha cara séria e soube que era verdade.

Ela é a única que sabe disso, além da minha prima Isabel, e ambas juraram manter segredo.

Ashtyn toma um gole de água, e aí me olha com cara de pena.

— Chama *alguém* para a festa. Não tem ninguém que você goste um pouquinho?

Além da garota que não posso ter?

— Não.

— Muito bem, todo mundo — o técnico Dieter chama com sua voz de trovão. — Me encontrem no campo com *todo gás* em exatos quinze minutos. Quem se atrasar terá o prazer de correr mais algumas voltas. Está trinta e dois graus lá fora, rapazes, e, a não ser que queiram encharcar seus uniformes de suor, é melhor não se atrasarem.

Ninguém quer dar voltas extras no campo nesse calor, então todos correm para o vestiário para pôr o uniforme. Ash desaparece no vestiário feminino.

O armário de Trey é do lado do meu. Ele suspira diante dele.

— Como devo convidar a Monika para a festa? — ele pergunta em voz alta. — Quero fazer alguma coisa que a surpreenda.

Caramba. Mais falação sobre a festa? Eu preferia falar sobre uniformes encharcados de suor a essa altura. Ou furar meus olhos com agulhas.

— Escreve o pedido num biscoito com a cobertura e deixa por isso — sugere Jet.

— Isso já foi feito um trilhão de vezes. — Derek opina. — Vou convidar a Ashtyn escrevendo numa das bolas que serão usadas amanhã à noite. Quando estiver se aquecendo durante o jogo, ela vai ver.

— E se ela não achar? — Jet desafia. — E se quem achar for o atacante, Jose Herrejon? Vai à festa com ele?

— Não se preocupe. Deixe o romantismo por minha conta. Meu plano nunca falha. — Derek gesticula para Jet. — E qual pobre coitada você convidou, Jet?

Jet ergue as sobrancelhas.

— Estava pensando em convidar a Bree. Pelo menos sei que ela topa.

Atiro minha chuteira nele.

Jet a joga de volta, e então ele olha no espelho para a única coisa com que se importa além do seu carro: o seu cabelo.

— Quem você vai levar, Salazar? — ele pergunta enquanto avalia sua imagem no espelho e vê se seu cabelo está perfeitamente arrumado. Eu não o lembro de que em dois minutos ele vai pôr um capacete que amassará tudo.

— Ninguém. Não vou à festa.

— Todos temos que ir — diz Trey. — É a tradição.

— Você não pode quebrar a tradição — concorda Jet.

Trey levanta uma mão.

— Não se preocupem, rapazes. Eu vou descobrir uma maneira de levar nosso solteirão à festa, mas me deem alguma sugestão de como convidar a Monika. Juro que estou tão sobrecarregado que não consigo pensar nisso direito.

— Talvez você devesse largar todas aquelas aulas introdutórias e se juntar às pessoas comuns nas aulas normais, Trey — diz Jet. — Você não recebeu o memorando que diz que o terceiro ano é para ser o ano da moleza?

— Não quando você quer ser o orador, babaca — responde Trey.

— Jogadores *não podem* ser oradores — diz Jet. — Você vai alterar o equilíbrio do Universo se isso acontecer. Sou um jogador. Ninguém espera que eu seja um gênio. — Ele aponta para mim. — E olha o Salazar aqui… seu cérebro nem funciona completamente.

Empurro-o para fora do caminho.

— Vai à merda. Tenho neurônios. Eu apenas reduzo a capacidade quando estou com você, para que você possa entender o que estou dizendo.

Jet ri.

— Claro, cara.

— Jet, é um fato científico que o cérebro de ninguém funciona completamente — Trey intervém. — Apenas me diga o que fazer para a Monika.

Merda, se eu tivesse que convidar uma garota como a Monika para a festa, ia querer ter certeza de que ela se lembraria disso para sempre. Cutuco o ombro de Trey para chamar a sua atenção.

— Que tal fazer alguma coisa no campo? Providenciar que a banda toque alguma coisa romântica e arrumar um piquenique para ela na linha das cinquenta jardas?

Jet finge ter uma ânsia de vômito.

— Que ideia tosca, Vic. Cara, só leva a Monika ao parque temático Aventuras Selvagens e faz o convite quando estiver descendo uma das montanhas-russas. Ela nunca vai esquecer isso!

— Montanha-russa! Gostei — Trey diz com o rosto iluminado pela ideia. — Obrigado, Jet. Isso é ótimo.

*Montanha-russa?*

— Mas a Monika não odeia montanhas-russas? — pergunto, preferindo muito mais a minha ideia de piquenique no campo. É mais a cara dela. Ela é bonita e delicada, e sempre fala de filmes românticos.

— Vou segurar a mão dela e fazer isso ser romântico. — Ele pisca. — Já sei como.

— Dois minutos, rapazes! — berra o sr. Huntsinger, o assistente do técnico. — Arrastem esses traseiros para o campo agora, ou o técnico vai fazer vocês penarem!

Merda. Com toda essa conversa sobre a festa estamos atrasados. Todos os outros caras do time desapareceram, e provavelmente já estão fazendo o aquecimento. Rapidamente visto a camisa e saio correndo com Jet, Trey e Derek. Dieter está no campo, de olho no relógio.

— Vocês quatro estão atrasados um minuto e onze segundos — diz, e nos encara. — Espero mais de vocês, veteranos. Vão correr quatro voltas, parando na mesa para se reidratar a cada volta.

Droga. Largo o capacete e começo a correr. Nós quatro estamos derretendo sob o sol, que está nos matando.

Para falar a verdade, três de nós estão pingando de suor. Trey não está suado nem sem fôlego.

Trey é uma máquina, sempre pronto para correr, para desafiar cada um de nós e provar que é mais rápido. É como um jogo para ele — Trey sabe que vai ganhar todas as vezes. Um dia eu ainda o venço. É uma coisa que preciso fazer pelo meu ego.

— Me lembrem de nunca mais me atrasar — lamenta Jet. — Dieter não estava brincando. Meu saco está tão suado que está colando na colhoneira.

— Tenho uma ideia — Derek começa.

— Sobre nossas bolas suadas? — pergunta Jet, segurando o saco e ajeitando o volume sem discrição diante de um grupo de meninas que assistem da arquibancada.

— Não. Quer dizer, talvez. É sobre a festa. Devíamos todos ir para a casa da minha avó depois da festa — diz Derek.

Jet levanta a mão.

— Sua avó é um general, Derek. Você sabe que ela provavelmente levaria a melhor num confronto com Dieter.

— Vocês estão se esquecendo de uma coisa, gente — diz Trey, o único de nós que não está suado nem cansado nesse calorão. Ele é uma aberração da natureza.

Todos olhamos para ele quando Dieter apita para pararmos.

Meu melhor amigo me dá um tapinha nas costas, fazendo um barulhão nos protetores.

— Precisamos achar um par para o Vic, porque não vou se ele não for.

Não respondo.

A única garota que quero é a única que não posso ter. A garota *dele*.

É bom que ele não faça a menor ideia sobre por quem estou apaixonado.

Não me lembro direito do resto do treino. No caminho para casa, Trey fala sobre faculdades e inscrições. E eu ainda nem pensei nisso.

Trey entra na minha garagem. Quando salto do carro, vejo um cartaz com os dizeres: Número 56 do time da Fremont — Victor Salazar no meu gramado, e a porta da minha casa está cheia de frases animadoras e piegas como Você é capaz!, Nós amamos o Vic! e O melhor linebacker de Illinois!

Temos que amar as animadoras de torcida que decoram nossos armários na escola e as portas de nossas casas. Cada uma delas escreve um bilhete pessoal e cola na nossa porta de entrada. Meus olhos procuram o da Monika.

Para o meu amigo Vic,

Por favor, ajude o Trey a ganhar o primeiro jogo para que ele possa entrar na Harvard. Sem pressão "lol".

Sua amiga, Monika

Droga. Ashtyn está certa. Preciso seguir em frente.

Este é o problema: não sei como.

## capítulo 6
# MONIKA

A melhor parte de ter um namorado de quem seus pais gostam é que eles não se incomodam quando ele aparece. A pior parte de ter um namorado de quem seus pais gostam é que eles o tratam como se fosse o melhor amigo deles.

Pela segunda vez desde que Trey chegou do treino, meu pai nos interrompe. Na primeira, ele entrou na cozinha quando eu estava fazendo pipoca, antes de assistirmos a um filme. Ele perguntou ao Trey como foi o treino e se ele achava que a Fremont tinha alguma chance de ganhar o campeonato estadual.

Na segunda, papai veio até a gente na hora em que o filme estava prestes a começar. Ele pediu a opinião de Trey sobre a compra de uma parafusadeira elétrica com torque. Nem sei o que é torque, então fiquei jogando no celular até eles terminarem o assunto.

Trey segura minha mão quando nos aninhamos no sofá e diz:

— Te amo.

Olho para seu rosto bonito, sombrio e bem esculpido, e me afundo no calor de seu peito.

— Te amo também.

Queria dizer que andei me sentindo distante dele. Mesmo agora, que ele está me abraçando, sinto que há um muro entre nós.

Ele costumava ser o cara perfeito. Agora parece que, sempre que tem uma oportunidade de me deixar, ele se vai, sem nem olhar para trás.

Meu pai surge novamente na sala.

— Trey, posso te incomodar por alguns minutos? — pergunta. — Estou tentando trocar a cabeça de um sprinkler, e estou apanhando um bocado.

— Claro, dr. Fox — diz Trey sem hesitação.

— Papai, vamos ver um filme. — Minha voz soa queixosa. — Ele não pode te ajudar depois?

Trey me dá uma palmadinha no joelho e praticamente salta do sofá.

— Não seja insolente com seu pai. Volto já.

*Insolente?*

Costumava pensar que gostava do jeito de Trey usar aquilo que meu professor da segunda série chamava de "palavras que valem cinco dólares" em suas frases. Isso o tornava único e me fazia lembrar de quão inteligente ele era. Mas agora acho isso condescendente.

Trey sai da sala com meu pai, me deixando sozinha para acelerar os créditos e pausar no início do filme.

Sei que ajudar meu pai não é coisa rápida. Olho para o meu celular enquanto o tempo passa. Cinco minutos. Dez minutos. Quinze minutos.

O celular de Trey vibra. Deve ter caído do bolso dele quando sentou no sofá. Acho que é um de nossos amigos, mas não é.

**Zara:** Oi, baby! Sinto saudades, Einstein! Me liga quando estiver sozinho. Bjs.

Depois da mensagem tem um monte de coraçõezinhos.

Minha respiração fica mais lenta à medida que me dou conta do que está acontecendo. Meu namorado está me traindo. Apesar de não estar surpresa, me sinto entorpecida e com náuseas.

*Não tire conclusões precipitadas*, digo a mim mesma.

Leio a mensagem outras dez vezes, e *insolente* não descreve nada a respeito do meu estado de espírito.

Tentando não surtar ainda mais, vou lá fora e encontro meu pai, orgulhoso, mostrando a Trey o aparador de grama que comprou há algumas semanas. Trey está ajoelhado, examinando a máquina, enquanto meu pai animadamente explica como funciona. Observo ambos trabalhando juntos, tentando resolver algum problema. Eles se dão bem como pai e filho.

Trey finalmente percebe que os estou observando.

— Trey, tem uma mensagem para você — digo, estendendo o celular para ele. — Você deixou seu celular no sofá.

Ele pega o telefone e o enfia no bolso.

— Obrigado.

— Não vai ler? — pergunto, avaliando sua reação.

Ele, sem me olhar, responde:

— Depois.

— Entra com a Monika — papai diz a Trey. — Não quero interromper o programa de vocês.

— Tá tudo certo, dr. Fox. Não é, Monika? — meu namorado diz antes de piscar para mim e me dar aquele sorriso que só ele tem.

Me lembro da primeira vez que Trey sorriu para mim. Foi logo depois de um treino de animadoras de torcida no verão, antes de entrar no ensino médio. O time de futebol passou por nós a caminho do vestiário. Trey e Vic conversavam ao passar por mim. Vic acenou com a cabeça, enquanto Trey sorriu. O sorriso dele comunica confiança e sinceridade ao mesmo tempo. Apesar de querer conhecer Vic melhor, ele não me deu bola, e Trey deu. No dia seguinte, Trey me procurou perto do meu armário e me convidou para sair, sorrindo novamente. Namoramos desde então.

— Trey, precisamos conversar — digo a ele.

— Parece sério — diz papai. — Quer o conselho de um velho, Trey? Quando uma mulher diz que precisam conversar, se prepare — ele graceja, divertindo-se, enquanto algumas rugas lhe aparecem em torno dos olhos.

Trey ri.

— Obrigado pelo aviso, dr. Fox — ele diz ao me seguir em direção à sala. — O que foi, amor?

Engulo em seco e pergunto:

— Quem é Zara?

Um olhar confuso aparece no rosto de Trey.

— Zara? — ele repete como se nunca tivesse escutado o nome antes.

— É. Você sabe quem ela é, porque ela é um contato no seu telefone.

— Você estava olhando os meus contatos?

— Não, não olhei os seus contatos — respondo, na defensiva. — Surgiu na tela uma mensagem de uma garota chamada Zara. Lê aí.

Ele tira o celular do bolso. Depois de ler a mensagem, ele o enfia de volta no bolso.

— Isso era obviamente para outra pessoa. — Ele ergue a sobrancelha. — Você não pensou nem por um instante que esta mensagem era para mim, não é?

Agora estou confusa.

Tudo fica turvo na minha cabeça.

— Não sei o que pensar, Trey. É um pouco suspeito.

— Sério, você é hilária. É um pouco estúpido de sua parte achar que é suspeito. — Ele balança a cabeça, frustrado. — Não acredita em mim?

Eu costumava confiar em cada palavra que Trey dissesse. Ele sempre foi tão inteligente que eu o procurava em busca de conselhos e amizade. Mas, hoje, as palavras que saem de sua boca parecem vazias e forçadas.

— Não sei. Ela te chamou de Einstein, Trey. E isso é *muito* sua cara. — Quero acreditar nele, mas está difícil.

— Não estou mais com vontade de ver o filme. Vou embora. Quero dizer, se não pode acreditar no seu namorado, que conhece há três anos, esquece.

— Esquece o quê? Não quer falar sobre isso? Você nem me disse quem é essa garota. Ela está nos seus contatos, então você a conhece.

— Me desculpe se não quero ficar perto da minha namorada que se recusa a confiar em mim. — Ele começa a andar em direção à saída. — Acho que vou te ligar mais tarde.

Meu coração está acelerado, e não sei o que dizer para consertar isso.

— Trey…

Ele se vira.

— Quero confiar em você — digo a ele.

— Mas não confia.

— Não sei. Teve a história do remédio, e isso agora…

— Agora vai falar *daquilo* também? Não posso lidar com isso agora. Já tenho muita coisa com que me preocupar, Monika. Obrigado por me estressar.

Suas palavras me deixam tensa.

— Você fala como se eu só ficasse em casa e não fizesse nada o dia todo. Também tenho aulas introdutórias, Trey. Tenho escola. Sou uma animadora de torcida. Estou estressada.

— Você não tem um emprego ou a preocupação de como vai pagar sua faculdade. — Ele faz um gesto, apontando para as obras de arte e para o sistema moderno de som que nos cercam. — Seus pais podem pagar por sua faculdade e por sua manicure, que faz suas unhas o tempo todo. Eu, não. Você nem imagina o que é trabalhar e ir à escola ao mesmo tempo.

Sinto-me entorpecida agora, como se estivesse vivendo num mundo paralelo onde não posso expressar meus sentimentos ou minhas emoções sem ser condenada por isso.

— O que quer dizer?

— Estou dizendo que está agindo como uma menina mimada, esperando que eu seja o namorado perfeito quando não tenho como atender à sua expectativa. — Ele esfrega os olhos e respira e expira devagar. — Tenho que ir. Preciso esfriar a cabeça.

Ele sai, e sinto que o muro em torno do meu coração está crescendo. A sensação de que Trey anda distante ultimamente não é minha imaginação. Ele diz "te amo" como se fosse um robô treinado para dizê-lo, e não como se isso brotasse do seu coração. Ele sempre usa palavras difíceis em suas frases, mas não consegue mais dizer "te amo" como fazia antes.

— Cadê o Trey? — mamãe pergunta quando entro na cozinha minutos mais tarde, louca para chorar. — Achei que vocês estavam assistindo a um filme na sala.

— Estávamos. Mas ele foi embora.

— Está tudo bem?

Meus pais se preocupam bastante comigo. Não preciso dar mais motivos para isso.

— Sim. Está tudo bem.

— Ele é um rapaz tão bom. Você podia estar envolvida com aquele garoto Salazar. Aí teríamos um problema sério nas mãos.

— Vic é um cara legal, mamãe.

Ela me olha de soslaio.

— Não é o que ouço por aí. Seu tio Thomas me contou sobre um bate-boca na praia na outra noite. Ele sugeriu que Vic estava envolvido. Sei que Trey é amigo dele, mas você precisa mantê-lo a distância. Rapazes assim só trazem problema.

Eu poderia discutir com ela, mas não adianta. Mamãe não vai mudar sua opinião sobre Vic. Ela o rotulou como encrenqueiro e não está disposta a mudar de ideia, não importa o que eu diga. Além disso, ele se mete mesmo em brigas. Mas ninguém parece ver que na maioria das vezes ele é provocado ou está tentando proteger alguém. Ele tem uma maneira enfática de proteger aqueles de quem gosta. Ele nunca fala sobre isso nem se defende dos comentários e julgamentos que as pessoas fazem a seu respeito, como se os merecesse.

Uma partezinha de mim queria que Trey fosse um pouco parecido com Vic, se importasse mais com as pessoas que o amam do que com o ranking da classe.

Trey me acusou de não saber o que é trabalhar e estudar ao mesmo tempo.

— Mãe, posso arranjar um trabalho para depois da escola? — digo de repente.

— Preferia que não. Concentre-se nos seus deveres escolares em vez disso. — Ela me afaga o braço. — Além disso, você precisa dar uma trégua para o seu corpo. Você não pode se dar ao luxo de ter um contratempo e não poder ir à escola.

Sempre fui uma boa menina, aquela que segue ordens e não causa tumultos. E tudo que consegui com isso foi o status de menina mimada. E um rótulo de *incapaz* dos meus pais.

Cansei de ser uma boa menina, com medo de ultrapassar os limites ditados pelos meus pais, meus médicos e por mim mesma.

Está na hora de me rebelar, porque viver tão protegida não está funcionando para mim.

## capítulo 7
# VICTOR

Ser um estudante do último ano em Fremont tem suas vantagens. Também significa que somos responsáveis por provocar as escolas rivais. Para nossa sorte, isso é fácil. Nosso quarterback, Derek "O Fitz" Fitzpatrick, está tão ansioso quanto eu para começar o ano com uma provocação da qual se fale por muitos anos.

Estamos sentados no porão da casa da avó de Derek, comendo alguma coisa requintada que ela pediu para nós. Ela não tem a menor ideia de que Derek, Trey e Jet estão planejando algo memorável.

— Podíamos enrolar as casas deles com papel higiênico — Trey sugere enquanto recebe uma mensagem, e começa a digitar furiosamente em seu celular.

Derek finge bocejar.

— Ultrapassado, já foi feito.

Jet também não se impressiona com a sugestão.

— Precisamos de algo original, que nunca tenha sido feito antes.

Venho tentando pensar em algum trote que não termine nos colocando na cadeia.

— E se tingíssemos suas camisas de futebol com o dourado e preto da Fremont High? — sugere Derek.

Ver nossos rivais usando nossas cores ia ser bem engraçado.

— Como a gente pega as camisas deles? — pergunto.

Derek, com seu jeito metido e a confiança do tamanho do Texas, sorri.

— Confie em mim. Posso entrar numa prisão de segurança máxima se precisar.

— Será que não podíamos fazer algo mais fácil? — Tenho uma ideia. — E se pichássemos rebeldes no campo deles?

Nos entreolhamos. Derek tem habilidade para nos ajudar com isso. Trey tem o cérebro. Jet está pronto para qualquer coisa que o divirta. E eu? Não tenho medo de sujar as mãos e, apesar de não ter jeito para a arte, estou familiarizado com spray de tinta.

— Estou dentro — diz Jet.

— Eu também. — Derek fica de pé. Dá para ver que as engrenagens do seu cérebro estão se movendo. — Fiquei animado. Vai ser épico.

Todos olhamos para Trey, que ainda está digitando.

— Trey, larga essa porra de celular! — diz Jet, tentando lhe arrancar o aparelho da mão.

Jogo uma almofada no Trey.

— Então vamos nessa.

Trey parece tão preocupado que não sei se ele ouviu uma palavra sequer do nosso plano.

— Está bem. O que quer que vocês decidam está bom.

De repente a sra. Wentworth, avó de Derek, aparece. Ela acaba de se mudar do Texas para ficar mais próxima dele, porque sua mãe morreu e seu pai está na Marinha. Ela está em pé na base da escada do porão com um chapéu vermelho ridiculamente grande preso à cabeça.

Jet corre para ela com os braços abertos.

— Vovó Wentworth! — ele grita antes de abraçá-la de maneira exagerada.

A sra. Wentworth, com educação, dá tapinhas nas costas de Jet.

— Jacob, querido — ela o chama pelo seu verdadeiro nome, e não pelas iniciais como todo mundo. —

Por favor, não me chame de vovó. Sra. Wentworth está bom.

Jet ri.

— Tem certeza? Sra. Wentworth soa tão… formal.

— Se chama educação, Jacob. Você já ouviu falar nela? — A velha senhora pigarreia e ajeita o chapéu, que está agora pendendo para o lado devido ao abraço de Jet.

Quando a sra. Wentworth põe os olhos em mim, digo:

— Obrigado pela comida, sra. Wentworth.

Ela sorri.

— Foi um prazer, Victor. — Ela ergue a sobrancelha para uma única migalha de pão no chão. — O que vocês malandros estão aprontando esta noite?

Derek levanta a mão.

— Você não vai querer saber o que estamos fazendo, vó. Coisa de homem.

— Divirtam-se… mas não demais — acrescenta com o dedo apontado para nós. — E não façam nada ilegal, estão me ouvindo?

A sra. Wentworth nos deixa, mas não antes de Jet declarar que ela é uma vovó bonitona e merece um cara como ele. A mulher tem quase oitenta anos, o que nos faz rir. Nem sei ao certo se Jet está ou não brincando. Ele é conhecido por quebrar as regras sociais. Meus amigos não sabem viver dentro das normas, isso é certo.

— Vamos nos encontrar na casa do Jet na quinta, à meia-noite — digo a eles. — Algo epicoso está para começar.

Trey levanta os olhos.

— Não existe a palavra *epicoso*, Vic.

— Aí, Trey. — Abro os braços e dou um sorriso enorme. — Pergunta se me importo.

## capítulo 8
# MONIKA

À noite, quando meu corpo começa a relaxar e me sinto exausta, costumo deitar na cama e olhar para o teto e pensar.

Esta noite meus pensamentos estão inundados de Zara e de como descobrir quem é essa garota misteriosa.

Vou para o computador ver o que descubro. Ela não frequenta a minha escola, disso tenho certeza. Comecei a pesquisar sobre o pessoal da Fairfield High, nossa rival. Começo pela página do maior babaca de lá, Matthew Bonk, porque ele é popular e conhece todo mundo.

Dou uma olhada no seu perfil, me sentindo uma espiã. Ele postou um monte de fotos de seu tanquinho. O cara é certamente um egocêntrico, esperando que todos o adorem. Dou uma olhada rápida em todos os seus quatro mil amigos, procurando por uma garota chamada Zara.

Não demoro muito a achá-la.

— Então esta é ela — murmuro para mim mesma ao ver uma foto de Bonk posando com um monte de animadoras de torcida.

Uau! O cabelo rosa me lembra algodão-doce. Olhos azuis grandes. Pele de Branca de Neve. Ela é o oposto de mim. Seu nome é Zara Hughes.

Nunca vi essa garota antes, mas quando vou para o seu perfil me afogo em detalhes. Ela posta alguma coisa na sua página quase todo dia, ou uma foto, ou uma citação, ou um comentário sobre seu dia.

Ela não menciona nada sobre Trey, e não há fotos deles juntos. Mas então chego a uma postagem de junho, quando eu estava em um lugar a quatro horas daqui, passando férias com a minha família no condado de Door.

*Melhor noite da minha vida. Relacionamentos secretos são os melhores. Sem drama, sem bobagem.*

Meu coração começa a acelerar. Por mais que eu queira viver em negação, as peças do quebra-cabeça estão começando a se encaixar.

Pela manhã, meu namorado está diante do meu armário com uma rosa vermelha na mão.

— Desculpe por ontem à noite — diz, me estendendo a flor. — Estava estressado.

— Tudo bem — digo, pegando a rosa e notando que os espinhos ainda estão no caule. Espero que ele explique a mensagem de Zara. Ele não diz nada. — É só isso, Trey? Isso é tudo o que você tem a me dizer?

— Não. — Ele me olha nos olhos. — Para ser totalmente honesto, Zara é uma garota que conheci no Lollapalooza. Ela estava de sacanagem quando mandou a mensagem.

— Você *gosta* dela? — pergunto, hesitante, sem saber se quero ouvir a resposta.

— Como amiga, sim. — Ele levanta a mão num gesto de frustração diante da minha pergunta. — Não posso ter garotas como amigas?

— Pode. Mas espero que elas não deem em cima de você. Ela estava. — Na ponta da língua há uma pergunta que estou segurando… *Você dá em cima dela?*

— Não sei — ele responde rapidamente.

Acho que ele espera que o assunto se encerre. Mas não se encerrará.

Está longe disso.

Quando nossa turma aparece no corredor, Trey me abraça. É para manter as aparências, para que eles não saibam que nosso relacionamento está com problemas. Odeio essa encenação, mas sei que ele não quer que

eles saibam que as coisas não estão bem entre nós.

— Não vai nos dar o cano hoje à noite, cara — diz Vic para Trey. — Ou juro que chuto sua bunda.

— Cano em quê? — pergunto, curiosa. Trey não disse que sairia com os rapazes hoje à noite. Ele não tem partilhado muito de sua vida comigo ultimamente, por isso eu não devia me espantar.

— Um trote que vamos dar nos Rolling Meadows High — Derek entra na conversa. Ele olha em volta para se certificar de que não há professores por perto que possam ouvi-lo. — Vai ser incrível.

— O que vão fazer? — pergunto.

— É coisa de homem — diz Trey, me excluindo.

Rosno, o insulto queimando enquanto atiro o braço dele para longe.

— Coisa de *homem*? Jura?

— É, como o Vic trabalhando na oficina de carros do Enrique. É uma coisa de homem.

Ponho as mãos nos quadris.

— Eu podia trabalhar na Oficina do Enrique.

Jet, Derek e Trey riem. Vic parece horrorizado com o fato de terem mencionado isso.

— Vocês são muito machistas — Ashtyn intervém. — Monika pode fazer o que ela quiser, *incluindo* trabalhar na Oficina do Enrique.

— É — concordo. — Posso trabalhar na Oficina do Enrique se eu quiser.

Vic pega seu livro de matemática no armário.

— Não, não pode.

— E por que não?

Trey passa o braço pelos meus ombros novamente.

— Porque você não está acostumada ao trabalho manual e pode quebrar uma unha. — Ele acena para os rapazes. — Agora vamos combinar sobre hoje à noite.

Fico boquiaberta. Não acredito que ele acabou de dizer isso, e então olho para as minhas unhas recém-pintadas.

— Na casa do Jet — diz Vic. — Onze e meia em ponto. Eu levo o material enquanto vocês pensam na logística.

Ash balança a cabeça.

— Não deixem eles pegarem vocês.

— Não vamos deixar — diz Jet, confiante. — Temos máscaras.

— Ah, claro — Ash diz sarcasticamente. — Como se colocar uma máscara estúpida fosse garantia de não se meter em confusão.

Derek a beija.

— Não se preocupe, linda. Não é a primeira vez que vou dar um trote, e não será a última. Vocês meninas não levam jeito para essas coisas.

Ash e eu nos entreolhamos, sarcásticas.

Isso é o que ele pensa.

## capítulo 9
# VICTOR

Vou de caminhonete até a casa do Jet, pronto para a brincadeira que dará início ao nosso último ano. Derek e Jet estão me aguardando na garagem. Estamos todos vestidos com camiseta e moletom pretos.

— Não podemos mostrar nossa cara. Eles podem ter câmeras de vigilância — diz Derek, distribuindo orgulhosamente quatro toucas pretas nas quais ele fez buracos para os olhos, e assim podemos cobrir a cara com elas.

— Cadê o Trey? — pergunto.

— Bem, sobre isso... — Jet levanta a mão. — Recebi uma mensagem dele. Não virá. Parece que vai ficar trabalhando nas inscrições para as faculdades ou algo do gênero.

Merda.

— Não importa — Derek diz, chateado. — Podemos fazer isso sem ele.

Não quero fazer sem ele. Tento ligar para Trey, mas cai direto na caixa postal. Tento mandar uma mensagem, mas ele não responde.

— O que há de errado com o Trey ultimamente? — pergunta Derek. — Ele está sempre preocupado.

Jet salta para o banco de trás.

— Nem é mais divertido sair com ele. Posso jurar que ele ficou mandando mensagem de texto na porra daquele celular o tempo todo que ficamos juntos ontem.

— Ele está fazendo muita coisa — digo, defendendo meu melhor amigo, apesar de estar puto com ele. — Vamos aplicar esse trote logo.

Entrar na Rolling Meadows High e dar uma olhada faz a adrenalina correr nas minhas veias. Para nossa sorte, a escola não tem vigilância vinte e quatro horas por dia. Mas, para agir com maior segurança, estacionamos a um quarteirão dali.

— Parecemos ridículos — diz Jet, tentando acertar os olhos nos buracos da máscara. — Os buracos não estão alinhados na minha máscara — ele reclama ao saltarmos da caminhonete com as latas de spray. — Só consigo ver com um olho.

Os buracos estão tão afastados que ele parece um ciclope, mas não temos tempo para consertar isso, porque, quanto mais ficarmos aqui, maior o risco. Não pretendo ser pego.

Cada um de nós pega umas duas latas e corre para o campo de futebol dos nossos rivais.

— Não consigo ver nada com essa merda de touca — Jet reclama.

— Fiz o melhor que pude. Dá um jeito, cara — responde Derek.

Dobramos a esquina prontos para pular o cercado quando vejo duas silhuetas escondidas nas sombras. Paro, pronto para correr para longe dali, quando as figuras aparecem na luz.

Não é possível.

— O que vocês duas estão fazendo aqui? — pergunto, surpreso ao ver Monika e Ashtyn em pé diante da cerca. Olho imediatamente para Monika. Ela está usando uma camiseta amarela e um jeans justinho que marca seu corpo curvilíneo.

Droga. Ela está linda.

— Queríamos ajudar vocês, rapazes — diz Monika.

Jet tenta arrumar a touca.

— Monika? Ashtyn? — ele pergunta, tentando enxergar por um único buraco.

— Vocês *não podem* ajudar. Vão para casa.

— Isso, vão para casa — Derek diz, puxando Ash para o lado. — Se você se meter numa encrenca, seu pai vai ficar maluco.

— Não me importo — diz Ash com teimosia.

Monika põe as mãos nos quadris e projeta o queixo para a frente. Com esses gestos ela fica mais atraente, e não desafiadora.

— Vamos ajudar vocês, rapazes, quer vocês queiram ou não. Então vocês podem perder tempo discutindo com a gente, ou podemos fazer isso rapidamente. Como vai ser?

Derek revira os olhos.

— Vocês duas estão me matando.

Monika olha à sua volta.

— Cadê o Trey?

— Nos deu um bolo — digo.

Ela pisca seus lindos olhos verde-água.

— Como?

— Vamos nessa — diz Derek, ajudando Ash a escalar a cerca depois de cobrir o rosto dela com a sua touca.

— Estarei com vocês em um minuto — digo, pegando Monika pelo braço e puxando-a para um canto.

— Que foi? — Monika diz com tanta determinação e vontade que me faz querer beijá-la. — Eu *quero* fazer isso. Você não vai me impedir.

Tento me concentrar e fingir que não estou enfeitiçado por seus olhos brilhantes e seus lábios carnudos.

— Vai para casa, Monika. Você não tem jeito para essas coisas.

O que quero dizer é que não a quero aqui por sua própria segurança. Nunca me perdoaria se ela ficasse em apuros. Ou se machucasse.

— Não tenho jeito para essas coisas? Isso é tão grosseiro. — ela responde, furiosa. Empurrando-me, ela começa a escalar a cerca. Seus pés são pequenos, e ela é delicada demais para fazer o que pretende.

— Desce daí, Monika! — cochicho o mais alto que posso. Droga! Se alguém nos escutar certamente chamará a polícia. É a última coisa que preciso que aconteça.

— Não. Se a Ash pode, eu também posso.

Caramba.

— Então deixa eu te ajudar.

— Não.

— Deixa de ser teimosa.

— Posso ser tão teimosa quanto quiser, Vic. É a minha vida. Se quero escalar uma *droga* de cerca, eu escalarei.

Sigo-a rapidamente, na esperança de que ela perceba que não é uma boa ideia. Monika está quase no topo.

— Não caia — peço a ela.

— Não vou cair.

Mas, na descida, seu pé escorrega, e, faltando um metro e meio para chegar ao chão, ela cai com um baque seco. Meu coração para.

— Você está bem? — grito feito um maluco ao pular a cerca, ajoelhando-me ao seu lado.

Ela se senta devagar e diz fracamente:

— Me deixe em paz. Acho que estou bem, por isso pode ir.

— Você *acha* que está bem?

Ela espana a poeira dos joelhos.

— Não vou embora, se é o que está pensando. Caí, e daí, Vic? Pare de me olhar como se eu tivesse ficado aleijada. Eu não quero nem preciso disso.

Balanço a cabeça, e aí ergo as mãos, me rendendo.

— Tá bom, tá bom. Faça como quiser, Monika.

Jet corre até nós, tropeçando e quase batendo num banco fora de lugar porque ainda está olhando apenas por um buraco dos olhos.

— A blusa dela brilha como um marcador de texto amarelo, Vic. Se Monika não vai embora, dê sua camisa para ela e cobre essa merda.

— Toma — digo, tirando a camisa e entregando para ela. — Veste isso e espera aqui. Volto já.

Corro até a caminhonete e pego a quarta máscara que era para o Trey, volto para o campo e cubro o seu rosto com a máscara.

— Não vejo nada — ela reclama enquanto se segura na cerca e se levanta. Monika arranca a máscara e joga em mim.

— É o menor dos seus problemas. Você se machucou — digo ao vê-la mancar antes de se endireitar.

— Está *tudo bem*.

Ela arranca uma lata de spray da minha mão e se afasta. Ela acha que disfarçou que está mancando, mas eu percebo totalmente.

Quando chegamos no meio do campo, Derek e Ashtyn estão conversando alto, o que não deveria acontecer numa operação secreta.

— Você escreveu errado — Ash está dizendo para Derek. — "Rebeldes são o numro 1"? Amor, você esqueceu do "e" de *número*.

Jet ri.

— Se eu conseguisse enxergar com essa touca que pinica, teria me certificado de que ele ia escrever certo. Derek, quando você busca na internet "jogador burro", qual a imagem que aparece?

Vou até a palavra e escrevo o "e" de *numero*, mas esqueço o acento.

— Bela correção, *amigo* — diz Jet, me dando um tapinha no ombro.

— Merda! — grita Derek. — É a polícia!

Viro-me para ver a viatura entrando no estacionamento da escola com um holofote virado para o campo.

— Vamos dar o fora! — grita Jet, correndo para a cerca com Derek e Ashtyn logo atrás.

Olho para uma Monika em pânico. Não há como ela correr até o carro sem ser vista.

Corro até ela e agarro sua mão.

— Vamos — digo, levando-a para perto das arquibancadas. — Deita aí, embaixo de um dos bancos.

Sem dizer mais nada, estamos deitados um sobre o outro, nos apertando juntos debaixo de um dos bancos. A adrenalina está a toda nas minhas veias. Ser pego com Monika Fox nas arquibancadas, com latas de spray nas mãos, não é uma boa perspectiva. Quero protegê-la, mas e se formos pegos?

Não me importo comigo mesmo, mas preciso levá-la sã e salva para casa.

— Você quebrou o tornozelo quando caiu? — sussurro. — Porque, mesmo que a gente consiga sair daqui sem ser pego, você não vai conseguir passar por cima daquela cerca.

— Não quebrei nada, Vic — ela diz, com a voz tão fraca como se estivesse apenas movimentando os

lábios. — Estou bem. Lido com a dor diariamente.

Espera. O quê?

— O que você quer dizer com isso?

Ela desvia o olhar.

— Nada. Esquece, se concentra apenas em nos tirar daqui.

## capítulo 10
# MONIKA

Observamos a polícia patrulhar o campo de futebol.

— Eles ainda não viram a pichação, mas verão — Vic sussurra enquanto espia, por cima dos bancos, os policiais saindo do carro. — Precisamos sair daqui.

Minhas articulações doem mais do que de costume. A queda provocou um mau jeito no meu joelho.

— Eu não sei se consigo me mexer.

— Eu te carrego. — Ele aponta para uma saída lateral. — Estou vendo uma abertura na cerca. Você consegue pular lá para baixo?

— Acho que sim.

— Tem certeza? — Sua cara é só preocupação. — Eu posso te carregar, e não tem que se preocupar com nada, tá?

Ele está sério, como se me proteger da polícia fosse sua prioridade.

— Não fique bravo comigo por ter vindo aqui. — Desvio o olhar. — Desculpe.

— Tá tudo bem.

— Pensei que conseguisse fazer isso.

Estou muito chateada por ter me desafiado a provar a todos que era capaz de aplicar um trote.

— E você *consegue*. Vamos — Vic diz ao mergulhar sob as arquibancadas. Ele estende as mãos para mim e diz: — Pula.

Olho para ele lá embaixo.

— Estou com medo.

— Vou te pegar — ele sussurra, gesticulando para eu pular. — Confie em mim.

Respiro fundo e dou um gemido ao me atirar pela abertura e pular em seus braços. Vic me segura junto a ele enquanto passo os braços pelo seu pescoço.

— E agora? — pergunto, enquanto encosto em seu peito musculoso e nu.

— Segura firme — ele diz ao se dirigir para a cerca coberta por alguns arbustos no lado oposto do campo em que os policiais estão.

Se formos pegos, estaremos encrencados. Mas Vic é um especialista nisso e consegue nos levar com segurança até a cerca, e acha uma maneira de passarmos por baixo em um lugar em que ela está meio solta.

Comigo agarrada a ele, Vic corre pelas ruas até que estejamos longe da escola.

— Obrigada — agradeço, respirando aliviada. — Você me salvou esta noite.

Seus olhos encontram os meus, e nesse abraço, com seu peito nu contra a minha pele, sinto uma intimidade que há tempos não sentia, ou talvez nunca senti. Deve ser o efeito colateral da minha adrenalina, porque luto contra o desejo de abraçá-lo apertado.

Meus lábios ficam secos de repente. Eu os umedeço.

— Vic?

Ele agora está fitando meus lábios recém-umedecidos.

— Sim?

Há um longo silêncio enquanto nos olhamos.

Nenhum de nós fala nada, mas posso jurar que vejo algo doce e suave nas profundezas de seus olhos cor

de chocolate. Nunca percebi isso antes, mas seus olhos são hipnóticos.

Intoxicantes.

Sinto-me tão vulnerável emocional e fisicamente. Isso é tão forte. Forte demais.

— Hã… você pode me pôr no chão agora — digo, precisando cortar o clima.

— Ah, desculpe — ele balbucia, e aí me põe no chão devagar.

Afasto-me dele, e o calor de seu corpo é substituído pelo ar frio da noite. Ainda me sinto tonta e confusa. Sem saber o que dizer sem fazer papel de boba, tiro o celular do bolso e ligo para Ashtyn.

— Está tudo bem? — pergunta Vic quando desligo. Ele enfia as mãos nos bolsos como se estivesse agitado e não soubesse o que fazer com elas.

— Está. Ash e os rapazes estão vindo nos buscar.

Ele concorda. Depois de um minuto, Vic dispara:

— O que vamos dizer a Trey?

Será que ele está se referindo ao fato de que me juntei aos rapazes hoje à noite, ou ao fato de que algo aconteceu entre nós que não era assim tão inocente? Quero dizer, foi inocente, mas senti uma intimidade.

— Eu não vou contar nada a ele — respondo.

— Guardar segredo de seu namorado provavelmente não é uma boa ideia.

Torço o canto da boca.

— E pintar com spray o campo de futebol de nossos rivais também não.

— Você está certa — ele diz quando nossos cúmplices estão chegando.

Entramos correndo na caminhonete.

— Foi uma noite épica — diz Derek. — Não foi, rapazes?

Estou sentada ao lado de Vic, e nossos dedos estão quase se tocando.

— Foi. — Falo pensando no porquê de estar tendo outra onda de pensamentos malucos com o melhor amigo de Trey.

Afasto esses pensamentos e me concentro na dor excruciante do meu joelho. É mais fácil pensar nisso do que em qualquer outra coisa.

## capítulo 11
# VICTOR

Assim que o sr. Miller nos divide em grupos para que possamos discutir sobre experimentos sociais, o inspetor Jim bate na porta da sala.

— A diretora Finnigan está chamando Victor Salazar. — Ele aponta para mim e faz um gesto para que o siga.

— Sr. Salazar, o senhor acha que é possível passar uma semana na minha aula sem ser chamado à direção? — pergunta Miller, e acrescenta: — Não é uma pergunta retórica.

Dou de ombros.

— Não sei, sr. Miller. A diretora Finnigan obviamente não tem nada melhor a fazer do que bater um papo comigo.

Miller dá uma risada curta.

— Posso apostar. Volte rápido ou vai perder o trabalho de hoje.

— Sim, senhor.

Vejo a Monika, que está com seu grupo num canto. Ela me lança um olhar cúmplice.

Ambos sabemos que estou sendo chamado à direção por causa do trote da noite passada. Formo as palavras "Deixa comigo" com os lábios, sem emitir nenhum som, para tranquilizá-la. Posso ver quanto está apreensiva pelas sobrancelhas arqueadas.

Quando chego na sala de Finnigan, Trey, Jet e Derek já estão lá. O técnico Dieter também. Ele não parece feliz. Finnigan deve ter comido o rabo dele.

— Vamos direto ao assunto, rapazes. Quem foi? — Finnigan pergunta muito séria enquanto anda de um lado para o outro.

— Quem foi que fez o quê? — pergunta Jet, agindo como se não soubesse que o campo de futebol dos Rolling Meadows está pichado.

— Não sei do que está falando, senhora — Derek diz, carregando no sotaque texano.

— Pode explicar para que a gente possa entender? — Trey acrescenta, seguindo a deixa.

— É, não faço a menor ideia — acrescento.

Finnigan fica diante de mim.

— Deixa eu te dizer uma coisa, Victor. Nem Dieter nem eu somos idiotas. Vocês quatro são os cabeças do time de futebol, ou deveria dizer os encrenqueiros? Um de vocês, ou todos, é o responsável. Quem vai abrir o bico?

Ninguém se mexe.

— Rapazes, vocês sabem que vandalizar a propriedade alheia é crime — começa Dieter. — Claro que quem fez isso vai ser suspenso e mandado para casa. Além disso, nós teremos que informar a polícia.

— Talvez tenham sido os jogadores do Rolling Meadows tentando nos arranjar problemas — digo, impressionado por ter tido essa ideia tão rápido.

Dieter me encara.

— Talvez tenha sido você, Salazar, porque a palavra *numero* está em espanhol.

— Desculpe, senhor — intervém Trey. — Mas mais da metade dos estudantes faz espanhol como língua estrangeira.

— Quer se entregar, Trey? — Dieter vocifera. — É só falar.

— Não foi ele — digo. — Ouvi umas minas falando em pregar uma peça no Rolling Meadows. Não fomos nós.

— Minas? — Finnigan pergunta. — Você quer dizer *garotas*?

— Na verdade, também ouvi — Jet reforça. — Garotas podem ser encrenqueiras de verdade, sabe?

— Certo, espertinhos, vocês se importam em dizer de quais meninas estamos falando? — Finnigan pergunta. — Para que a gente possa chamar a polícia para interrogá-las?

— Esqueci.

— Tem um problema de memória, Salazar? — Dieter me pergunta. — Talvez tenha apanhado muitas vezes na cabeça e esteja com uma concussão. Nosso preparador físico ficará *mais* do que feliz em te examinar.

— Minha cabeça está ótima, treinador. Minha família tem Alzheimer. É genético, sabe?

Finnigan bate palmas duas vezes, como se precisasse chamar a atenção de crianças do jardim de infância.

— Rapazes, vocês vão nos contar quem estragou o campo de futebol do Rolling Meadows? — Quando permanecemos calados, ela bufa. — Tudo bem. Nós temos que fazer um esforço para punir os envolvidos. Então é o seguinte, senhores: vou ser benevolente dessa vez e oferecer uma suspensão dentro da escola para aquele que se entregar. Vamos dizer às autoridades que estamos dando um jeito por aqui. Mas se ninguém se entregar, vou suspender todos vocês do jogo de hoje à noite.

— Fui eu — me acuso. Não vou deixar meus amigos numa roubada. Uma suspensão na escola não vai significar nada no meu histórico escolar, porque ele já está cheio de anotações sobre coisas que fiz ou fui acusado de fazer.

— Não foi o Salazar — diz Jet. — Conta a verdade pra ela. Fui eu.

Derek revira os olhos.

— Jet está mentindo descaradamente. Fui eu.

Todos olhamos para Trey.

— Não fui eu — ele diz, levantando as mãos. — Preciso manter meu histórico escolar limpo.

— Obrigado por nos defender, Trey — digo e levanto a mão. — Pode me suspender, dona.

— Ótimo. — Finnigan parece satisfeita que seja sempre eu a assumir a culpa pela turma. — Estão todos dispensados. Menos você, sr. Salazar. Vou escoltá-lo pessoalmente à sala de suspensão.

— Mal posso esperar — digo a ela, enquanto penso que prefiro estar em qualquer lugar, menos na sala de suspensão.

## capítulo 12
# MONIKA

Finalmente chegou o dia do primeiro jogo de futebol da temporada. Todos estão eufóricos. Estou na beira do campo torcendo, sentindo a animação da torcida com a esperança de uma vitória. Tenho uns hematomas devido à queda da cerca ontem, e o meu corpo está mais dolorido do que de costume, mas não me importo. Escutar os fãs aos gritos e a animação toda do jogo absorve toda a minha concentração.

Entre uma e outra coreografia, assisto ao jogo. Meus olhos imediatamente focalizam Trey. Ele está disposto a se destacar. Está tão compenetrado que acho que não olhou uma única vez para as arquibancadas. Nem quando a defesa estava em campo e ele descansando.

Nem olhou para mim.

Olho para Vic, que acaba de sair para que entre a linha ofensiva. Está no bebedouro, e quando tira o capacete o cabelo lhe cai na testa. Não consigo desviar o olhar nem evitar arrepios em meus braços quando seus olhos escuros e intensos encontram os meus.

Lembro da noite passada, deitada com ele nas arquibancadas. Não sei se Vic percebeu que sua mão estava no meu cabelo, me amparando. Ele instintivamente estava me protegendo.

Onde estou com a cabeça? O que estou sentindo?

Não sei direito. Ultimamente tenho estado confusa, e as minhas emoções estão uma bagunça.

Sorrio para Vic, e entro na formação para a próxima coreografia. Cassidy Richards está ao meu lado e faz um gesto de desaprovação com a cabeça. Seus lábios formam uma linha estreita e fina.

— Você está bem? — pergunto a ela.

— Estou ótima — responde rapidamente.

— Tem certeza? — Ela não está agindo como se estivesse tudo bem.

Ela revira os olhos um pouquinho só, como se a minha preocupação a chateasse.

— Eu *disse* que estou bem. Fim de papo.

Uau.

— Certo.

Dizer que Cassidy tem estado de mau humor é pouco. Imagino que seja o estresse do início das aulas. Parece que todo mundo à minha volta anda estressado ultimamente.

Bem, com exceção da Bree. Essa garota não se abala com nada. Ela é tão centrada em si mesma que é alheia ao mundo à sua volta.

— Pronta? — Bree grita com um enorme sorriso branco. Ela chama isso de *sorriso de animadora de torcida*.

— Pronta! — grito de volta.

Começamos nossa próxima coreografia.

*Somos os Rebeldes, somos os melhores!*
*Não desistimos até sermos os vencedores!*
*Fremont High, isso te leva a qual local?*
*Direto ao Campeonato Estadual!*
*Sim!*

*U-huuu!*

Bree criou esses versinhos, que ficaram bem melhores do que os primeiros, que diziam que Fremont tinha o time mais bonito e que olhar nossos rivais no espelho nos fazia gritar de medo. Pode deixar com a Bree sempre que quiser versinhos toscos.

Depois do intervalo, Jet corre para a Bree antes que soe o apito e comece o segundo tempo.

— Ei, Bree! — Jet berra acima da multidão.

Ela morde o lábio inferior.

— O que foi?

— Você vai à festa comigo!

Bree dá uma risada curta e põe a mão sobre o lábio.

— Sério, Jet? Isso foi um convite ou um comunicado?

Para não perder a ocasião, já que todos estão olhando para ele, Jet põe um joelho no chão. Ele ainda está coberto com a parafernália toda do uniforme, inclusive o capacete. Para a multidão deve parecer que ele está pedindo ela em casamento.

E a multidão enlouquece.

Ele pega a mão dela.

— Bree Turner, você me daria o prazer de ir à festa comigo?

— Está bem. Vou com você. Agora se levanta. Está pagando o maior mico.

Todo mundo que conhece a Bree sabe que ela adora uma cena. Isso é *tão* a cara dela.

Em vez de voltar para junto de seus colegas, Jet abre os braços como uma águia voando e berra para a multidão:

— Ela disse sim!

Todos estão comemorando aos berros quando ele a ergue do chão e rodopia com ela antes de levar uma bronca do técnico para voltar para o time.

— Que vergonha! — diz Bree depois que Jet volta para o campo. — Agora metade da escola acha que estamos noivos.

Ela abre um grande sorriso.

— E daí? Você adora ele — digo.

— É. Numa amizade mais para colorida. Quero dizer, ele é modelo e bonitão. — Ela olha o traseiro dele, e então ergue as sobrancelhas. — E ele sabe como mexer com o corpo de uma garota, o que é um bônus. Mas não quero um namorado. Eca!

— Obrigada — respondo.

— Funciona para você e o Trey — diz ela, andando para trás —, mas não para mim.

— Você e o Jet *deviam* se casar. Vocês são farinha do mesmo saco.

Ela me olha com curiosidade.

— Falando de vida de casado, o Trey já te convidou para a festa?

Faço um gesto negativo com a cabeça. No momento em que Bree souber que estamos com problemas, metade da escola ficará sabendo também.

— Não.

— É só uma questão de tempo. Você, Ashtyn e eu teremos que comprar vestidos.

Ela sai em direção a Ashtyn, que está chutando a bola contra uma rede de treino. Ela pega outra bola e a observa. Pela distância, posso dizer que está lendo algo na bola. Com um gritinho ela corre até Derek e diz

“sim” antes de lhe dar um abraço apertado.

Sim, ele acaba de convidá-la. Sem a menor sombra de dúvida. Enquanto estou aqui alegre por minha melhor amiga, meu coração começa a afundar no peito com a certeza de que Trey e eu não estamos tão apaixonados um pelo outro como Ashtyn e Derek.

Olho para Trey. Ele provavelmente nem pensou em me convidar para a festa. Está muito ocupado com tudo o mais, inclusive com Zara Hughes.

Bree tamborila no meu ombro as unhas perfeitamente decoradas com pequenos corações dourados.

— Precisamos fazer a Ashtyn parecer uma garota de verdade pelo menos uma vez na vida, e não com um jogador de futebol. A festa é nossa oportunidade!

— Se eu for — digo a ela.

— Trey vai te convidar. Já não estou tão certa quanto ao nosso permanente mal-humorado Vic. Ele parece ser uma causa perdida.

Ambas olhamos para Vic. Não é de surpreender que esteja cara a cara com um jogador do outro time. Cruzo os dedos para que ele não se meta numa confusão e acabe expulso de campo.

— Deixa de ser babaca e vê se esquece isso! — O pai de Vic rosna alto das arquibancadas. Todos podem escutá-lo, inclusive o time adversário.

Depois do bate-boca, Vic olha de relance para onde seu pai está sentado. O sr. Salazar está puto porque Vic quase se meteu numa briga.

Normalmente Vic costuma parecer concentrado e determinado. Mas agora tem um ar quase de provocação. Ele enfia o capacete na cabeça e corre para o campo. Na próxima jogada, Vic empurra o atacante para fora do caminho e põe o quarterback para correr, até que o joga no chão com tanta força que é surpreendente que não tenham ficado sem ar. A torcida comemora, e os rapazes do nosso time dão batidinhas no capacete de Vic para lhe agradecer, mas ele parece não perceber nada disso.

Ele se posiciona novamente no campo, pronto para a continuação da jogada.

Posso sentir a tensão de Vic no ar, como se fosse uma nuvem espessa sobre sua cabeça. Tenho um pressentimento ruim quando ele bate no atacante no segundo lance. Ele mergulha por cima de dois caras para alcançá-lo — um movimento arriscado e pouco recomendado.

O técnico Dieter deve ter reparado que Vic está reagindo emocionalmente, e não fazendo jogadas pensadas. Ele grita para ele sair de campo, mas Vic o ignora e entra na formação para o próximo lance.

Dois caras da linha de defesa correm na direção de Vic. Ele tenta abrir caminho entre eles, com a cabeça baixa.

Ai, não!

Não jogo futebol, mas conheço o suficiente para saber que ele vai acabar se machucando se continuar jogando desse jeito. Algo lá no fundo me faz sentir um calafrio só de pensar que ele possa se machucar.

Vic sai de campo quando começamos um novo ataque.

Dieter segura Vic pela grade do capacete.

— Que diabos foi aquilo, Salazar? — grita.

Não é difícil escutar o que dizem um para o outro.

— Eu tenho coragem — responde Vic.

— Não quero saber, Salazar. Quero que jogue com o coração, não de maneira burra e desleixada. Se fizer mais uma jogada suicida dessas, vai ficar no banco o resto do jogo.

Quando o técnico o solta, Vic está tão nervoso que está prestes a dar na cara do técnico, mas Trey, Jet e Derek o seguram. Os três precisam fazer força para contê-lo.

— Monika! — Bree fala, sacudindo a mão na frente do rosto para chamar a minha atenção. — Pare de assistir ao jogo e comece a coreografia.

Mas não estou assistindo ao jogo.

Estou assistindo Vic perder a cabeça.

## capítulo 13
# VICTOR

E daí? Perdi totalmente a cabeça no jogo da noite passada. Quando meu pai começou a berrar comigo das arquibancadas, e eu sabia que a Monika podia ouvir seus xingamentos, fiquei tão puto que não consegui controlar minha raiva. Descontei no time adversário, no Dieter, nos meus amigos…

Controle é a única coisa que me resta. E agora estou perdendo isso também.

Esta manhã estou quase saindo de casa quando *mi papá* me para na porta e diz:

— Você é um idiota, Victor.

— Obrigado, pai.

Deixo por conta de *papá* me lembrar constantemente que não chego nem perto de atender suas expectativas como filho.

— Estou atrasado para o trabalho — digo, já esperando o próximo insulto, porque isso é o que ele faz de melhor.

*Papá* odeia meu trabalho. Ele também acha que futebol e ser um jogador, as duas coisas que melhor me definem, são uma perda de tempo. Ele vai aos jogos para aparecer e para fazer com que todos pensem que ele é um pai que me apoia. A verdade é que *papá* preferia que eu tivesse entrado para o Futuros Empreendedores da América. O fato de eu não ter tentado uma vaga de estágio na Fortune 500 neste último verão o aborrece. Ele nunca fala com orgulho que seu filho é jogador de futebol no colégio estadual e trabalha numa oficina mecânica, sujando as mãos para ganhar um salário de merda.

Ele agita um dedo na minha cara.

— Sabe o que o filho de Jack Weigel fez neste verão? Trabalhou para uma financeira, no centro.

— Além de jogar futebol duas vezes por dia, eu arrumei um emprego.

Ele balança a cabeça, demonstrando desapontamento.

— Você chama aquela oficina caída de emprego?

— *Sí*.

— Não se engane. Trabalhar numa oficina é no melhor dos casos um passatempo, Victor. Quanto a Isa te paga? Um salário mínimo?

Dou de ombros.

— Às vezes um pouco menos.

— Quer ganhar salário mínimo pelo resto da sua vida? — pergunta, desgostoso. — Sabe o que mais? Vou construir uma *choza* no quintal para que você possa experimentar como é viver com um salário mínimo.

— Ela é da família — digo, na esperança de pôr um ponto final no assunto. É difícil, porque as minhas veias estão queimando e o meu corpo está ficando tenso. Por mais que diga para mim mesmo que o que ele diz não importa, meu corpo reage, descontrolado.

— Isa é um lixo. — Ele cospe, mostrando escárnio.

*Aguenta*.

Passo por ele e saio da casa para o ar fresco.

Saio na moto velha e enferrujada que Isa me deu como pagamento pelo trabalho no verão passado. Pouco depois passo pelas pistas e vou para Fairfield, a cidade da escola rival. Atravesso as ruas, totalmente consciente de que é território inimigo, mas ajo como se não me importasse. Bem, na verdade *não* me importo

mesmo. Se alguém quiser partir para me pegar, estou pronto. Digamos que nunca fugi de uma briga. E posso ter começado umas poucas.

Ou até mais, porque não fico contando.

Não é que eu goste de usar os punhos, apenas estou acostumado a fazê-lo. Quando era mais novo, me acovardava quando alguém implicava comigo. Um dia, no casamento do meu primo, *mi papá* me puxou de lado depois que um *pendejo* me deu um empurrão. *Papá* me segurou pela camisa e disse que eu precisava embrutecer se quisesse me tornar um homem de verdade.

Depois de algum tempo ele deixou de ser meu herói.

E me tornei um babaca.

— Está atrasado — diz Isa assim que chego na oficina.

— Me manda embora, então. — Visto o macacão azul que estava pendurado na parede no fundo do escritório.

Ela chicoteia um pano sujo em mim.

— Você sabe que não posso mandá-lo embora, *pendejo*. Você é o único que trabalha por um prato de comida quente, uns trocados para a gasolina e uma moto velha que vale menos que a gasolina que põe nela.

Isa parece durona com seu cabelo preso num rabo de cavalo apertado e um macacão que certamente foi feito para alguém do dobro de seu tamanho. Isso, além das tatuagens de gangue Sangue Latino que fez quando estava no colegial, faz com que ela pareça uma latina enfezada.

Mas tenho que reconhecer seu valor. Ela não entendia nada de carros antes do Enrique, o antigo dono, morrer num confronto entre gangues. Aparentemente ele foi meio que executado no escritório da oficina. Em seu testamento, ele deixou a oficina para Isa. Ele também deixou as dívidas. Em vez de vender tudo, ela decidiu aprender o que podia sobre o negócio para poder administrar o lugar.

Dois carros no elevador. Um é um Mustang 1982 que precisa de freios novos, o outro é uma caminhonete F-150 muito velha que precisa refazer o motor.

— Toma — diz, ao me entregar as ordens de serviço dos carros. — Comece pelo Mustang, porque é mais rápido e eu preciso de dinheiro. — Ela hesita e continua: — Ainda faltam quatrocentos paus para pagar a hipoteca deste mês.

— Talvez você possa deixar de me dar a grana da gasolina — digo a ela enquanto vou até a bancada de ferramentas para pegar o que preciso. Trabalharia de graça, e ela sabe disso. Estar na oficina é o que quero, não importa se sou pago por isso ou não. É minha fuga. — Ou vende a oficina e segue em frente.

— Não posso fazer isso — diz, endireitando os ombros como se isso pudesse fazer com que aja e aparente ser mais durona. — Preciso manter o lugar aberto. Por mim.

E por Enrique, mas ela não admite isso.

— Não esquenta. Vou distribuir uns cartazes pela cidade para dar um gás no negócio.

Sua expressão dura se suaviza um pouco.

— Você é bom demais para mim, Vic. Não mereço você.

Merecer?

— Puxa, Isa, sou um babaca.

— Sei disso. Mas você é o babaca mais bacana que conheço. Agora volte ao trabalho. — Ela diz isso e finge me dar um soco no estômago.

Trabalho no Mustang enquanto ela começa a levantar o estoque. Seria legal se esse carro fosse pintado e o interior detalhado e recuperado. No passado ele devia chamar muita atenção. Mas agora, bem, agora chama a atenção porque parece uma pilha de lixo, não porque é um carro bacana.

Termino o Mustang e começo a F-150. Retificar o motor não vai ser fácil, mas é o tipo de coisa que gosto de fazer. Quando trabalho com carros, fujo da minha vida. Me sinto mais em casa na oficina do que na minha própria casa.

— Olá! Tem alguém aí? — ouço alguém chamar.

Olho para a entrada e vejo Bernie, um mecânico que ajuda Isa na oficina alguns dias na semana. O cara está apaixonado pela minha prima desde que começou a trabalhar aqui, mas ela não quer nada com ele. Preciso dar crédito ao cara porque tem *cojones* por sempre voltar para levar outros foras dela.

— Achei que tinha te demitido! — Isa vocifera. — Sai daqui.

Bernie, um cara de uns trinta anos cujo cabelo é cuidadosamente escovado para o lado e é a definição ambulante de um nerd, vai até Isa.

— Você me despediu porque te convidei para sair.

— Exatamente.

Bernie levanta as mãos.

— Isso é loucura, Isa.

— Não. — Isa vai até o balcão, colocando uma barreira entre os dois. — Loucura é você me convidar para sair. Não vai rolar.

— Por que não?

Ela olha para Bernie.

— Eu não vou a encontros.

— Isso não faz sentido.

— Certo. Então deixa eu pôr desse jeito — e ela soca o balcão —: Não saio com nerds. Agora se manda.

Bernie, que você pensaria que seria um molenga, a ignora. Ele vai até o carro no elevador e começa a olhar a ordem de serviço enquanto assobia. Começa a trabalhar no carro.

Devo dizer que o confronto deles é bem divertido.

— Quer que eu chame a polícia? — Isa grita, furiosa.

— À vontade — ele responde.

— Não me provoca, babaca.

Bernie para de assobiar.

— Eu já te disse como você fica sexy quando está sendo teimosa?

— Vai tomar no cu — Isa diz, lhe mostrando o dedo médio. Ela sobe para seu apartamento, furiosa.

— Está procurando problemas — digo a Bernie.

Bernie dá de ombros.

— Estou apaixonado por ela, Vic. — Ele fica olhando para a porta pela qual Isa desapareceu. — E quero uma chance, se ela puder me dar. Você nunca quis sair com uma garota a ponto de estar disposto a fazer qualquer coisa para conseguir?

— Não — respondo, pensando na Monika e no que sinto por ela todos esses anos. — Eu desistia, se fosse você.

— Que bom que você não é. — Ele estica a mão e pede: — Me dá uma chave de boca?

— Pensei que ela tinha te demitido.

— Ela não pode se dar a esse luxo, Vic. — Ele sorri com malícia. — Não se preocupe, eu acabo domando ela.

— Você sabe que ela guarda um revólver debaixo do balcão, né? — aviso. — E não acho que ela tenha medo de usá-lo.

— Algumas garotas valem o risco — diz Bernie. — Você nunca se apaixonou?

— Claro, mas desisti há muito tempo. — Meu melhor amigo a ganhou no instante em que a convidou para sair.

— Antes de morrer meu pai me ensinou uma coisa: não desistir. Nunca. — Ele olha demoradamente para a porta do apartamento no topo da escada. — Bem, a não ser que ela me dê um tiro. Aí acho que não rola.

## capítulo 14
# MONIKA

Trey me enviou uma mensagem no celular na manhã de domingo, dizendo que quer me levar a um lugar. O problema é que não estou me sentindo bem. Meus pulsos parecem estirados e doem muito.

Trey não é bom em surpresas, por isso deve ser importante. Ando curvada até o banho, visto o meu short novo e fico esperando que ele venha me buscar.

Durante todo o trajeto meu coração bate forte, especialmente porque Trey parece nervoso. Ele fica tamborilando os dedos no painel, e os seus joelhos estão tremendo.

Será que está nervoso porque finalmente vai falar a verdade sobre a Zara Hughes?

Será que está drogado?

Será que vamos terminar?

Minha ansiedade diminui, e a curiosidade toma conta de mim quando entramos no parque de diversões Aventuras Selvagens.

— Aventuras Selvagens? — pergunto enquanto ele paga cinco paus para o cara do estacionamento.

— Acredite em mim, você vai adorar.

— Trey, eu odeio montanhas-russas, você sabe disso.

Ele dá um tapinha no meu joelho como se eu fosse uma criancinha prestes a tomar uma injeção no médico.

— Você vai ficar bem.

Ando pelo parque olhando as enormes estruturas como se fossem monstros. Morro de medo de que meu corpo não aguente os solavancos. Cada passo me faz sentir como se tivesse noventa anos, e não dezoito.

É um milagre que eu tenha sido capaz de esconder esse problema por tanto tempo de Trey. Quando ando devagar ou quando meus ossos doem, apenas lhe digo que meus joelhos estão rígidos por causa das coreografias feitas para a animação da torcida, e ele não me pergunta mais nada.

Acho que sempre tenho medo de que ele saiba a verdade. Será que me trataria de forma diferente? Será que acharia que sou delicada demais? Será que terminaria comigo?

Só de ler os avisos enquanto estamos na fila da montanha-russa, minhas articulações doem.

— Você vai gostar — diz Trey, pegando minha mão e apertando o passo em direção a Arremesso, a montanha-russa mais radical do parque. — Prometo.

— Hã… acho que não vai dar — digo com a voz trêmula. — Não me sinto bem.

— Não seja covarde, Monika. Não é nada de mais. Nem vai assim tão rápido. — Ele olha o celular para ver se tem alguma mensagem. Será que está esperando que a Zara entre em contato?

Estamos tão fora de sintonia...

Na fila da Arremesso, observo suas feições sombrias. Está usando um bermudão, uma camiseta regata e óculos de sol. É alto, esguio e tem um rosto delineado que faz inveja à maioria dos homens. Ele sorri e me abraça enquanto estamos de pé na fila.

Leio outro aviso. É para grávidas e para pessoas com problemas nas costas ou no pescoço. Não menciona outros tipos de deficiência. Eu não quero alertar Trey para o fato de que não sou tão saudável quanto pareço. Fui capaz de esconder isso dele por mais de três anos. Não vou revelar agora, especialmente quando estamos atravessando uma fase esquisita no nosso namoro.

Respiro fundo. Certo, eu aguento. Receberei uma infusão em breve, então os sintomas devem aliviar.

Para diminuir a ansiedade, mudo de assunto.

— Você jogou muito bem ontem à noite.

Ele me aperta.

— Obrigado. Apesar de ter ficado com medo quando me acertaram no terceiro tempo na linha de saída. Quero dizer, se Gordon não consegue me dar cobertura, eu juro que vou bater nele.

Olho para ele e ergo a sobrancelha.

— Você está falando como o Vic.

— Vic furou o bloqueio umas dez vezes ontem. — Ele balança a cabeça e prossegue: — Não conheço ninguém que antecipe o passe de um quarterback tão bem quanto ele. Ele não está nem aí para os estudos, mas é um excelente jogador.

— Você está com inveja dele?

— Não. — Ele sorri e olha para o celular de novo, então o guarda no bolso. — Eu ainda corro mais rápido todas as vezes. E ele não tem uma garota incrível como você.

Abraço sua cintura com força.

— Estou tão feliz de passarmos o dia juntos!

A festa e a preocupação agora são pensamentos distantes, e uma calma suave toma conta de mim.

Até que sinto um pequeno volume no bolso de Trey. O remédio.

Tento ignorar a suspeita que ronda meus pensamentos. Não admira que os seus joelhos tremessem e seus dedos tamborilassem descontrolados. Ele está sob efeito do remédio que anda tomando. Será que está viciado?

Preciso perguntar de novo.

Vou dizer alguma coisa sobre o remédio quando olho para a Arremesso e o medo me domina. Esqueço a pergunta, especialmente ao ouvir um monte de gente gritando nos carrinhos lá em cima.

— Trey… acho que não vai dar para andar nisso.

Ele me dá um tapinha nas costas.

— Seja forte, é apenas uma montanha-russa.

— Ela vira de cabeça para baixo. — Imagino o sistema de travas falhando e eu despencando de cabeça para a morte. — E se eu cair? Eu morro. E se meu corpo não resistir? Minhas articulações não são muito boas.

— Não seja ridícula. Você não vai morrer, nem cair. — Ele ri e acrescenta: — E suas articulações vão aguentar. Sério, Monika, para de surtar. Estou tentando fazer uma coisa divertida. Seria legal se você não desse um chilique. Ouvi falar que você escalou uma cerca com os rapazes na outra noite. Não finja que é frágil. — Ele olha o celular de novo. — Ela pode ser a maior, mas te garanto que não é a pior.

Arranco o celular da mão dele.

— Por que está olhando o celular a todo instante?

Ele o pega de volta e responde:

— Por nada.

Outra leva de pessoas é acomodada, doida para sentir medo. Seguimos adiante, e começo a roer as unhas furiosamente.

Somos os próximos.

Tem um aglomerado de gente em torno de nós, e há muita agitação e calor, então emana da multidão um cheiro forte de suor. Me concentro no Trey e tento fazer com que tudo e todos fiquem em segundo plano.

Ai, não está funcionando. Ainda estou apavorada de entrar nessa armadilha mortal.

A montanha-russa não podia se chamar Viagem Relaxante em vez de Arremesso?

— Próximos! — O funcionário de crachá nos leva para o banco da frente.

Banco da frente? Ah, não!

Hesito, mas o cara gesticula para nós outra vez, parecendo frustrado com a minha hesitação. Esperamos mais de uma hora por isso. Não posso desistir agora. Quero ir embora. Mas não posso desapontar o Trey, que ficou tentando me convencer na última hora de que consigo fazer isso. Ele estará do meu lado.

Respirando fundo, sento onde o homem do crachá manda e aperto o cinto. Faço isso e fecho os olhos com força quando a trava é baixada.

*Eu posso fazer isso.*

*Eu posso fazer isso.*

*Não vou me arrepender depois.*

De olhos fechados estendo a mão para agarrar a de Trey, mas tem algo errado. A mão de Trey é macia e forte. A mão que segura a minha é áspera como uma lixa.

Arregalo os olhos e olho para o cara sentado ao meu lado.

Não!

Engulo ar, apavorada. Definitivamente não é o meu namorado. Em seu lugar está Matthew Bonk, da escola rival, o cara que me dá arrepios. Acho que ele tem um recorde de gols dos colégios de Illinois, mas isso só alimenta seu ego gigantesco. Além disso, ele é amigo de Zara.

— Oi, querida — Bonk diz devagar enquanto seus olhos redondos me avaliam e pousam no meu decote.

Eca.

Puxo a minha mão de volta e a limpo no short, e rapidamente olho por cima do ombro. Onde está o Trey? Quando o acho, fico em choque. Trey ainda está na fila, com o celular ao ouvido. Ele lança um olhar furioso para Bonk. O ar de desculpas que esboça não ajuda quando o carrinho começa a se mover.

Que m…

Então agora estou no banco da frente do carrinho da montanha-russa, que se move devagar e, tortuosamente, vai subindo mais e mais pela trilha apavorante. Bem, não estou totalmente sozinha. O maior babaca do mundo está ao meu lado.

Digo a mim mesma para não olhar para ele, mas acabo olhando. Meus olhos se arregalam quando vejo que acendeu um baseado. Ele dá uma longa tragada e me oferece.

— Quer?

— Você está brincando? Não! Apaga isso, idiota.

Ele ri e dá outra tragada.

— Te fará relaxar e esquecer do seu namorado bundão.

— Não preciso relaxar, muito obrigada. E tenho certeza de que meu namorado é melhor que você em tudo. — E começo a rezar.

Estou presa como um animal enjaulado. Não há como parar isso agora. E, o que é pior, vou morrer ao lado de Matthew Bonk. Acho que o baseado vai voar da mão dele e cair no meu colo ou na minha cara, me queimando. Se eu sobreviver, vou ficar com uma cicatriz de cigarro de maconha.

Fecho os olhos com força outra vez e reteso o corpo todo como faço pela manhã quando me levanto, e espero que esse passeio dos infernos termine. O gigantesco ego de Bonk, assim como o cheiro de maconha, emana dele. Não sei em que parte do percurso estamos ou quanto ainda falta para descer.

Só rezo para que acabe logo.

De repente sinto que estou em queda livre para a morte, e depois que estou sendo atirada para os lados…

e outra vez… esqueço a queimadura do cigarro de maconha na cara.

Eu.

Vou.

Morrer.

Ouço Bonk rir e gritar "uau" algumas vezes, o que não me faz sentir melhor. Minhas articulações estão tensas demais para doer agora, mas vão doer mais tarde.

Sei que esses percursos levam sessenta segundos ou menos. Mas parecem durar uma eternidade. Ou vai ver fiquei chapada com a fumaça de Bonk e por isso sinto que dura uma eternidade. O medo está tomando conta de todos os meus sentidos. Odeio a sensação do meu estômago revirando a cada queda e a cada volta.

Finalmente a velocidade começa a ser reduzida. Está acabando ou estão me enganando?

Solto o ar e abro os olhos quando paramos.

— Foi demais. — Bonk se vira para mim e diz: — Você precisa aprender a relaxar para não ser uma mulher tão fria e tensa. — Ele então salta. — Te vejo na festa.

— O quê?

— Vou com Dani Salazar à festa. — Ele pisca o olho para mim. — Adoro quando uma garota convida um cara da escola rival que é o arqui-inimigo do irmão dela. Clássico.

A trava sobe, e de repente estou livre. Saio do assento tropeçando e com o corpo reclamando e localizo Trey, que está encostado na grade, me aguardando. Ele ainda está no celular. Bonk passa por ele, mas Trey nem percebe.

Inacreditável.

Passo por meu namorado e procuro não deixar transparecer que meu corpo está pouco feliz comigo neste momento. Trey e eu pouco brigamos e discutimos, porque há muito tempo decidimos que não queríamos um namoro cheio de cenas e dramas. Este é um território desconhecido para mim. Nem sei o que dizer, então não falo nada.

— Monika, espera aí! — ouço Trey gritar atrás de mim.

Continuo andando. Mas e se Trey não estivesse falando com a Zara? E se a sua mãe teve um acidente de carro ou seu pai enfartou? E se a sua irmã foi mandada de volta para a reabilitação?

Ai, não quero ser uma mulher fria e tensa.

Paro e encaro Trey.

— Desculpe. Sobre o que era o telefonema? Qual foi a emergência?

— Nada — Trey responde. — Era apenas o meu primo Darius me pressionando para conseguir uma grana.

— Você está *brincando*? — Arregalo os olhos, irritada. — Você me deixou sozinha naquela… armadilha mortal para falar com Darius? — O cara é um traficante de uma gangue que deu em cima de mim várias vezes quando nos encontramos na casa de Trey. Nunca contei ao Trey. Se ele soubesse, ficaria muito magoado.

— Desculpe, amor.

— Não vem com essa de *amor*, Trey. — Começo a me dirigir para a saída.

— Não quero brigar por causa disso.

— As coisas estão diferentes entre nós. — Mas não digo o que realmente tenho vontade porque não quero discutir.

No carro ele se vira para mim e diz:

— Eu sinto muito mesmo.

— Eu também.

Ele liga o carro e voltamos para Fremont. Quando estamos quase em casa, Trey desliga o rádio.

— Você iria à festa comigo, Monika?

Eu o olho de soslaio. Está me convidando agora? No carro? Enquanto dirige? Resmungo:

— Sim, claro.

Ele passa a mão pelos cabelos.

— É evidente que você está chateada. Meu plano era te convidar quando estivéssemos na montanha-russa.

— Que romântico, Trey.

— A ideia foi do Jet — ele admite. — Me pareceu boa quando ele falou.

— E você aceitou o conselho de Jet Thacker, um cara que se gaba de ser um pegador insensível e galinha? — Cruzo os braços e me recosto no banco. — Isso explica tudo.

— O.k., entendi. Fiz uma merda bem grande. — Ele pega minha mão e a pressiona com ternura. Meu coração costumava disparar quando ele fazia isso, mas agora não sinto nada. — Estou sob muita pressão e tomei uma decisão muito ruim. Desculpe.

— Pare de se desculpar. Vou superar isso. — Dou um sorriso fraco enquanto ele entra na garagem. — Me liga mais tarde.

Ando pelo caminho de tijolos até minha casa e depois olho para trás, esperando ver Trey sair com o carro.

Mas ele não está indo embora. Está ocupado digitando uma mensagem para alguém. A essa altura não me importa quem é.

## capítulo 15
# VICTOR

Trey me ligou hoje de manhã e me disse que estava levando Monika ao Aventuras Selvagens para convidá-la para a festa. Alertei-o de que estava cometendo um erro, mas ele não me deu bola e disse que ia seguir com seu plano.

Estou no meu quarto tentando dormir, mesmo no meio da tarde. Estou procurando esquecer que Trey deve estar convidando Monika neste exato momento.

Ouvir música não está ajudando.

Olhar para o teto, também não.

A porta do meu quarto se abre devagar. Não quero falar com a Dani, que está me enchendo o dia todo para levá-la ao shopping.

— Sai do…

Minhas palavras são interrompidas quando avisto umas curvas sensuais numa regata larga e pernas longilíneas morenas num short jeans que só pode pertencer à garota que não sai dos meus pensamentos.

É a Monika.

— Oi — ela diz, cobrindo os olhos com as mãos ao perceber que estou só de cueca. — A Dani abriu a porta para mim e disse que eu podia subir. É claro que não sabia que você estava quase nu. Eu só, hã…

— Tudo bem — respondo enquanto pego uma calça no chão e a visto.

— São duas da tarde, Vic — diz ela ainda com a mão sobre os olhos. — Você ainda não se levantou?

— Cheguei tarde ontem — respondo um tanto agitado porque Monika está no meu quarto. Ela já esteve no meu quarto antes, mas hoje pensei o tempo todo nela e estou me sentindo deprimido e fraco. — Pode destapar os olhos.

Ela espreita entre os dedos.

— Certo. Desculpe ter entrado sem avisar. — Ela inclina a cabeça para o lado e revela uma marquinha de nascença pequenina, no formato de uma meia-lua, embaixo da orelha. — Então, preciso falar com alguém, e a Ashtyn está com o Derek, e a Bree, bem, eu a adoro, mas ela é meio cabeça oca. Para ser franca, preciso da opinião de um cara, e você é o meu amigo homem mais próximo. Eu teria ligado, mas você nunca atende o celular, e sei que você odeia mensagens…

— Tudo bem. — Olho em volta e vejo garrafas de Gatorade e roupas espalhadas pelo chão.

— Que bagunça — ela comenta ao avaliar meu quarto enquanto vai até a cadeira perto da janela.

Fico olhando sua pele castanho-dourada e seu cabelo cor de chocolate, que contrastam com seus olhos verde-claros. Só de olhar para ela meu coração dispara e minha virilha se retesa, como se eu fosse um calouro olhando uma veterana gostosa.

Fico na minha, como de costume, e sento na beira da cama.

— Pensei que o Trey ia sair com você.

— Ah, ele saiu comigo, sim. — Ela dá um longo e lento suspiro. — Acabou sendo um programa infernal.

Odeio o fato de curtir o que estou ouvindo.

— Infernal? Fala sério, não pode ter sido assim *tão* ruim.

— Você acha? Primeiro — ela massageia os pulsos enquanto fala —, fomos ao Aventuras Selvagens. Eu *odeio* montanhas-russas, mas Trey queria que eu superasse meu medo, o que foi uma péssima ideia. E aí,

quando entrei na droga da coisa chamada Arremesso, seu amigo me deixou na mão.

Como assim?

— Ele não fez isso.

— Fez, sim.

Normalmente a Monika é calma e compreensiva. Mas às vezes fica tão agitada e irascível que chega a se entusiasmar. Esta é uma dessas ocasiões. É engraçado vê-la se transformar, como se se permitisse deixar a auréola de lado.

— E pega essa! Adivinha quem estava sentado ao meu lado na armadilha mortal?

— Quem?

Ela cruza os braços, fazendo os peitos ficar mais salientes do que de costume. Merda, isso já é uma tortura.

Juro que isso é um teste.

Sou péssimo em testes.

— A pessoa que você mais despreza no mundo!

Apenas um único nome me ocorre.

— Matthew Bonk?

Ela confirma.

Puta merda. Aquele *pendejo* é meu maior inimigo.

— Caralho.

— Eu sei, né? — ela diz, sentando-se na ponta da cadeira. — Ele fumou um baseado *durante o trajeto*. Ah, e escuta só. Ele disse uma maluquice sobre ir à festa do colégio com a Dani, sua irmã.

— Tá bom. — Minha irmã nem conhece o cara.

— E você quer saber o que o meu namorado estava fazendo enquanto eu era obrigada a sentar ao lado do Bonk? Ele estava no celular, e nem sequer entrou na montanha-russa.

Trey é o meu *elmero mero*, o cara que sempre me defende. Preciso admitir que é difícil gerenciar a minha amizade com Trey e Monika, especialmente com o que sinto por ela. Entendo a Monika. Sei do que ela gosta e do que odeia. Mas, como ela mesma disse, Trey é o meu irmão, meu parceiro, meu melhor amigo.

— Com quem ele estava falando?

— Ele disse que era com o primo, *Darius*. Pode acreditar? Quero dizer, eu não estaria puta se fosse um telefonema importante, mas o *Darius*? O cara pega dinheiro emprestado com o Trey sem a menor intenção de pagar de volta! Darius não quer nem saber se o Trey é pobre e não tem dinheiro para jogar fora.

Trey jamais deixaria alguém na mão, mesmo que precisasse se sacrificar para isso.

Essa conversa está difícil. Não é que a gente nunca converse ou fique junto, mas normalmente ela não está detonando Trey.

— Talvez você devesse falar sobre isso com a Ashtyn ou a Bree.

— Você é quem melhor conhece Trey, Vic. Notou que ele está agindo de forma estranha? Ele diz que é estresse, mas é algo mais.

— Como o quê?

Ela dá de ombros, como se não tivesse certeza de nada.

— Não quero te contar. Preciso falar com ele.

— Trey está bem. Dá um tempo para ele. — Não posso dizer nada quando o assunto é escola, notas e coisas assim.

Ela franze a testa, derrotada.

— Você pode ao menos falar com ele e talvez dar uma sondada e ver se tem alguma coisa rolando?

Sentimentos conflitantes tomam conta de mim.

— Você quer que eu *espione* o meu melhor amigo?

— Tipo isso. — Ela começa a roer as unhas. Meu instinto me diz para abraçá-la e consolá-la, para que se acalme. Mas não posso fazer isso.

— Não sei o que está acontecendo com a gente. Quero dizer, ultimamente me sinto mais ligada a outras pessoas… — Sua voz morre.

Ligada a mim? Quero perguntar, mas não pergunto. Não tenho o direito de estar apaixonado por ela, muito menos de tentar conquistá-la.

— Não prometo nada, mas falarei com ele.

Cara, eu queria que alguém se importasse tanto assim comigo. Enquanto a inveja se insinua dentro de mim, tento ignorá-la. O único problema é que, cada vez que falo com Monika, meus sentimentos por ela ficam ainda mais fortes.

Um enorme sorriso, daqueles de derreter um coração congelado, surge no seu rosto em forma de coração.

— Obrigada, Vic — ela agradece, atravessando o quarto e me dando um beijo no rosto. — Você é *demais*.

Certo. Vou guardar esse beijo na lembrança por muito tempo.

Ela se endireita e põe a mão na lombar e solta um pequeno gemido.

— O que foi?

Ela balança a cabeça.

— Nada.

Sei. Já a observei o suficiente para saber que às vezes ela sente dor. Ela tenta disfarçar, mas neste momento não dá.

— Não acredito em você. Conta aí.

— Estou bem.

— Tenho duas irmãs. Sei que quando uma garota diz que está bem é mentira. Conta aí. — Seguro o seu pulso para que ela não se afaste. — Conta.

Monika não costuma falar dela mesma. É como se só soubesse focar nos outros, nunca nela.

Nossos olhares se encontram, e meu coração dispara.

Não consigo desviar o olhar. É como se ela tivesse me aprisionado. Não sei se ela sente o clima, mas eu com certeza sinto. E não consigo desviar o olhar porque não quero quebrar o encanto.

Seu olhar intenso e seus olhos verdes são fascinantes.

— Não posso — ela fala baixinho.

— Conta, Monika. Por que você está sempre gemendo de dor?

Silêncio.

Ela engole em seco e desvia o olhar, derrotada e vulnerável.

Não a solto. Posso sentir nos meus ossos que há algo errado.

— Tenho artrite — finalmente diz, olhando nos meus olhos. — Estou entrando numa crise, e cair da cerca no campo de futebol e andar na montanha-russa não ajudaram muito. Não quero falar sobre isso. Esquece que eu te contei.

Artrite?

Só de ouvi-la revelar o diagnóstico me dá vontade de carregá-la em meus braços e protegê-la da dor que ela claramente está sentindo.

— O Trey sabe disso?

Ela ergue a cabeça bem alto.

— Não. *Prometa* que não vai contar a ele — ela pede com a voz trêmula.

— Por quê?

— Porque na maior parte do tempo está controlada, e não quero que as pessoas me tratem como uma inválida. Especialmente o Trey. Ai, não acredito que te contei. — Ela olha para a minha mão no seu pulso com aqueles enormes olhos verdes brilhantes. — Se me tratar de forma diferente, juro que nunca mais falo com você.

— Você andou na montanha-russa. E isso provavelmente não foi uma boa ideia.

— Eu sei. Sou burra. — Ela sacode a cabeça e põe a mão sobre a minha. É um gesto íntimo que faz meu coração bater mais rápido. — Escuta, Vic, eu não quero me entregar, por isso levo meu corpo até o limite. É uma dessas coisas mente-sobre-corpo. Tenho que vencer. *Vou* vencer.

— Vencer o quê? — diz uma voz familiar no corredor.

Viro-me para dar de cara com a minha ex-namorada, de pé, na minha porta, com as sobrancelhas erguidas ao notar que estou sentado na cama segurando o pulso de Monika Fox. A mão dela ainda sobre a minha.

Droga!

Puxo a minha mão.

— Oi, Vic — diz Cassidy, com a cabeça ligeiramente inclinada. Ela costumava fazer esse gesto quando queria me consolar por algo que eu fizera errado. Para ela, eu sempre fazia algo errado.

Monika dá dois passos para trás, notando que devemos parecer culpados.

— Oi, Cassidy.

— Oi — digo, procurando demonstrar que não há nada errado. — O que faz aqui?

— A Dani me ligou, pedindo para levá-la ao shopping para comprar um vestido para a festa. — Seus olhos se estreitam. — Pensei em subir e dar um *oi* antes de sair. E *obviamente* eu não sabia que você tinha companhia.

— Eu já estava de saída — diz Monika, pegando a bolsa na cadeira junto à janela. — Falo com você depois — ela diz antes de se despedir de Cassidy e sair do quarto.

Cassidy segue Monika com o olhar até ela desaparecer.

— O que foi isso? Está transando com a namorada de seu melhor amigo?

— Não seja ridícula.

— Eu vi vocês de *mãos dadas*.

Fico de pé e reviro os olhos.

— Não estávamos de mãos dadas, Cass. Segurei a mão dela por causa de um experimento de sociologia que estamos fazendo — minto, pensando que se ela soubesse a verdade eu teria muito que me explicar.

Tenho um problema, porque Cassidy não sabe manter a boca fechada. Se ela achar que ando saindo com a Monika, todos na escola vão saber.

Porra. Ela provavelmente vai postar na internet.

Cassidy, que costumava me acusar falsamente de traí-la e vivia reclamando que eu não era um namorado bom o bastante, respira fundo e diz:

— Certo, então aí vai. Eu ainda penso em você todos os dias, Vic.

— Cass… — começo, mas ela levanta uma mão e me interrompe.

— Ainda estou apaixonada por você. — Ela baixa a cabeça, e posso sentir que vai ficar emotiva.

— Como é que é? Sei que você fala mal de mim. Acha que não sei o que falou pelas minhas costas?

Fremont é uma cidade pequena.

— Eu falo mal por que sinto saudades — responde ela, como se a explicação fosse lógica. Cassidy olha para mim agora, e posso ver as lágrimas represadas em seus olhos. — Sinto sua falta. Se você namorasse outra pessoa, isso acabaria comigo. Você nem sequer olha mais para mim. Quando entrei aqui e vi você e Monika juntos, fiquei com tanto ciúme que tive vontade de vomitar.

— Não há nenhuma razão para sentir ciúme.

— Podemos tentar mais uma vez, Vic? — ela diz e caminha na minha direção como um predador. E, quando chega perto, passa as mãos lentamente pelo meu peito e as move para baixo da linha de cintura. — Juro que posso ser a namorada que você quer que eu seja.

Tiro a mão dela de cima de mim.

— Eu não posso ser o namorado que você quer que eu seja, Cassidy.

— Por quê? Tem mais alguém?

— Não — minto, ainda me sentindo ligado à garota que acabou de sair. — Eu nunca vou atingir a sua expectativa.

— Juro que mudei. Eu nem sequer tenho um par para a festa, porque todos sabem que eu quero ir com você.

— Então você está dizendo que a culpa por você não ter um par para a festa é minha?

— Exatamente. — Ela suspira.

Droga.

Vou me odiar por dizer isto, mas não quero que ela não tenha um par para a festa.

— Se realmente quer ir à festa, eu vou com você.

Seu rosto se ilumina.

— Jura?

— Sim, mas isso não significa que estamos namorando. Apenas quer dizer que vamos à festa juntos.

— Está bem. — Ela me abraça os ombros. — Me fez a garota mais feliz do mundo, Vic! Agora posso comprar um vestido com a sua irmã!

Pelo menos alguém está feliz por aqui.

## capítulo 16
# MONIKA

Na quarta-feira, Ashtyn, Bree e eu vamos depois da escola comprar os vestidos para a festa.

Bree ziguezagueia até o fundo da loja onde estão os vestidos.

— Quero um de couro preto — ela fala bem alto.

— Vai comprar um chicote e algemas também? — Ashtyn a provoca.

— Parece uma boa ideia. Jet precisa apanhar um pouco para tomar jeito. Falando em dar um jeito nos rapazes, me contaram que o Trey te levou numa montanha-russa para te convidar para a festa.

— Foi um desastre completo. — Concentro-me nos vestidos, escolhendo um vermelho de um ombro só. — Que tal este para você? — pergunto a Ashtyn.

— Vermelho demais.

Escolho um preto cheio de lantejoulas.

— Muito brilhante — diz.

Bree escolhe um vestido muito curto e o coloca diante de Ashtyn.

— E que tal este aqui?

Ashtyn leva a mão à boca e abafa uma risada.

— Onde está o resto dele? — Ela pendura o vestido de volta na arara. — Para falar a verdade, acho que tenho algo para vestir no meu armário. Por que comprar um vestido novo que só vou usar uma vez?

— Escuta, querida — diz Bree enquanto escolhe outro vestido e o larga nas mãos de Ashtyn —, você pode se preparar porque nós vamos te vestir como uma garota para a festa.

Ash olha para mim, pedindo socorro.

— Desculpe. Concordo com a Bree. — Pego dois vestidos que acho que vão ficar bem nela. — Experimenta estes.

No final, vamos as três para o provador, rindo. Experimentamos vestidos que ninguém da nossa idade usaria, a não ser as meninas menos descoladas da escola. Em seguida experimentamos vestidos que mostram mais o corpo do que provavelmente é permitido por lei e que nos fariam ser expulsas da festa. Por fim, experimentamos os de que mais gostamos e votamos nos melhores.

É legal sair com as amigas. Bree e Ashtyn estão sempre por perto quando estou feliz, triste, apavorada, estranha ou completamente fora de mim. Já passamos por coisas muito doidas juntas. Partilho tudo com elas.

Bem, quase tudo.

Elas não sabem sobre a minha luta contra a artrite.

Apenas os meus pais sabem, e agora o Vic. Me senti muito próxima dele em sua casa, mais próxima do que me senti com alguém em muito tempo. Corei quando vi o seu olhar intenso antes de Cassidy chegar e quebrar o clima, o que talvez tenha sido uma coisa boa. Senti borboletas no estômago quando ele tocou meu braço. Nunca me senti assim antes com ele.

Vic sempre foi o melhor amigo do Trey. Um dos caras.

Mas não foi o que senti quando estava em seu quarto.

Tenho certeza de que estava excessivamente sensível e vendo coisas que nem estavam lá. Com tudo o que está acontecendo entre mim e Trey, não é de admirar que o meu emocional esteja bagunçado.

Enquanto Ash experimenta outro vestido, Bree olha o celular.

— Droga.

Olho por cima de seu ombro e pergunto:

— O que foi?

— Parece que Cassidy está dizendo que alguém está traindo o namorado.

Meu coração afunda no peito.

— Quem?

Bree olha para mim, e de novo para o celular.

— É meio anônimo. Você sabe que ela sempre posta indiretas do tipo que alimenta as fofocas.

— E não é isso que estamos fazendo? — pergunto. — Embarcando na dela?

Bree varre minhas preocupações com um aceno de mão.

— Eu admito que adoro uma fofoca. Quem não gosta?

Ash ergue a mão.

— Eu!

Sentada com a postura reta, Bree segura o celular e lê a postagem de Cassidy.

— "Se você está namorando, precisa parar de flertar com outros caras. Só estou dizendo."

— Quem você acha que é? — pergunta Bree, com os olhos bem abertos e animados.

— Não me interessa — Ash interrompe.

— Você se importaria se o Derek começasse a flertar com alguma garota pelas suas costas — sentencia Bree.

— Bem, sim, mas… — Ash começa a roer as unhas e Bree dá um tapa na mão dela, afastando-a da boca.

— Ash, Derek não está flertando com outras garotas — asseguro a ela.

Bree concorda.

— É. Se alguém tem um namoro sério, é você e Derek. Como estão as coisas entre você e Trey, Monika?

— Está tudo bem — resmungo.

Talvez não devesse ter ido à casa de Vic. A maneira com que Cassidy olhou para mim enquanto Vic segurava o meu pulso foi o suficiente para fazer com que eu me afastasse e desejasse que ela não estivesse ali.

Não preciso de ninguém fofocando a meu respeito.

Não preciso de ninguém achando que estou traindo o meu namorado com o seu melhor amigo.

Mesmo que tenha sido carregada nos braços fortes de Vic depois que caí da cerca. E, sim, eu fantasiei um flash em que Vic me beijava… mas eu não deixei essa imagem permanecer na minha cabeça por muito tempo.

Então por que ainda estou pensando nisso?

## capítulo 17
# VICTOR

Não procuro problemas. Eles me encontram, não importa o que eu esteja fazendo ou com quem esteja.

Droga, talvez eu seja amaldiçoado.

Dizem que saí do ventre da minha mãe gritando e chutando. Cheguei a este mundo lutando, e venho lutando desde então. Provavelmente é a razão de ser bom no futebol… Dieter diz que este é o esporte do gladiador moderno.

Dieter nos deu folga na segunda-feira. Estou jogando basquete com Trey em frente ao seu prédio. Costumava passar quase todas as noites na casa dele quando estava no ensino fundamental, só para fugir do meu pai. Quando Trey começou a namorar a Monika, deixamos de sair juntos com tanta frequência porque eles estavam sempre juntos e eu não queria ficar de vela.

— Então você estava certo. A ideia da montanha-russa não foi boa — comenta Trey ao jogar a bola na cesta e errar. — Pareceu uma boa ideia na hora, mas foi péssima.

— Ela me contou o que aconteceu no Aventuras Selvagens com Bonk — digo após fazer um lançamento e acertar. — Olha, se quiser a coisa do piquenique no campo de futebol, com a banda e tudo o mais, me avisa.

— Por quê? Tem algum contato?

Dou de ombros.

— Talvez.

Trey quica a bola pela quadra, e eu o sigo o tempo todo. Hoje ele está com algum nervosismo que o faz lançar a bola cedo demais. Sempre tivemos uma disputa desde que éramos mais novos… agora somos competitivos demais para deixar de lado essa rivalidade, mesmo com ele perdendo jogadas simples e parecendo acelerado demais para se concentrar.

— Se eu ganhar, você vai me levar no McDonald's — diz Trey num tom muito confiante.

— E se eu ganhar, você me leva no Taco Bell.

— Isso não é meio clichê? — ele brinca. — O mexicano pedindo para ir ao Taco Bell?

— Cara, a comida do Taco Bell não é mexicana de verdade, mas é *demais*. — Tiro a bola de suas mãos e a levo até o outro lado da quadra. — Para alguém que vai ser orador, pensei que seria mais esperto. — Salto e lanço a bola por cima de sua cabeça, direto na cesta.

Ele vai buscar a bola.

— Caramba. Estou impressionado, Vic. — Ele segura a bola ao lado do corpo. — Então você pode me dar uma mão com a coisa toda de convidar a Monika para a festa? Ela está meio furiosa, e eu fiz tudo errado.

— Não brinca com ela.

Ele desce a quadra, quicando a bola.

— Minha namorada está começando a ficar muito exigente.

— Monika *não* é de exigir muito, cara — eu a defendo. — Você a largou no meio da dança na festa quando ela era caloura porque sua irmã quis ir para casa cedo, e ela nunca se queixou. Ela dormiu a noite toda com a mão no seu peito quando você ficou bêbado na festa na casa do Jet, no verão passado, porque ela ficou com medo de que você se engasgasse no próprio vômito. Cara, eu estava lá. Ela ficou pedindo toalhas para pôr na sua testa porque você estava suando feito um porco. Passa uma noite com a Cassidy Richards e você vai experimentar o que é uma menina que exige muito de verdade. Monika é…

Quero dizer perfeita. Desprendida. Preocupada e fácil de lidar, mas tenho medo que acabe revelando o que eu sinto por ela. Já falei o suficiente.

Ele tira o celular do bolso e começa a digitar rapidamente, e aí o guarda.

— Me diga o que fazer.

— Olha, se quiser fazer isso direito, terá que surpreendê-la.

— Surpreendê-la? Vic, estou sem dinheiro. Posso comprar um ursinho ou…

— Ursinho? — Trey está por fora. — Você sabe que ela gosta de pinguins. Um ursinho não vai surpreendê-la.

*Cala a boca antes que ele saque tudo.*

— É — ele concorda. — Pinguins. Eu sabia disso. — Ele faz uma cesta. — Então você pode me ajudar a surpreendê-la?

— Está bem. Claro. — Porque amigos fazem isso… se ajudam, mesmo quando isso os machuca.

Dois dias mais tarde, Trey está com tudo pronto.

Ele orquestrou uma noite inteira cheia de coisas românticas, e recrutou seus amigos para ajudar. Trey não tinha certeza de nada, e eu acabei definindo a maior parte das coisas. Quero dizer, o tempo todo que estávamos organizando a noite ele estava ou no celular ou no banheiro.

Ele está avoado.

Ele diz que são os nervos e o estresse. Não o confronto, mas vou dizer a Monika que ela não está doida. Suas queixas sobre Trey estar agindo de forma estranha têm fundamento.

Sou responsável pelo bolo de hoje à noite, que tem escrita em azul a palavra festa seguida de um ponto de interrogação. É tosco, mas a Monika vai gostar.

Uso jeans e camisa social com gravata, que é o máximo de formalidade para mim. A última coisa que quero parecer é com um garoto de entregas, mas Trey é meu irmão, e eu faço qualquer coisa por ele. Posso ser um babaca a maior parte do tempo, mas sou um babaca leal.

Na sala de estar, Marissa está sentada no sofá lendo a *Odisseia*.

— É o que te mandaram ler? — pergunto a ela enquanto penso como isso é possível se só li esse livro no segundo ano.

— Não — ela responde, sem nem tirar os olhos das páginas. — Estou lendo por prazer.

Como assim?!

— Está lendo a *Odisseia* por prazer?

Ela meneia a cabeça, confirmando.

— É muito bom, Vic. — Ela olha para mim. — Você pode ler quando eu terminar.

— É claro. — Não conto a ela que não li nem quando tinha que ler. Não estou disposto a ler *por prazer*, pode ter certeza. Tenho sorte quando consigo ler algum texto sem me distrair.

Tive que ler a *Odisseia* no ano passado e não consegui entender uma única palavra. Mas não devia estar surpreso por minha irmã gostar do livro. Ela está muito determinada a ser a melhor aluna e se inscrever em clubes pelos quais não tem o menor interesse, só por achar que eles a ajudarão a entrar numa universidade da Ivy League.

Dani corre escada abaixo e passa voando por mim.

— Aonde você está indo? — pergunto.

— Não é da sua conta — ela responde.

— Você é minha irmã, então é da minha conta.

Ela está quase saindo quando me ponho em frente à porta, bloqueando-a.

Ela põe as mãos nos quadris.

— Sai da minha frente, Vic.

— Não. Aonde você está indo?

— Vou me atrasar.

— Não estou nem aí se você vai se atrasar. Me diz aonde está indo.

Meu celular toca. Droga. Deixei-o na cozinha. Provavelmente é o Trey, para me lembrar de não me atrasar.

— Espere aqui — digo a Dani. — Não se mexa.

Pego meu telefone e volto à entrada, mas minha irmã obviamente não me escutou, porque ouço a porta se abrir e fechar. Dani se foi. Olho pela janela e vejo que ela está entrando num jipe amarelo.

Merda.

Um jipe amarelo só pode significar uma coisa…

Matthew Bonk.

Bonk faria qualquer coisa para arruinar minha vida, mesmo que significasse usar a minha irmã.

Ele está com ela no seu carro, e estão indo embora.

Rapidamente pego o bolo de Trey para a Monika e o ponho na minha caminhonete. Estou disposto a trazer a minha irmã de volta inteira antes de a noite acabar.

Não tenho tanta certeza quanto ao bolo.

## capítulo 18
# MONIKA

Trey aparece na minha casa à noite todo arrumado, de jeans e camisa social. Ele está sorrindo.

— Tenho uma surpresa para você — diz.

Estou tão cansada de ignorar todos os problemas que temos...

— Trey — digo —, precisamos conversar.

— Não pode esperar? Estou tentando fazer algo especial para você hoje à noite. — Não havia percebido que estava com uma das mãos para trás. Ele a traz para a frente, revelando uma rosa vermelha. — Para você.

Pego a rosa e, com cuidado para não me espetar nos espinhos, cheiro sua fragrância deliciosa.

— Obrigada.

— Gostaria de te levar a um lugar, mas queria antes tirar esse seu olhar de preocupação. Estou tentando, me dê uma chance. Podemos falar de coisas sérias amanhã.

Suspiro.

— Está bem. Posso fazer isso.

Ele segura a minha mão e me leva até o carro.

— Por que está hesitando? — pergunta, ao notar que reduzo o passo à medida que me aproximo do carro.

Não sei como dizer isso sem parecer chateada ou furiosa.

— Trey, você tomou algum remédio hoje à noite?

— Por quê?

— Porque não vou entrar no carro com você se tiver tomado.

Ele abre a porta do carona.

— Não tomei nenhum remédio, está bem? Confie em mim.

Entro no carro e gostaria de estar ansiosa para ver o que ele preparou.

— Mantenha os olhos fechados — ele instrui enquanto me leva para algum destino desconhecido.

— Vamos lá, Trey, me diz para onde estamos indo. Juro que faço cara de surpresa quando chegar lá.

— Não. Fique com eles fechados. Sei que você gosta de saber de tudo e gosta de sua vida arrumada e organizada, mas juro que vai valer a pena dessa vez.

*Dessa vez.*

O que significa que ele vai me convidar para a festa. Pela segunda vez.

Quando as coisas não acontecem da maneira certa, a ansiedade percorre meu corpo. Tenho medo de desapontar ou chatear o Trey por arruinar esta noite. Sinto que estamos fazendo o que casais fazem, mas que não sentimos as emoções que casais devem sentir um pelo outro.

Do jeito que começo a sentir por outra pessoa.

Recosto-me com as mãos apoiadas no colo e aguardo novas instruções. O rádio está ligado, e posso imaginar Trey balançando a cabeça no ritmo da música.

Um minuto mais tarde, o carro para e o ouço desligar o motor.

— Não abre os olhos ainda — diz, com a voz animada, enquanto salta do carro.

O ar quente de Illinois me envolve quando salto do carro. Trey me pega no colo sem esforço, e eu passo o braço por seu pescoço para não cair. Podemos estar no parque diante de sua casa, porque ouço a grama ceder sob seus pés.

— Já chegamos? — pergunto.

— Sim. — Ele me põe no chão e sussurra em meu ouvido: — Pode abrir os olhos.

Tenho que piscar várias vezes para enxergar direito.

Meu queixo cai.

Impossível.

Estamos no meio do campo de futebol da Fremont High. Há um enorme cobertor na linha das cinquenta jardas. Lanternas em formato de velas ao longo das bordas do cobertor dão um toque romântico.

Trey segura a minha mão e me leva até o cobertor.

— Isto é incrível. Como conseguiu autorização para fazer isso?

Ele ri.

— Quem disse que tenho autorização?

Olho para ele de soslaio e fico pensando se está dizendo a verdade.

— Vamos nos meter em confusão, Trey. A polícia vai nos expulsar daqui. — Isso me parece com algo que Vic faria.

— Relaxa. — E, quando hesito, ele aperta a minha mão. — Está tudo bem. Vic conhece o jardineiro que toma conta do gramado. Ele disse que eu podia vir.

— Tem certeza? — pergunto cética.

Ele responde com um beijinho em meu rosto.

— Sim. Pode acreditar.

Sentamos no cobertor, e, do nada, dez integrantes da banda da escola aparecem tocando "Just the Way You Are".

Trey cantarola junto, com sua voz suave e grave.

— É a nossa música — digo baixinho enquanto a banda toca a canção.

Tento absorver o que está acontecendo, enquanto a música e as luzes piscam à nossa volta. É como estar num filme em que o cara tenta romanticamente conquistar o coração de uma garota. Pouco depois de começarmos a namorar no primeiro ano, Trey deixava bilhetes no meu armário e me mandava mensagens bonitinhas a cada manhã, só para me fazer sorrir.

Há seis meses não faz isso.

Quando a música termina a banda se separa, desaparecendo na escuridão.

Sento, olhando para a pele escura e as feições bem marcadas de Trey, que já fizeram muitas garotas tentar roubar ele de mim nos últimos anos.

— Te amo — ele diz, me olhando nos olhos.

Respondo sem pensar:

— Eu te amo.

O som de uma risada forçada e alta me faz olhar para cima.

— Fala sério, vocês são muito melosos. — É o Jet. Usando uma camisa social branca e uma calça preta. Ele segura um prato de comida para nós.

— O que você está fazendo aqui, Jet? — pergunto.

— Sou um de seus garçons particulares hoje à noite. É só pedir o que quiserem. Toma. — Ele oferece pequenos brioches recheados com carne, como um mordomo profissional. — Meu pai fez esta entrada para você no restaurante dele. É uma receita experimental, então, se você vomitar ou morrer, não culpe o chef. Você foi avisada.

— Tudo o que seu pai cozinha é delicioso — digo enquanto me sirvo de um dos brioches. Trey me imita,

e ambos comemos sob o olhar orgulhoso de Jet, que nos observa devorar a comida.

— Caracas, Jet — solta Trey. — Diz para o seu pai que isso aqui está incrível.

Minha boca está cheia de carne molhadinha, e pão caseiro fresco, e temperos que se misturam com perfeição.

— Humm! — É tudo o que consigo dizer.

— Isso é apenas o começo. — Jet acena para alguém na cabine de rádio em cima das arquibancadas. Minhas sobrancelhas se arqueiam quando olho para Trey, que esfrega as mãos de pura alegria como fez no último Natal antes de abrir o relógio que comprei para ele.

Ashtyn e Derek descem das arquibancadas em direção ao campo. Ambos se vestem como Jet. Não acredito que Trey orquestrou isso tudo com nossos amigos, as pessoas que estão conosco desde que começamos a namorar. Ash está carregando um pinguim de pelúcia grande, e Derek está segurando uma cesta.

— Cadê o Vic? — pergunto. Ele é o único de nossa turma que está ausente.

Trey dá de ombros e olha o celular.

— Ele já devia estar aqui.

— Não sei dele — diz Jet.

— Nem eu — Derek e Ashtyn fazem coro.

— Talvez ele tenha se metido numa briga, só para variar — brinca Jet, mas todos sabemos que há um tanto de verdade no que está dizendo. — Ou talvez esteja digerindo o fato de que vai com a sua ex à festa.

Sua ex?

— Vic vai à festa com a Cassidy? — pergunto.

Jet confirma com a cabeça.

— Sim.

Uma sensação de vazio se instala no meu coração. Não que eu me importe com quem Vic vai à festa. Ele pode ir com Cassidy. Então por que estou sentindo ciúmes?

Será que eles voltaram?

Eca! Não devia me importar. Vic e sua vida amorosa não me dizem respeito.

Ash fala:

— Esquece o Vic, aproveite a comida e a noite especial.

Trey olha o celular de novo, resmunga algo sobre um bolo e Vic, e que a noite toda vai ser um fracasso se ele não chegar logo.

— Não posso acreditar que vocês se arrumaram todos. — Levanto a aba da cesta e fico espantada com todas as gostosuras que tem dentro: frango, purê de batatas e algum tipo de caçarola de legumes. Tiro uma coisa de cada vez e ponho no cobertor.

— Isso é fantástico, gente. Muito obrigada. Eu amo todos vocês por estarem aqui.

Trey pega o pinguim de pelúcia com a Ash e me entrega.

— É seu.

— Adoro pinguins, Trey, isto é perfeito.

Começamos a comer, enquanto Jet e Ashtyn agem como nossos criados e Derek toca música pelos alto-falantes. Depois do jantar, os três vão embora e nos deixam sozinhos.

Trey nos enrola numa manta e apaga as velas falsas, e ficamos quase no escuro.

Mas, por mais perto que estejamos fisicamente agora, sinto que nossos pensamentos e emoções estão separados por milhões de quilômetros.

Me sento.

— O que foi? — ele pergunta.

Não quero contar para ele, mas não posso mais manter as aparências. Não é justo com nenhum de nós. Quero namorar, mas percebo de repente que não quero namorá-lo.

— Isso parece tão falso, Trey. — Viro-me para encará-lo. — Não me entenda mal. Adorei o que preparou para mim hoje à noite. Mas parece tudo tão… forçado.

— Concordo. — Ele se senta também. — Vamos apenas deixar passar a festa, Monika.

— Por quê?

— Porque quero ir à festa com você. Todo mundo sabe que você será eleita a rainha da festa…

— E que você será o rei.

Ele passa a mão pelos cabelos.

— Não quero abalar as coisas neste momento.

— Então por que está obcecado em ficar mandando mensagens para uma garota chamada Zara? Eu acho que isso é abalar as coisas.

— Você não sabe nada sobre ela. — Ele a defende como se fosse seu namorado.

— Porque você não me conta nada! Você finge que não está acontecendo nada entre vocês, mas está na cara que está. Quero dizer, você fica tão preocupado em mandar mensagens para ela que parece que nem se importa mais comigo. Além disso, fico maluca de vê-lo tomando aqueles remédios. Não sou cega nem tapada. Sei o que está acontecendo.

O celular de Trey toca.

— Precisamos acabar com essa discussão. Não atenda. — Mas ele nem escuta minhas palavras e me empurra gentilmente para o lado.

— Ei, cara, o que manda? — Seus olhos se arregalam. — Impossível!

— O que foi? — pergunto ansiosa. — Quem é?

— Estou indo para aí. Sim, entendi. Tudo bem. — Ele desliga o celular. — Vic se meteu em confusão.

O pânico cresce no meu peito.

— O que aconteceu? Onde ele está?

Trey começa a guardar a comida.

— Na cadeia.

## capítulo 19
# VICTOR

— Estou dizendo que não fiz nada.

Olho o crachá prateado com os dizeres Agente Thomas Stone gravados nele. Ele é um cara grande que age como se fosse algum tipo de agente do fbi ou algo parecido, quando senta na minha frente na sala de interrogatório. Foi ele quem me algemou e me atirou na parte de trás da viatura há uma hora.

— Olha, Victor — ele me fita. — Vou ser totalmente franco com você. Entrar numa briga com Matthew Bonk não é uma boa ideia. O pai dele é um membro importante da comunidade.

— Estou dizendo que não toquei no jipe dele. Estava ali apenas para pegar a minha irmã, e Bonk ficou no caminho. Ele me bateu primeiro. Não sei por que estou sentado aqui, e você simplesmente acabou de liberá-lo.

Stone suspira.

— Todo mundo aqui sabe sobre os problemas em que você já se meteu. Sua ficha não é muito limpa. Testemunhas dizem que você chegou já pronto para bater e que Matthew não deu um soco sequer.

— Todo mundo ali era de Fairfield, delegado. É claro que vão tomar o partido dele.

— Está dizendo que as testemunhas estão mentindo? Todas elas? Inclusive sua própria irmã?

— É. É isso mesmo que estou dizendo. — Recosto-me na cadeira, cansado de tentar provar para esse cara que não fui procurar uma briga. Fui ali buscar a Dani, para que ela não se metesse em confusão.

O delegado me rotulou de arruaceiro. Nada que eu disser ou fizer vai fazê-lo mudar de ideia.

Stone sai e volta com uma pasta grossa.

— Então me conta, Salazar. Você tem contato com gangues?

— Não. Só porque sou mexicano não significa que faço parte de uma gangue.

— Sei disso. Mas arruaceiros como você estão sempre procurando problemas. Você precisa ficar limpo, Salazar, ou vai acabar detido por mais algumas horas, especialmente porque seu pai não estava assim tão interessado em vir te buscar. Acho que suas palavras exatas foram "deixe-o ir para casa".

Stone me acompanha na saída e diz que estou liberado. Quando saio, meus amigos estão ali me esperando.

— O que aconteceu? — Ashtyn pergunta, histérica. — Você está bem?

— Estou — respondo, lacônico.

Trey me dá um tapinha nas costas.

— Você me assustou, cara.

Monika está ao lado dele. Me lembro de que esqueci o bolo no carro.

— Desculpe ter estragado a noite de vocês — digo a eles. — E seu bolo.

— Tudo bem — diz Monika.

Reparo que ela não está olhando para mim. Em vez disso, está fitando o chão.

— Ficamos felizes de que não registraram a ocorrência — diz Trey. — Mas se tivessem a gente pagaria sua fiança, irmão.

Porque todos sabem que meu pai não pagaria.

— Obrigado, cara.

Olho para Derek e Ash, Monika e Trey, e Bree e Jet. Não sei como lhes dizer que sem eles não sou

ninguém.

— O.k. — diz Jet. — Só o que precisa fazer é dar meu nome ao seu primogênito, e ficamos quites. Você pode chamar o seu garoto de Jake Evan Thacker Salazar. Ou Jet. Ou jt.

Dou uma risadinha, porque Jet não está brincando.

— É, bem, pode esquecer.

Trey me leva para casa. Estou sentado no banco de trás e sinto que há algo de estranho com Monika. Ela está no banco do passageiro olhando pela janela. Ela não olhou nem falou comigo desde que saímos da delegacia.

Quando Trey salta para abastecer o carro e ficamos a sós, quebro o silêncio.

— Está tudo bem entre nós, Monika?

Ela não se vira para mim e continua olhando para fora.

— Por que está perguntando isso?

— Porque você está agindo de maneira muito estranha.

Não quero que ela me ignore. Porra, a amizade dela impede, na maior parte do tempo, que eu fique maluco. Ela provavelmente pensa que sou um perdedor por ter sido preso hoje.

— Só para você saber, eu não comecei a briga com Bonk, se é o que está pensando.

Ela olha para mim.

— Eu não acho que tenha começado a briga. Te conheço bem. É só que…

— O quê?

Seu olhar está intenso agora, como se quisesse dizer algo que as palavras não conseguem traduzir.

— Você já quis que as coisas fossem diferentes?

Iiih, fodeu.

O tempo para.

Abro minha boca para responder, sem ter ideia do que vou dizer, quando a porta se abre de repente e Trey entra no carro.

— A gasolina está absurdamente cara. Sinto como se tivesse sido assaltado.

Monika ri baixinho.

— É, sei o que quer dizer — comento.

Há uma eletricidade no ar entre mim e Monika, mas Trey parece não perceber. Ele tagarela sobre o preço da gasolina o resto do caminho, e aí começa um discurso retórico sobre carros híbridos e carros elétricos que eu só ouvi parcialmente porque estou concentrado em imaginar o que Monika estava querendo insinuar com aquela pergunta.

Depois de Trey me deixar em casa, continuo pensando na pergunta da Monika que acabei não respondendo. Entro no meu quarto sabendo que vou ficar pensando na nossa conversa inacabada por horas e provavelmente vou dormir muito pouco.

Uma Dani muito puta está sentada na minha cama.

— Eu te odeio — ela diz.

— Não me importo. Bonk só está saindo com você para me atingir. Ele é um traíra.

Ela cruza os braços e me fuzila, como se a culpa fosse minha.

— Você não sabe *nada* sobre o Matthew.

Reviro os olhos.

— E você sabe? Que piada! Você acabou de conhecê-lo.

— Não me importa o que você pensa a respeito dele, Vic. Ah… e, só para você saber, vamos juntos à

festa.

— A única pessoa que Bonk ama é ele mesmo. E, só para *você* saber, você *não* vai à festa com ele. Ele é nosso pior inimigo, Dani. Ele mentiria e roubaria se isso significasse nos vencer. Porra! Ele roubou o nosso quarterback, e estaríamos ferrados se o Fitz não assumisse essa posição.

— Você não manda em mim! — retruca Dani, bufando como uma típica garota de catorze anos. — Posso fazer o que quiser, quando quiser.

— Não com Matthew Bonk.

Ela sai furiosa do meu quarto, mas eu não lhe digo o que quero dizer. Posso não mandar nela, mas como *mi'ama* não está aqui, eu certamente posso tentar ao máximo evitar que ela faça besteiras que vão acabar com sua vida.

Sei disso porque fiz besteiras que acabaram com a minha.

Será que fiz outra com Monika esta noite?

## capítulo 20
# MONIKA

Quando acordo no domingo de manhã, meu primeiro pensamento é o Vic. Ele não respondeu à pergunta que fiz no carro ontem à noite. Seguro a respiração e imagino se ele diria algo que revelasse que tem algum sentimento por mim.

Ai, o que estou fazendo?

Eu devia estar pensando na razão de meu namorado querer que esperemos a festa para terminar.

Dirijo até a casa do Trey para concluir a conversa de ontem. Trey pode querer evitar "A Conversa", mas ignorar nossos problemas não faz com que desapareçam.

Como de costume, a porta da frente está aberta. Dou uma espiada lá dentro.

— Olá? — chamo enquanto fecho e abro a mão para exercitar os ossos dos dedos, que doem e me lembram que sou mais frágil do que gostaria de ser.

Só escuto a água correndo.

Entro na sala, esperando que ninguém note como me movo devagar. Trey deve estar dormindo. Dou uma olhada no seu quarto, mas ele não está lá. Ouço-o tossir no banheiro. Aquela tosse peculiar que reconheceria em qualquer lugar.

A porta abre com um rangido. Trey está diante da pia, com a toalha enrolada na cintura. Ele pega um saquinho com algumas pílulas. Reconheço-as de imediato da aula de saúde do segundo ano. A droga altamente viciante chamada Venvanse. Meu coração dispara, e penso em ir embora e fingir que não o estou vendo colocar uma pílula na boca. Se eu não soubesse o que era, poderia viver na ignorância.

Mas não posso. Não mais.

Escancaro a porta. Ela range, alertando Trey da minha presença.

— Trey, fala sério. Você é um viciado.

Começo a sair do cômodo, mas ele corre atrás de mim.

— Monika, não é o que você está pensando.

— Acho que é viciado em drogas ilegais. Na verdade, sei o que é. E se for pego? Você pode ser *preso*. Você nem sabe o que tem nessas pílulas. Elas podem estar misturadas com algo que pode te matar.

Posso sentir a tensão entre nós crescendo como um muro de concreto.

— Me desculpe — ele diz, se sacudindo. — Não sei o que dizer. Essa coisa… me faz sentir mais forte e alerta. Não vai me matar. E não sou um viciado.

Levanto a mão enquanto as lágrimas se acumulam nos meus olhos pelo fim de tudo isso.

— Não posso namorar com você, não assim.

Ele suspira, frustrado.

— Já estou enfrentando muita pressão. Você *não tem ideia* do que estou passando. Não posso desacelerar. Você vai dizer que é por causa das drogas, mas é muito mais profundo que isso.

Sinto um arrepio na espinha.

— Você vai tentar parar, dar um jeito nisso e no nosso relacionamento? Ou vamos terminar?

Ele se encosta na parede.

— Eu preciso fazer isso. E não significa que não goste de você, Monika. As coisas mudaram. Eu mudei. *A gente* mudou.

— Eu sabia que as coisas estavam diferentes nestes últimos meses — admito. — Acho que é o fim de uma coisa legal.

— Estamos nos afastando já há algum tempo. Só não sabia como te contar. Não queria te magoar, mas esta é a minha vida agora.

— Você sabe que não posso fazer parte da sua vida se você estiver usando drogas.

— Não vou parar, por isso não adianta dar um sermão. — Recuo, e ele me pega pelo cotovelo. — Ainda vamos juntos à festa, não é?

Pisco muitas vezes, sem acreditar.

— Não vou à festa. Será estranho demais.

Ele se inclina na minha direção, e sua fisionomia se suaviza.

— Olha, sei que comprou um vestido e que suas amigas já planejaram a noite toda. Eu *quero* ir com você, Monika. Quer sejamos eleitos rei ou rainha ou não, é nosso destino irmos juntos a essa festa.

— Nosso destino? Por quê? — pergunto, confusa.

— Quer a verdade?

Olho para ele com um olhar de você-está-brincando.

— É. Eu sempre quero a verdade.

— Eu sei que você está me odiando.

— Eu não te odeio, Trey. Estamos juntos há tantos anos que eu não poderia odiá-lo nem que quisesse.

— Não estou te largando. Apenas vá comigo. O.k., não é nosso destino. Só preciso estar concentrado. Não precisamos contar a ninguém que terminamos até depois da dança para evitar uma cena. Concorda?

Mentir para os meus amigos?

Fingir que estamos bem quando terminamos?

— Não quero mentir para eles.

Ele suspira. Sinto seu estresse extravasando.

— Você pode me fazer esse único favor?

Ele não diz, mas percebo. Ele quer estar concentrado nesse jogo porque olheiros estarão presentes. Ele não quer cenas ou boatos que possam afetar sua concentração.

Respiro fundo. Então engulo o desespero que se avoluma na minha garganta.

— Está bem, Trey. Não direi nada.

Posso ver pela maneira como sua perna está tremendo que a droga começa a fazer efeito.

— Não quero te magoar. Nunca quis. Sempre te amei — diz.

Olho para o saquinho de pílulas que ainda está na sua mão.

— Só para você saber, está jogando um jogo muito perigoso ao tomar essa droga. Pare agora antes de se matar, Trey. Por favor. Eu te imploro. Sempre vou te amar e quero o melhor para você, mesmo que não estejamos juntos. — Acrescento, antes de me virar para sair: — Mas não é mais minha obrigação te proteger.

— Me promete uma coisa. Não fale para ninguém sobre as drogas — diz, quase implorando. — Nunca. Por favor, Monika. Isso vai me destruir.

Concordo devagar.

— Prometo, Trey. Não falarei para ninguém. Nunca.

## capítulo 21
# VICTOR

Isa está debruçada sobre seus livros, sacudindo a cabeça.

— Estou enrascada.

— Com o quê? — pergunto.

— Dinheiro. — Ela folheia as páginas de seu livro-caixa e usa a calculadora para somar alguma coisa. — Não é o suficiente. Cacete, Vic, nunca é.

— Quanto você deve no total?

— Trinta e cinco mil.

Me aproximo, me perguntando como ela se meteu nisso.

— E quanto falta?

— Quatrocentos para o pagamento da parcela da hipoteca deste mês. Vou dar um jeito. Talvez me deixem renegociar a dívida.

— Te dou os quatrocentos dólares — Bernie intervém do fundo da garagem. Ele estava trabalhando em silêncio na última hora, soldando umas peças velhas para que caibam nas peças vintage que Isa tem lá nos fundos.

— Não quero o seu dinheiro, Bernie. Te despedi, está lembrado?

— Estou. Que tal se você sair comigo e me despedir depois? Temos um trato?

— Não. Não preciso do seu dinheiro. — Isa volta para o escritório. — Vou só pedir ao banco uma extensão de prazo.

— É, porque isso sempre funciona — digo sarcasticamente.

— Vale tentar — ela resmunga.

— Não sei por que ela não aceita a minha ajuda — Bernie se queixa comigo. — Já ofereci ajuda centenas de vezes.

— Talvez ela não queira depender da ajuda de ninguém. Além disso, acho que ela te odeia.

Bernie levanta a mão.

— Não se engane com a ambiguidade dela. Estou quase a ganhando.

— Posso te escutar! — Isa berra do escritório. — E Vic está certo, Bernie. Eu te odeio!

— Como pode me odiar? Eu não fiz nada — diz Bernie.

Um suspiro exagerado se faz escutar.

— Sua mera existência me dá nos nervos, nerd.

Em vez de se sentir insultado, Bernie pisca para mim.

— Ela está enfraquecendo. Caraca, aposto que ela até vai sair comigo algum dia desses.

Isa entra furiosa na oficina com as mãos na cintura.

— Vai sonhando, Bernie. Quero dizer, olha para você. — Ela mostra o corpo dele com um gesto. — Seu cabelo parece com o do Howdy Doody, sua pele é tão branca que preciso usar óculos escuros para chegar perto, e você não seria capaz de se vestir direito nem sob a mira de um revólver.

— Bernie, não dê ouvidos a ela. É apenas uma mulher amargurada.

— Vai à merda, Vic. Você não sabe de nada.

— Tudo bem — diz Bernie, claramente se divertindo com as palavras duras de Isa.

— Com licença. — Uma voz feminina familiar, vindo da entrada da loja, ecoa pela oficina.

Monika está aqui. Ela está usando um jeans justo e uma regata de renda branca que acentua a cor de sua pele. Porra, ela está linda. Não consigo deixar de olhar e me sentir atordoado ao vê-la ali na oficina.

Isa me empurra para passar e abre um sorriso que só vejo usar com os clientes.

— Em que posso ajudá-la?

Monika faz um cumprimento de cabeça, olha para mim com aqueles olhos verdes brilhantes.

— Oi, Vic.

— Oi.

Isa facilmente troca o modo emputecida pelo comercial.

— Me chamo Isabel, sou a dona da Oficina do Enrique. Precisa de uma troca de óleo ou de uma bateria nova?

— Preciso de um *emprego* — Monika fala sem rodeios.

Espera. O quê? Acho que não escutei direito.

— Um emprego? — repito, praticamente engasgando com as palavras. — Você deve estar brincando.

— Não estou — Monika afirma. Ela se vira para Isa. — Não sei muito sobre carros, mas posso vir depois da escola e nos finais de semana. Nem precisa me pagar muito.

— Não — intervenho.

Monika me fuzila.

— Eu dou conta.

Isa a olha de cima a baixo, como se estivesse avaliando as habilidades dela pelas roupas.

— Você tem *alguma* experiência com carros?

— Sei como dirigi-los — Monika fala baixinho, mas aí se anima e diz: — Mas juro que aprendo rápido. Preciso disso. *Por favor.*

Posso ver que Isa está considerando o pedido.

Ah, não.

— Ela *não pode* trabalhar aqui — corto rapidamente. Eu não a quero aqui. É perigoso. Ainda por cima será torturante trabalhar com ela. Monika nunca será minha. Quanto tempo mais vou conseguir fingir que não quero abraçá-la, tocá-la e beijá-la? — Monika tem treinos de animadora de torcida. Ela está *claramente* sob muita pressão, e não está em seu juízo perfeito se pensa que pode trabalhar numa garagem suja. É uma *animadora de torcida*, Isa, não uma mecânica.

Isa me empurra para fora do seu caminho.

— Você não pode dizer quem eu posso ou não contratar.

Aqui é o único lugar em que posso afastar os pensamentos da Monika. Com ela aqui…

Aponto para a regata rendada que Monika está usando.

— Olha para ela, Isa. Ela está mais para roupas de grife e renda do que para carros e graxa. Ela tem a palavra *paty* escrita nela toda. Além disso… — Hora de partir para a jugular. — Ela tem alguns *problemas de saúde*.

— Estou bem — Monika responde prontamente. — Não sou uma patricinha. E os meus problemas de saúde não devem preocupá-la. Não dê ouvidos a ele.

— Por que está fazendo isso? — Preciso mantê-la a distância.

Isa parece estar se divertindo com o desenrolar da conversa. O sorriso irônico em seu rosto é um indicador de que a minha vida está para ficar bem mais complicada do que já é.

— Porque você e os outros rapazes disseram que não dou conta, e vou provar a todos que estavam

errados. Olha — Monika diz para Isa —, se me contratar, trabalho de graça enquanto me treina.

Isa estende a mão.

— Você está contratada.

Merda!

Acabo de arrumar um novo problema.

## capítulo 22
# MONIKA

Faltar ao colégio um dia para fazer o tratamento é horrível, especialmente quando eu preferia estar lá. Mas este final de semana é o início da temporada, e, como meu corpo todo tem estado dolorido, o meu médico quis que eu começasse o tratamento antes que a dor aumentasse demais.

Por isso estou sentada no hospital, esperando que as enfermeiras me espetem e insiram o acesso.

Uma das enfermeiras entra no quarto com um sorriso alegre que combina com as cerejas de sua camiseta.

— Como estão as coisas hoje, Monika?

— Preferia estar em outro lugar — conto a ela.

Ela ri espontaneamente, como se eu tivesse dito alguma piada.

Minha mãe, que está sentada ao meu lado, está com o cenho e as sobrancelhas franzidos. Me dói vê-la tão preocupada.

— Mamãe, vai trabalhar. A reunião com seu cliente é em dez minutos. Já passei por isso milhares de vezes.

Mamãe se encosta na cadeira, apertando a bolsa no colo.

— Quero esperar até terem inserido o acesso. Posso me atrasar alguns minutos.

A enfermeira tem agulhas e sondas à sua frente.

— Ouvi dizer que a abertura da temporada é neste fim de semana. Já tem um par e um vestido?

— Ambos.

— Que legal!

Dou de ombros.

— Acho que sim.

Não conto a ela que eu e meu namorado terminamos e que ainda vou com ele só para manter as aparências.

A enfermeira ainda joga um pouco de conversa fora enquanto insere o acesso. Vou ficar aqui duas horas, que saco. Mas depois disso a inflamação e a dor nas minhas articulações vão diminuir, pelo menos por algum tempo. Estou animada com a perspectiva.

Não estou tão animada com os efeitos colaterais do Remicade, a droga que será injetada no meu corpo. Da última vez, vomitei e tive dor de cabeça durante dias. Também fiquei com muito sono, e me senti muito cansada a ponto de não conseguir manter os olhos abertos. Espero que dessa vez seja diferente.

A enfermeira insere o acesso. Olho para o outro lado, porém minha mãe observa tudo como se o remédio fosse curar sua filha. Mas não há cura.

Assim que minha mãe vai embora e o remédio pinga lentamente no meu corpo, me ajeito na poltrona reclinável do hospital e fecho os olhos. Estar aqui me faz sentir que não posso levar uma vida normal sem remédios. Não entendo como alguém em seu juízo perfeito tomaria remédios dos quais não precisa.

Como o Trey.

Inclinando a cabeça para trás, imagino que estou em qualquer outro lugar, menos aqui.

— Eu não entendo como alguém que mal consegue se mexer sem remédios pode querer ser uma mecânica.

Abro os olhos ao ouvir a voz de Vic Salazar. Ele está diante de mim, olhando o Remicade gotejar. Poxa.

— O que está fazendo aqui?

— Achei que podia te fazer companhia — diz, sentando na cadeira que minha mãe deixou há alguns minutos.

— Como… Eu não… Você não devia estar aqui, Vic. Eu te disse para não contar a ninguém sobre a minha doença.

— Fica fria. Eu não falei.

Olho para ele. Tem as mãos sobre o peito como se fosse uma sentinela me guardando.

— Você não devia estar no colégio? Como soube que eu estava aqui? Como conseguiu um crachá de visitante?

Ele revira os olhos.

— É, eu devia estar no colégio. Me chamaram na sala da Finnigan, e ouvi a secretária receber o telefonema de sua mãe avisando que você estava no hospital fazendo o tratamento. E consegui entrar porque mencionei o nome do meu pai para a recepcionista na entrada. Ele já fez um monte de doações para este hospital.

— Você vai se encrencar por matar aula.

Ele pisca para mim, e meu estômago fica cheio de borboletas.

— Me pergunte quando foi a última vez que me importei com isso.

Minha garganta fica seca quando ele se aproxima.

— Por que veio?

— Para convencê-la de que é uma burrice trabalhar na Oficina do Enrique. Vai acabar se machucando.

Meu ânimo evapora ao ouvi-lo.

— Você não acredita em mim, exatamente como Trey.

— Ah, acredito, Monika. Acho que você pode fazer o que bem entender. Apenas acho que vai acabar se arrependendo. Olha para você. — Ele mostra o acesso. — Sou seu amigo. Me escuta e não vá trabalhar num lugar que pode te pôr num hospital, ou pior.

— Obrigada por se preocupar, Vic. Mas vou fazer isso, não importa o que diga.

— Você é teimosa como a minha prima — diz, desapontado. — Seu ego está atrapalhando o seu raciocínio. Sei que isso vai soar brega, mas estaremos nesta terra por menos de cem anos, aí acaba o nosso tempo. Não quero que desperdice o seu fazendo coisas que não valem a pena. Eu gosto de trabalhar na oficina. Você está fazendo isso para provar que pode. Não é uma razão boa o suficiente.

A enfermeira entra para medir a minha pressão.

— Vejo que temos visita. Você é o namorado que vai levá-la à festa?

Vic nega com um gesto de cabeça e desvia o olhar.

— Não — digo, corando ao pensar em Vic como meu namorado. — Ele é apenas um amigo.

A enfermeira verifica meus sinais vitais.

— Bem, ele é um amigo muito especial para sentar aqui com você enquanto faz o tratamento.

— É — respondo, lacônica, enquanto imagino como seria ter um cara como Vic como namorado. Afasto o pensamento ao ver que a minha pressão sanguínea está subindo rapidamente. — Ele é muito especial.

Queria que ele não tivesse vindo aqui apenas para me convencer a desistir de trabalhar na oficina. Imagino que, se quisesse alguém que acreditasse em mim, essa pessoa seria o Vic.

## capítulo 23
# VICTOR

Na quinta, depois do colégio, Dieter nos reúne em volta dele no vestiário antes de nos vestirmos para o treino.

— Amanhã não é apenas o início da temporada. Será um dos nossos jogos mais importantes. — Ele está de pé no meio do vestiário, olhando cada um de nós como se estivesse avaliando nossas medidas. — Vamos jogar contra os nossos maiores rivais. Tenho ouvido rumores de que a Fairfield High é melhor do que nós. Isso é verdade?

— Não, treinador! — respondemos em coro.

Nosso entusiasmo não o convence.

— Não sei — ele continua —; o modo como alguns de vocês estão jogando durante os treinos não me transmite que é isso que querem. — Ele escreve no quadro branco a palavra vencedores com um marcador preto grosso. — Vocês não se tornam vencedores treinando sem vontade. Não treinem como se fosse o início da temporada, não treinem como se fosse para o campeonato estadual. Vocês devem jogar como se fossem um time da droga da Liga Nacional de Futebol. Reúnam todo o seu esforço, energia, paixão e habilidade. Todos e cada um de vocês. Qualquer coisa menos que isso significa que não estão jogando com todo o seu potencial. Significa que é melhor vocês deixarem o meu campo, porque não merecem estar aqui. Agora, quando estiverem ali fora hoje, quero ver vencedores. Porque é isso que penso que são. A pergunta é: vocês têm o que é preciso para isso? — Ele levanta uma mão. — Não quero que me respondam, senhores. *Me mostrem.* O desempenho de vocês fala mais alto do que as palavras.

Enquanto o discurso de Dieter é absorvido, ele pega sua prancheta e sai. O assistente o segue.

Resta o silêncio.

— Temos que vencer amanhã — diz Ashtyn. — Para mostrar a Fairfield e àquele quarterback traidor Landon McKnight que o time que abandonou está melhor sem ele.

— *Vamos* vencer — asseguro a ela.

— Não da maneira como tem jogado ultimamente — Trey diz com uma risadinha.

— Trey, posso te jogar no chão de olhos fechados — digo, encarando o desafio.

— Vai ter que me alcançar primeiro, cara. — Ele me dá um tapinha no ombro. — Não é tão fácil com os dois pés esquerdos que tem.

— Você realmente cai pra caramba — implica Jet, com um sorriso.

— A última vez que caí, Jet, estava bêbado — respondo.

— É, bem, bêbado ou não, o Trey aqui é um animal.

Trey flexiona os músculos, e então beija cada bíceps.

— Encare os fatos, Vic. Sou mais rápido e mais forte que você.

Meus amigos e eu aperfeiçoamos esse tipo de conversa ao longo dos anos.

— Fatos? O fato é que hoje vou te matar em campo, Matthews.

Trey ri.

— É isso aí. A única maneira de me matar é com uma arma, cara, porque não consegue me alcançar com esses pés lerdos. — Trey faz um gesto esnobando e veste a camisa e os protetores do uniforme de treino.

Lerdo? Ninguém nunca me chamou de lerdo. Posso jogar alguém no chão e ainda atingir o quarterback

sem que ele saiba o que o atacou.

Derek, que normalmente só assiste aos desafios entre mim e Trey, aponta para nós.

— Como disse o Dieter, o desempenho de vocês vai dizer tudo.

Ao sair do vestiário vestido e pronto para o treino, só penso em provar para todos que tenho valor… pelo menos em campo. Ninguém corre ou joga mais rápido do que eu.

Nem mesmo Trey Matthews.

Trey está andando ao meu lado e então diz:

— Volto já, cara, esqueci uma coisa.

— Aonde vai? Já está fugindo?

— Vai sonhando — diz por cima do ombro. — Só esqueci uma coisa no meu armário.

Se se atrasar para o treino, Dieter vai foder com ele e então vai fazê-lo dar voltas e flexões só de sacanagem.

Quando Trey volta, estamos todos prontos para fazer o aquecimento. Como nossa capitã, Ashtyn sai na frente, pulando os obstáculos e se alongando. Dou uma olhada nas animadoras de torcida treinando diante das arquibancadas. Devia olhar para o outro lado, porque, quando Monika se vira para nos ver, minha adrenalina acelera e minha virilha se contrai em resposta.

Ela me excita de uma maneira que nenhuma garota jamais me excitou. Nem a Cassidy. Nem chegou perto disso.

— Está secando a minha namorada? — Trey fala de brincadeira. Quando nego, ele ri. — Cara, estou só de sacanagem. Sei que convidou a Cassidy para a festa. Sabia que você ainda estava a fim dela.

Não estou, mas não importa.

Trey e eu estamos prontos para a largada.

Quando é nossa vez, eu o olho, pronto para dar tudo e ganhar dele.

Ele me dá um tapinha nas costas.

— Te vejo na chegada, cara.

Isso é guerra.

Ou pelo menos uma competição crescente entre nós dois. Na Idade Média, eu teria duelado pela Monika.

Mas não estamos na Idade Média.

E Monika não é uma posse que possa ser disputada.

Mais uma vez, olho para onde ela está, junto com as animadoras de torcida. Ela está prestando atenção em nós.

Quando Dieter apita, largo ao lado de Trey, querendo muito ganhar. Meus pés amassam a grama, e os meus braços se mexem com velocidade.

Muito rápido. Rápido demais. Trey vence por um décimo de segundo.

Me dobro pondo as mãos nos joelhos, tentando recuperar o fôlego. Tanto esforço para perder. Devo aceitar que acabo de me entregar em uma bandeja de prata.

Trey está ao meu lado e não está nada afobado pela corrida.

— Você é uma máquina infernal, Matthews — digo enquanto ainda estou arfando.

— Encare os fatos, Salazar. Eu faço de você um jogador melhor.

— Como assim?

— Se não fosse eu, quem te desafiaria? — Ele estende os braços para me abraçar. — Para que servem os melhores amigos senão para te desafiar a ser melhor?

— Vou te jogar no chão se tentar andar com a bola — digo, esboçando um sorriso.

— É isso aí. Te *desafio*.

Não demora muito e Dieter nos coloca para praticar as rotinas, e as animadoras de torcida param o treino e começam a torcer por nós. Por uma fração de segundo finjo que Monika está torcendo por *mim* e que é *minha* namorada.

Estou na linha da defesa agora, focado em David Colton, que é da linha de ataque. Pelo canto do olho vejo Trey. Não é difícil prever que ele vai sair com a bola. Ele não sabe blefar, e suas mãos estão se retorcendo.

Alinhamo-nos na linha de saída, e Dieter apita. Num instante derrubo Colton. Derek entrega a bola a Trey. E eu não vou deixá-lo passar por mim.

Não dessa vez.

Dou tudo o que tenho ao correr atrás de Trey. Estou em seus calcanhares. Vou conseguir. Com uma explosão de força o derrubo, jogando todo o corpo em cima dele ao trazê-lo para o chão.

Isso!

Estou ofegando como um doido e as minhas pernas estão moles feito manteiga, mas não me importo. Derrubei o Trey, o jogador mais rápido dos colégios de ensino médio do estado de Illinois. Me sinto ótimo.

— Toma essa, cara — digo no instante em que recupero o fôlego.

Me levanto e estendo a mão para ajudá-lo, mas ele não aceita.

— Trey, levanta.

Ele não faz nada.

Ele não está se mexendo.

Me ajoelho ao seu lado para ver se está fingindo.

— Ei, Trey, vamos lá, levanta, cara.

Será que ele desmaiou? Por que não se mexe? Fico confuso e começo a entrar em pânico, enquanto pensamentos sombrios se infiltram na minha mente. Minhas mãos começam a tremer.

— Treinador! — berro, acenando para Dieter se aproximar. — Tem algo errado com o Trey! Corre!

Não quero tocar nele. Tenho medo de ter quebrado sua coluna, de ser responsável por isso. Seus olhos estão abertos, mas Trey não está consciente. Ele não está fingindo. Ele desmaiou… ou… eu nem consigo pensar direito neste momento.

— Socorro! — berro o mais alto que posso antes de a minha garganta se fechar e ser empurrado de lado pelo técnico e por sua equipe. — Trey, acorda — digo, as palavras sumindo enquanto o mundo se fecha sobre mim.

Se tiver machucado meu melhor amigo… ele é tudo o que tenho.

O massagista ajoelha ao lado de Trey e cola o rosto no capacete.

— Trey, pode me ouvir?

Nada.

Sinto meu corpo inteiro dormente ao vê-lo procurar o pulso de Trey.

— Chama a ambulância, agora! — ele grita em pânico antes de tirar o capacete de Trey com cuidado, levantar seu pescoço e fazer a respiração boca a boca.

Não.

Olho para o chão, e ele está fora de foco.

Tudo está desfocado.

Observo horrorizado o massagista tratar de Trey, fazendo a contagem e se alternando com Dieter na massagem cardíaca. Olho os pés e as mãos do Trey, buscando algum sinal de reação, mas não vejo nada.

Isso não pode estar acontecendo. Esfrego meus olhos, rezando para que tudo seja um pesadelo e que eu acorde. Ou que seja uma brincadeira que todos estejam fazendo comigo.

Mas não é uma brincadeira.

E eu não estou dormindo.

Estou longe da aglomeração quando ouço a sirene da ambulância ao longe. Apenas um pensamento ecoa na minha cabeça como um mantra.

*É minha culpa.*

*É minha culpa.*

*É minha culpa.*

## capítulo 24
# MONIKA

— O que está acontecendo lá? — Bree pergunta, apontando para o alvoroço no campo de futebol.

— Parece que alguém se machucou — diz outra garota. — Quem terá sido?

— Que droga se machucar na véspera do jogo — Bree fala enquanto joga seus pompons no ar e os pega de volta. — Certo, Monika?

— Certo — falo enquanto estico o pescoço para ver se reconheço quem está no chão. É comum ver jogadores no chão, então não fico preocupada.

Até ver que todos os rapazes se ajoelham.

Isso não pode ser bom.

Ouço a sirene da ambulância se aproximar. Vic está em pé como uma estátua, longe de todos, observando a cena. Sei que algo horrível aconteceu só de ver sua postura e a sua expressão de choque.

Corro para o campo, minha mente imaginando coisas horríveis. Quando me aproximo, vejo o número na camisa do jogador.

Trinta e quatro.

— Trey! — Seu nome me escapa dos lábios num grito de dor.

Corro para ele, mas sou imediatamente segurada por Jet e Derek. O ar grave e solene em seus rostos faz meu coração pesar e o meu corpo paralisar.

— Monika, você não deve ver isso — diz Derek, me impedindo de ver o que está acontecendo.

— O que tem de errado com Trey? O que aconteceu? — grito enquanto luto contra as tentativas de me manterem afastada. — Diz para mim!

Jet me abraça com força.

— Estão tratando dele, Monika, se acalme.

Eu o agarro, incapaz de me controlar.

— Não quero me acalmar. Trey. Ah, meu Deus! O que está acontecendo? — Trey está deitado no chão, mole e sem vida. Alguém faz uma massagem cardíaca, mas por quê?

O que aconteceu?

De repente, Ashtyn entra no meu campo de visão. Ela corre para mim com os olhos cheios d'água.

— Ai, meu Deus! — ela grita.

— O que há de errado com ele? — pergunto, frenética, enquanto sinto lágrimas quentes descer pelo meu rosto. — Ele vai ficar bem? Me fala que ele vai ficar bem! Preciso que me fale que ele vai ficar bem, Ash. — Olho para o Jet, e minha vista começa a ficar turva. — Por favor…

Não importa se terminamos, Trey ainda é uma parte de mim. Estivemos juntos por mais de três anos, passamos tantas coisas um com o outro...

— Estão acudindo ele — diz Derek, mas essas palavras não são boas o bastante.

— Preciso vê-lo! — grito.

Ashtyn segura meu rosto com as duas mãos.

— Monika, ele está machucado.

— O que aconteceu? — pergunto, soluçando descontroladamente.

— Ele foi derrubado — ela responde com uma expressão perturbada. — Não sei o que está acontecendo.

Ele não está se mexendo.

— Preciso ajudá-lo. Por favor, me deixa ajudá-lo! — grito. — *Por favor.*

— Estão fazendo de tudo, querida. Não sei o que está acontecendo.

— Tem certeza? — preciso me assegurar de que ele vai sair disso ileso.

— Ele é forte — Ash comenta. — Se há alguém que aguenta uma pancada forte é o Trey.

Mas ela não diz o que quero ouvir, o que *preciso* ouvir: que ele vai ficar bem. Uma parte de mim se sente responsável por isso.

A ambulância entra no campo.

— Quero vê-lo. *Por favor*, me deixem vê-lo? — grito, sem me dar conta de que minha voz soa histérica.

Mas não me deixam.

Parece que o time todo está bloqueando o meu caminho e me mandando ficar calma. Não consigo controlar os soluços ou o fato de estar tremendo toda. Meu corpo está gelado.

Quando a ambulância se afasta com Trey dentro, meus joelhos cedem e caio no campo. Ashtyn está junto de mim, com Derek e Jet.

— Respira fundo, Monika — Ashtyn me orienta com a voz trêmula. — Vamos lá, respira. Faz comigo.

— Está bem — respondo com a voz entrecortada. Estou tentando recuperar o fôlego, mas não estou conseguindo. Tento respirar fundo com a Ashtyn.

Estou um caco.

Não consigo pensar direito.

Preciso me acalmar, ou não vou ser de nenhuma serventia. Não consigo olhar para eles enquanto tento controlar minhas emoções. Eles aparentam muita preocupação e derrota, como se soubessem que as notícias não são boas, mas estão mantendo isso em segredo.

— Precisamos ir para o hospital — digo a eles, com o pânico fervendo sob a pele. — Já.

— Vou te carregar — diz Jet, mas recuso.

— Estou bem.

Me levanto e vejo que Victor está na linha do gol. Ele tira a camisa e os protetores e os abandona na grama ao sair.

— Vic! — Ashtyn grita. — Estamos indo para o hospital. Vem com a gente.

Ele se vira como se não tivesse escutado e sai correndo.

Jet, com a mão em concha, grita:

— Ei, Vic!

— Aposto que está se culpando — diz Ashtyn. — Alguém precisa falar com ele.

— Leva a Monika para o hospital — instrui Derek. — A gente te encontra lá.

Derek e Jet correm atrás de Vic. É tudo caótico e confuso ao mesmo tempo. Não sei o que dizer ou pensar. Nossos amigos não sabem que terminamos e não sabem que Trey está se drogando. Pensamentos demais estão passando pela minha cabeça. Será que as pílulas têm algo a ver com isso? Será que devo quebrar minha promessa e contar sobre elas para alguém?

Ao chegamos ao hospital quinze minutos mais tarde, corro para a emergência.

— Cadê o Trey? — pergunto à equipe do treinador, que está toda na recepção. — Ele está bem?

Ninguém responde. Abraço Ashtyn, precisando do seu apoio. No fundo da minha mente temo pelo pior, mas não quero acreditar que seja verdade. Não pode ser verdade. Trey Matthews é forte.

— O técnico Dieter não saiu de perto dele — diz um dos assistentes. — Ele não está sozinho, Monika.

— Quero vê-lo — digo a uma enfermeira que aparece toda de branco.

— Desculpe, mas não vai poder vê-lo neste instante — ela diz com gentileza. — Só a família está autorizada. Você é da família?

Família?

Nós falamos sobre casamento. Há muito tempo, antes de ele começar a se drogar, antes que as coisas mudassem entre nós.

Ninguém sabe do segredo de Trey. Apenas eu.

Nunca vou me perdoar se esse segredo fizer mal a ele.

## capítulo 25
# VICTOR

Machuquei meu melhor amigo.

Trey estava imóvel ao ser colocado na maca e enfiado na ambulância. A sirene alta se afastando ainda ecoa nos meus ouvidos. Durante a minha vida inteira fiquei esperando que algo de ruim me acontecesse, como se eu estivesse vivendo a vida de outra pessoa. Nunca imaginei que seria responsável por machucar alguém de quem realmente gostasse.

Não aguentei vê-los retirar o corpo inerte de Trey do campo.

O massagista e Dieter haviam feito a massagem cardíaca sem parar até os paramédicos chegarem e assumirem. Vi suas caras sérias enquanto desesperadamente monitoravam Trey, buscando alguma esperança, algum sinal de vida.

Não vi nenhum.

Depois que a ambulância partiu, ouvi Monika gritar por ele, esganiçada. Queria me aproximar dela. Queria abraçá-la e pedir desculpas.

Em vez disso corri.

Meus pés se movem sozinhos, as chuteiras batendo forte na calçada. Nem sei quão longe estou, até encontrar a praia, arfando e suando, na tentativa de deixar para trás a imagem de Trey estendido no gramado depois de tê-lo derrubado. Mantenho o ritmo acelerado, sem vontade de parar ou diminuir a velocidade, com medo de que a realidade do que aconteceu lá atrás, no campo, me alcance.

Corro para longe dos meus pensamentos, mas não está funcionando.

Minhas pernas estão dormentes quando paro e me volto para o lago Michigan. As ondas chegam até a margem e lambem minhas chuteiras. Infelizmente o som das ondas não abafa a sirene ou o eco dos gritos de Monika.

Sempre achei que minha vida era um jogo e que eu era invencível. A verdade é que nunca me importei em viver ou morrer. Talvez fosse por causa da maneira como meu pai me olhava, como se eu não valesse nada. Mas Trey… ele é o cara que tem tudo pelo que viver. Tem um pai que o apoia, uma namorada que o ama e uma cabeça que rivaliza com a do próprio Einstein. Inúmeras vezes desejei viver a vida dele.

E se Trey ficar paralítico ou acontecer o pior, a culpa é toda minha. E se eu tiver estragado tudo o que ele tinha e que eu queria tanto para mim? Como vou poder olhar nos seus olhos e dizer que não quis derrotá-lo? Porque isso seria mentir. Queria derrubá-lo com força, para provar a ele e a todo mundo que eu podia vencer o melhor. Queria provar à Monika que eu era mais forte, maior e melhor.

Tudo o que provei é que sou um idiota.

Apertar os olhos com a palma da mão para apagar os pensamentos não está funcionando. Não aguento mais.

Corro para o escritório de *mi papá*, bem no centro da cidade. A firma de investimentos de Salazar, Meyer & Kingman é impressionante. O prédio em que trabalha é de metal brilhante e polido, com janelões virados para a rua. É imponente e bacana, como o meu pai.

Estou tão apavorado que não sei o que fazer.

*Papá* sempre toma conta dos negócios. É como se eu estivesse cego e precisasse dele para me guiar. Ele já me deixou na mão tantas vezes, mas dessa vez eu não sei a quem mais recorrer.

Preciso que me ajude. Nunca precisei tanto dele quanto agora.

Pela primeira vez, ao que me lembre, sinto meus olhos cheios de lágrimas. Eu os enxugo com as costas das mãos.

Brenda, a recepcionista, é uma loura magrela de batom vermelho vivo. Já estive aqui ao longo dos anos vezes suficientes para que ela saiba imediatamente quem sou: o filho encrenqueiro do patrão. Droga, nem me importo com o rótulo, porque me serve. Isso também faz com que os empregados me evitem como a uma praga, o que me cabe bem.

Antes de eu alcançar a mesa, Brenda já está ao telefone, cochichando.

*Acalme-se, Vic. Você consegue.*

— Preciso ver meu pai — digo o óbvio para ela enquanto tento fazer com que minha voz e minhas mãos parem de tremer.

Ela me lança um olhar falso de pena.

— Desculpe, Victor. Ele está numa reunião e não quer ser incomodado.

— É uma emergência — digo a ela. — *Por favor*, diga que é uma emergência.

Ela pega o telefone e sussurra novamente.

— Ele está dizendo que é uma emergência — ela tapa o fone. — Ele quer saber a natureza da emergência. Disse para ser bem claro.

— Não posso.

Ela põe o telefone no gancho.

— Ele disse que o vê em casa, depois de ele…

Antes de ela terminar a frase, avanço pela recepção e passo pelo segurança, e os deixo protestando atrás de mim.

Entro na enorme sala de canto do escritório de meu pai sem bater na porta. Quatro caras, em ternos impecáveis, estão sentados em torno de uma mesa comprida.

Assim que *mi papá* me vê, ele franze o cenho.

— Com licença — ele diz aos outros homens. — É só um minuto.

Ele não me apresenta como seu filho, mas não me importo. Eu o sigo para fora da sala e para o corredor. Ele está com um olhar muito furioso.

— Eu… eu… preciso de você — digo, desesperado.

Ele suspira.

— O que foi agora?

As palavras saltam da minha boca.

— É o Trey. Estávamos fazendo umas rotinas de treinamento, e uma coisa muito ruim aconteceu. *Papá*, preciso de ajuda. Não sei o que fazer.

Ele me olha como se estivesse incomodado e chateado.

— Victor, estou numa reunião. Não estou surpreso que tenha feito algo errado. Estou cansado de pagar suas fianças. Resolve isso e para de me incomodar no trabalho, algo que você não sabe fazer porque está sempre muito ocupado em se meter em confusão. O que quer que tenha feito, assume e conserta.

— Não posso consertar.

Ele revira os olhos.

— Então você não serve para nada.

Fito suas costas enquanto ele volta para o escritório e praticamente bate a porta na minha cara.

A realidade está me matando, e não sei o que fazer. Preciso fugir, fingir que não existo.

Corro para a Oficina do Enrique, e Isa me leva para o seu apartamento.

— Posso ficar aqui um pouco? — pergunto ao sentar no sofá dela e pôr a cabeça entre as mãos.

— Claro. O que foi que aconteceu?

— Não quero falar sobre isso. Não consigo.

— Quer que te deixe em paz?

Faço que sim com a cabeça.

Quando ela sai, reúno minhas forças para ligar para a Monika. Seu telefone chama, e o meu pulso se acelera.

— Alô? — ela atende com a voz fraca.

— É o Vic. Como está o Trey?

Ouço um monte de vozes. Posso dizer pelo som abafado que o celular está sendo passado para outra pessoa.

— Vic, onde você está? — A voz de Jet ecoa pela linha. Soa como se ele estivesse chorando. — Está todo mundo procurando por você.

— Estou bem. Manda pararem de me procurar. Como está o Trey?

— Me diz onde você está.

— Não. Como está o Trey?

Há uma pausa longa.

— Ele não conseguiu — Jet finalmente fala. — Sinto muito.

Não pensei que minha mente pudesse alcançar um lugar tão sombrio, mas aconteceu.

Meu melhor amigo está morto.

E é tudo culpa minha.

## capítulo 26
# MONIKA

As notícias sobre a morte de Trey se espalham rápido como fogo de palha na nossa cidade pequena. Desde que cheguei do hospital, ontem à noite, meu celular não para de tocar, com telefonemas e mensagens. A maioria perguntando como estou e avisando que a diretoria da escola decidiu adiar o jogo do início da temporada e a festa. Enfim desligo o celular e o atiro do outro lado do quarto. É quase meio-dia e ainda não o peguei de volta.

Não quero falar com ninguém.

Não quero estar com ninguém.

Quero que todos parem de me lembrar que Trey morreu. Talvez, se as pessoas pararem de falar sobre isso, eu possa imaginar que foi um grande engano. Enquanto parte de mim quer acreditar nessa fantasia, sei que Trey nunca mais vai voltar.

Meu olhar se volta para o meu vestido azul novo, ainda no cabide e com as etiquetas de preço penduradas. No ano passado fomos com Cassidy e Vic à festa. Depois de muito papo até conseguimos convencer Vic a entrar na pista de dança. Estávamos todos nos divertindo, até que Cassidy ficou bêbada e vomitou no carro de Vic. Onde quer que Vic estivesse, Trey estava logo atrás. Onde quer que Trey estivesse, Vic estava logo atrás.

Nós todos fizemos loucuras juntos.

Agora são só lembranças.

Minha mãe, a cada duas horas, espreita da porta do meu quarto para saber se estou bem.

— Como é que você está, querida?

Estou deitada na cama, olhando para o nada, pela janela. Meus olhos estão abertos, mas a minha cabeça está um caos.

— Não sei.

— Quer conversar?

— Não.

Falar sobre isso torna tudo ainda mais real. Não quero lidar com a realidade neste exato minuto. Nem sei se devo contar às pessoas que tínhamos terminado. Sinto que isso mancharia a sua memória.

— Quer conversar com um profissional?

Meu coração dispara. Lembrei da vez em que Vic me contou que a assistente social da escola o chamou em sua sala e tentou fazê-lo falar por que ele estava sempre com raiva. Quando ele se recusou, ela ainda o chamou mais quatro vezes antes de desistir.

— Não. Não me obrigue a fazer isso, mãe.

— Está bem. Não quero te obrigar nem te estressar. Mas me avisa se mudar de ideia. — Ela entra no quarto e fica ao pé da cama. Seus olhos castanho-escuros e seu cabelo liso e preto são o contraste dos meus olhos verdes e meu cabelo cacheado, que herdei da família de meu pai. — Você devia descer e comer alguma coisa, Monika. Não é bom para o seu corpo ficar sem comer, especialmente no seu estado. Você precisa sair dessa cama alguma hora e se mexer, antes que fique muito entrevada.

— Eu sei. Juro que desço quando estiver pronta. — Já sinto como se meus joelhos tivessem se esquecido de como se dobrar, mas não me importo. As dores que meu corpo está sentindo são nada em comparação com

meu sofrimento emocional.

— Vai ficar mais fácil com o tempo — mamãe fala com uma voz suave e calma.

Quando minha mãe sai do quarto, entro em pânico só de imaginar ela ou meu pai fazendo perguntas demais, perguntas que não quero responder. O problema é que ninguém sabe o que aconteceu entre mim e Trey nas últimas semanas. Ele me fez jurar que jamais contaria o seu segredo sobre as pílulas. Provar que sou fiel a ele significa mentir para todo mundo.

Trey disse que precisava das pílulas. Acho que uma parte de mim se identificou com ele, por causa dos remédios que tomo quando meu corpo está doendo demais e preciso de um alívio. Me sento e os meus ossos reclamam, me lembrando de que não tomei minha medicação hoje pela manhã.

Argh! Odeio não ter controle nenhum sobre meu corpo, sobre a morte de Trey e sobre o fato de Victor não querer falar com ninguém. Não sei se consigo superar isso sem ele. Ao entrar no meu banheiro e abrir o frasco de remédio, minhas lágrimas começam a transbordar dos meus olhos. Elas não param.

Sinto como se estivesse despencando num buraco escuro e sem fim.

O funeral de Trey é daqui a dois dias. Recebi um telefonema da mãe dele me convidando para sentar com a família, e não posso recusar, mesmo que uma parte de mim queira contar a eles que já havíamos terminado. Preferia ficar no fundo, sozinha com minha tristeza. Ninguém sabe como me sinto.

A sra. Matthews, com os olhos vermelhos e inchados, me abraça quando entro em sua casa. Ela parece tão mal quanto eu.

— Monika, queremos que você vá ao quarto de Trey e pegue o que quiser — ela fala numa voz fraca e baixa. — Há muitas fotos de vocês no quadro de cortiça. Queremos que as leve. O que você quiser, querida, é seu.

— Tem certeza? — pergunto, hesitante.

— Claro. Trey te amava.

Meu estômago fica embrulhado só de ouvir essas palavras. Lágrimas se avolumam em meus olhos.

Perdi a conta de quantas vezes estive no quarto de Trey. Passamos muitas coisas boas juntos. Mas ao subir a escada e caminhar no corredor até o seu quarto, uma tristeza profunda toma conta de mim.

Fico diante da sua porta, olhando o veio gasto da madeira.

Agarro a maçaneta e entro no quarto. A familiaridade me assalta ao entrar no mundo tranquilo e silencioso de Trey.

O quarto todo parece vazio sem ele, mas ao mesmo tempo sinto sua presença ali. As paredes estão cobertas por cartazes de seus cantores favoritos, e seus troféus de futebol formam uma linha, como uma banda desfilando em cima da cômoda. Sigo para a sua mesa e olho as fotos presas no mural de cortiça acima dela.

Está cheio de fotos da gente.

E um monte com nossos amigos.

Estamos sempre sorrindo nas fotos, mas ninguém sabia que Trey tinha um lado obscuro. Ele não sabia lidar com a pressão, e isso às vezes o fazia perder o controle.

Queria voltar no tempo e falar de novo com ele sobre as pílulas que estava tomando. Queria ter falado alguma coisa para os seus pais… ou para alguém.

Mas eu não disse uma palavra.

Ao passar os dedos sobre uma das fotos em que Trey e eu estamos na praia, no verão passado, uma foto cai de trás da cortiça no tampo da mesa. Eu a pego, e o meu corpo inteiro estremece.

É uma foto de Trey com a Zara do cabelo cor-de-rosa. Ela está sentada no colo dele, com os braços em volta do seu pescoço, sorrindo para a câmera. Trey não está olhando para a câmera. Ele está olhando para ela, totalmente apaixonado. Trey costumava me olhar assim no início do nosso namoro.

Um arrepio desce pela minha espinha ao ver a dedicatória atrás:

Eternamente e sempre.

Pequenos corações estão desenhados abaixo das palavras.

Trey costumava dizer essas mesmas palavras para mim.

Recolho um monte de fotos de nós dois, e outra foto deles cai. Dessa vez estão deitados na neve, se beijando. Quando olho atrás da cortiça, outras cinco fotos caem. Todas de Trey e Zara: uma selfie deles na cama. Dá para ver que ela está nua sob o cobertor.

Estou tonta agora. Minha mente girando.

Estou pensando num monte de explicações e desculpas, mas a verdade me atinge com força.

Trey estava me traindo havia bastante tempo.

Começo a respirar rápido demais e não consigo encher os pulmões. Tudo em que eu acreditava era mentira. Tudo o que sabia sobre Trey era falso — inclusive nosso relacionamento. Não posso atirar isso em sua cara, porque ele está morto. Quero gritar com ele, berrar e exigir respostas.

Mas nunca as terei.

Estou bastante confusa, cansada e triste. A vida não é justa. Dei tanto para ele, e Trey mentiu e me fez prometer manter seus segredos estúpidos. Eu o odeio por isso.

*Respira fundo.*

Enfiando o resto das fotos na minha bolsa, desço a escada quase em transe. Como posso agir como a namorada amorosa, que está sofrendo, quando todo o nosso relacionamento foi uma mentira?

Escuto os pais de Trey na cozinha.

— Eles devem estar enganados — a sra. Matthews sussurra para o marido. — Meu filho não tomava anfetaminas. Ele era inteligente e tinha muito pelo que viver.

— Isso é o que o relatório toxicológico preliminar diz. Seu coração parou, e ele enfartou. Ele teve uma overdose, Clara. — Posso ouvir o pai de Trey dizer à mulher. — Ele não estava desidratado, e nem a escola ou Victor Salazar têm culpa. A polícia me contou. Encerrarão o caso assim que sair o relatório final da autópsia.

A mãe de Trey geme.

— Não acredito nisso. Não vou acreditar que meu filho era drogado. *Nunca.*

Entro na cozinha. Eles se calam imediatamente. O pai de Trey nos leva para o carro e dirige até a funerária.

Chegamos antes de todos. É difícil olhar para a mãe de Trey. Ela está toda de preto e não para de chorar. Só de escutar seus soluços, as lágrimas descem pelo meu rosto.

O sr. Matthews é estoico. Ele cumprimenta a todos recebendo os pêsames com os lábios apertados e a expressão sombria. Não há lágrimas em seus olhos, mas sei que é só aparência. Trey e o pai eram muito ligados. O pai era o seu maior fã. Ele assistia a todos os jogos de futebol e usava a camiseta da torcida "Pais Rebeldes de Fremont" com orgulho sempre que o via num evento da escola. Ele se gabava de Trey para todo mundo e para qualquer um que o escutasse.

A fila de pessoas que vieram se despedir no cemitério é a mais longa que já vi na minha vida. Parece que

todo o corpo estudantil da Fremont, a maioria dos pais, todos os professores e a equipe administrativa estão aqui.

Não estou surpresa de ouvir as pessoas comentarem que a festa foi cancelada e o jogo contra a Fairfield foi adiado. A morte de Trey teve um efeito dominó, a cidade toda parece um pouco letárgica depois de perder um de seus filhos.

Alguém atrás de mim me cutuca.

— Oi. — Ashtyn fala com uma voz reconfortante, e se inclina para cochichar na minha orelha. — Como é que você está?

Dou de ombros, pensando nas fotos de Trey e Zara na minha bolsa. E no fato de que a morte de Trey parece ter sido causada por uma overdose que eu poderia ter tentado evitar.

— Não sei. — É a única resposta que posso dar neste momento.

Viro-me e vejo Ash, Derek, Jet e Bree atrás de mim, o que me passa certa segurança, mas ainda tenho uma sensação de fraqueza no fundo da alma. Além disso, meus ossos parecem velhos e quebradiços. Acordei hoje toda rígida, e não consegui reverter isso. Tomei meus remédios, mas eles não aliviaram as pontadas como costumam fazer.

— Onde está o Vic? — pergunto, imaginando se ele saberia esse tempo todo sobre Trey e Zara.

— Ninguém sabe dele — diz Jet.

— O boato é de que ele está com a Sangue Latino — diz Bree.

*A gangue Sangue Latino? Não pode ser.*

Olho para Ashtyn. Ela tem uma expressão preocupada, mas rapidamente a esconde e me dá um pequeno sorriso.

— Tenho certeza de que ele está bem. Vic não está com a sl, Monika. Isso seria loucura.

Mas Vic é meio doido. Trey e Vic eram como irmãos. Ele certa vez admitiu que, se não fosse por Trey, provavelmente estaria morto. Trey era a pessoa calma que trazia alguma normalidade à vida volátil de Vic.

Agora que Trey se foi, será que Vic vai se afundar?

Sinto que estou prestes a desabar. Queria que Vic estivesse aqui para poder falar com ele, para lhe dizer que ambos vamos atravessar o inferno, agora que Trey se foi. Estou louca para ligar para ele. Mas o que vou dizer?

Quando me viro para ficar de frente para o caixão, a dor constante na minha coluna começa a latejar.

— É com grande tristeza que nos despedimos de Trey Aaron Matthews, um jovem que era um modelo para seus colegas — o padre começa a dizer enquanto olha para o caixão.

Enfio minhas unhas na palma das mãos enquanto ouço o padre falar. Minha tristeza se mistura a uma grande dose de raiva e culpa.

— A presença de Trey será sempre sentida por todos que o amavam — o padre continua.

Mas eu não sinto sua presença.

Tudo o que sinto é vazio e solidão.

## capítulo 27
# VICTOR

— Ei! Acorda!

Estou deitado no sofá da Isa, tentando dormir. Mas não vai rolar, porque ao abrir os olhos um pouquinho só a vejo debruçada sobre mim. Seu rosto está a milímetros do meu.

— Estou tentando dormir.

— Está dormindo há uma semana, Vic. Hora de voltar para a terra dos vivos.

— Não, obrigado. — Quando estou dormindo a minha mente fica vazia e os pensamentos sombrios desaparecem por algum tempo. Não quero voltar para a terra dos vivos, não enquanto Trey estiver a sete palmos abaixo dela.

Ela me belisca.

— Levanta!

Eu empurro a mão dela.

— Ai! Isso dói.

— Que bom! Era para doer mesmo.

Esfrego o meu braço e me sento. Olhando pela janela percebo que não há nenhuma luz lá fora.

— Que horas são?

— Dez. Da noite. — Ela atira um agasalho cinza em mim. — Toma. Veste isso. Preciso fazer uma coisa, e você vai comigo.

— Vou ficar aqui.

— Não. Pessoas morrem, Vic — ela diz como se fosse algo que eu não soubesse. — Droga! Já vi amigos demais morrerem diante dos meus olhos. Você nunca supera isso, mas precisa seguir em frente.

— Não quero seguir em frente. Eu gosto daqui, do seu sofá.

— Vai ficar aí deitado para sempre?

— Vou.

— Não se esqueça de que temos um tempo emprestado para viver, primo. Vamos todos morrer um dia. Poderia muito bem viver como uma besta alucinada e dizer foda-se para a morte. Bem, de qualquer maneira, era o que Paco costumava dizer.

— Não tenho medo de morrer.

Mas a verdade é que estou aterrorizado por ter matado meu melhor amigo. Estou surpreso que a polícia não esteja atrás de mim, querendo me trancafiar para sempre. Eu mereço. Quero dizer, eu queria a vida dele, sua garota, suas habilidades e inteligência… todos queriam estar ligados a Trey Matthews.

A maioria dos alunos da Fremont High foi instruída por seus pais a me evitar. Ninguém quer estar ligado a mim.

— Vou dar um jeito.

— Vai mesmo, Vic? Porque você está sentado aí a semana toda, sem me ajudar em nada. Que inferno! A Monika pergunta por você todas as vezes que vem trabalhar.

— Ela tem vindo aqui? — Quero dizer, eu sabia que ela ia começar a trabalhar, mas achei que depois do que aconteceu ela desistiria.

Isa acena com a cabeça positivamente.

— Eu fico lhe dizendo que você quer ser deixado em paz. Ontem à noite ela me implorou para subir aqui para falar com você, mas eu lhe disse que você não estava a fim.

— Não quero ver ninguém. Especialmente a Monika. — Não digo a Isa o que tenho vontade… que é minha culpa o namorado da Monika estar morto.

Isa para e se vira para mim.

— Dois dos caras por quem me apaixonei morreram, Vic. Você ainda precisa viver. Dói pra caralho, mas faço isso todos os dias. — Ela segura o meu braço. — Eu sei o que é isso.

— Ninguém sabe o que é isso. Nem você.

## capítulo 28
# MONIKA

Tem sido difícil assistir à aula do sr. Miller, principalmente porque não consigo parar de prestar atenção na cadeira vazia na primeira fileira… a cadeira do Vic.

— Alguém sabe onde está o Victor Salazar? — ele pergunta.

— Ele desapareceu — Cassidy responde voluntariamente. — Ninguém sabe dele. — Ela se volta para mim e completa: — Não é, Monika?

Dou de ombros. Por que estão todos me olhando? Certo, eu sei onde ele está se escondendo. Mas não vou dizer a ninguém. Gostaria, no entanto, que ele falasse comigo. Tenho saudade dele.

Vic não aparece na escola há duas semanas. Já é muito ruim que Trey não esteja por aqui. Com Vic desaparecido, a dor é pior. Não sei o que fazer.

Encurralo a irmã dele, Dani, no corredor antes da quinta aula. Ela está falando com um monte de garotas.

— Posso falar com você por um minuto? — pergunto.

Ela dá de ombros.

— Acho que sim.

A menina não é fácil de abordar. Parece que Dani tem por objetivo escapar de mim. Ela faz sinal para que as amigas a esperem.

— Eu estava me perguntando se você teria notícias do Vic.

— Meu pai cortou relações quando ele fugiu.

— Você tem notícias dele?

Ela faz que não com a cabeça.

— Olha, Monika, não tenho notícias dele e não acho que vá ter. Preciso ir.

Antes que consiga fazer mais perguntas, ela se afasta e se junta às suas amigas.

Alguns rapazes do primeiro ano passam por mim.

— Você ouviu Vic brigar com Trey antes daquela derrubada brutal? — alguém diz animadamente, fofocando.

— Eu não ficaria surpreso se ele tivesse feito aquilo de propósito. Trey era tudo o que Vic não era — outra pessoa acrescenta.

— Você sabe o que dizem: mantenha seus amigos por perto, mas os seus inimigos, mais perto ainda — outro comenta, dessa vez alguém do time de futebol dos mais novos.

— Está tudo bem? — A srta. Goldsmith, uma das professoras de biologia, me pergunta enquanto observo os fofoqueiros. — Precisa de ajuda da assistente social?

— Não — respondo, lembrando do aviso sobre as assistentes sociais estarem à disposição, o tempo todo, para qualquer estudante que precise conversar sobre suas dificuldades em lidar com a morte de um colega.

O impacto da morte de Trey é imenso na nossa pequena cidade, especialmente porque Fremont é muito ligada ao futebol. Todos ainda estão falando disso. É claro que, sempre que passo pelas pessoas e elas se dão conta de que sou eu passando, o assunto morre. Me tratam como se eu fosse uma leprosa, alguém tão frágil que pode quebrar ao ouvir o nome de Trey.

— Você parece perdida, Monika. Acho que devia conversar com alguém. Vem comigo — a srta. Goldsmith diz e me pede para segui-la em direção à secretaria.

— Estou bem — digo a ela, desejando correr para a direção oposta.

Ela me dá um tapinha nas costas.

— Sei que você está passando por uma fase difícil. Você precisa aceitar alguma ajuda, mesmo que não queira.

Logo estamos no escritório central. A srta. Goldsmith cochicha para a secretária:

— Esta é a Monika Fox, *a namorada do Trey*.

A secretária dá sinais de entender a urgência e corre para a sala da assistente social. Enquanto estou de pé esperando, Marissa Salazar entra no recinto.

— Tem falado com Vic? — pergunto a ela.

— Não.

Ela rapidamente se vira e sai. Então agora estou aqui de pé, mais confusa do que nunca.

Menos de um minuto depois sou levada ao escritório da sra. Bean.

Nossa assistente social é uma mulher alta, ruiva, de cabelos na altura dos ombros. Ela sinaliza para eu sentar na cadeira diante de sua mesa.

— Sinto muito pelo Trey — ela fala em um tom agudo, mas suave. — Era um estudante exemplar, que era admirado pelos seus colegas e pela comunidade. Sua morte atingiu muitas pessoas.

Não tenho certeza se a sra. Bean algum dia falou com Trey, mas não vivemos numa cidade grande, e todo mundo meio que se conhece em Fremont High.

Ela inclina a cabeça ligeiramente para o lado, em um gesto simpático.

— Você o namorou por um longo tempo.

Concordo. Não vou contar a ela a verdade, que nós terminamos e ele me traía enquanto se drogava.

— Quer falar sobre isso? Estou aqui para ouvi-la, dar conselhos ou ser apenas um ombro amigo.

A última coisa que quero fazer neste momento é conversar, muito menos com a assistente social da escola. Se quisesse conversar, ligaria para Ashtyn. Mas também não posso contar a verdade a ela. E não falei a ninguém sobre as fotos de Trey e Zara que encontrei escondidas atrás do seu mural de cortiça.

— Posso apenas voltar para a minha sala, sra. Bean?

Ela suspira. Acho que vai insistir que eu diga alguma coisa, qualquer coisa, mas ela empurra a cadeira para trás e se levanta.

— A barreira de emoções pela qual está passando é uma parte normal e natural do processo de luto, Monika. Você acabou de perder um namorado. A cada dia vai ficar um pouco mais fácil. Acredite em mim.

— Espero que sim. Obrigada por se preocupar, sra. Bean.

Estou de saída quando ela me entrega um panfleto.

— Toma. Ele fala dos diferentes estágios do luto. Dá uma olhada, Monika. Só para você saber que não está sozinha.

Saio da sala dela e ando pelos corredores como se fosse um zumbi, arrastando os pés sem propósito ou objetivo. Estou dormente. Olho para o folheto. Dormência não é um dos estágios da perda. Talvez eu esteja *sozinha* nisso tudo.

Talvez eu fique sozinha para sempre.

Gostaria de poder falar com Trey, de lhe dizer que guardar seus segredos está acabando comigo. Todos estão falando de como ele era exemplar, como era admirado e perfeito.

Mas ele não era perfeito.

E parece que, quanto mais as pessoas enaltecem Trey como uma pessoa sem defeitos, mais elas detonam Vic. Anjo *versus* demônio.

Abaixo a cabeça e sigo olhando para o chão, porque é mais fácil do que encarar as pessoas nos olhos.

No final do turno, abro meu armário e vejo um papel dobrado que deve ter caído da última prateleira. Abro e leio:

Diz para o meu irmão que sinto saudade dele.

Marissa

## capítulo 29
# VICTOR

Não sei há quantos dias estou morando com Isa. Estou me esforçando para viver dormindo e ignorar tudo e todos à minha volta.

É noite outra vez. Sei disso porque não há claridade entrando pela janela.

— Vai finalmente se mexer? — Isa pergunta enquanto se admira no pequeno espelho na parede da sala.

— Não.

Ela se vira.

— Ei, Vic, sai dessa. De verdade. Parte para outra. Você acha que Trey ia querer que você desistisse da vida? Na verdade, é falta de respeito com a memória dele. Ele ia querer que você levasse a vida como um jogador, porra, e voltasse a trabalhar.

— Trabalhar aqui é viver a vida? — pergunto a ela.

— Claro que é. Trabalhar aqui me dá uma razão para viver.

— Mentira — falo com a voz rouca.

Ela dá de ombros.

— Esse pode não ser o trampo mais perfeito que vai ter na vida, mas é melhor do que deitar numa sala escura vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, usando as mesmas roupas sujas durante uma semana.

Olho para minha camiseta e meu jeans.

— Eu gosto destas roupas.

— Que seja, Vic. Apenas pense em ajudar a mim e à Monika. Se tem uma coisa que aprendi na vida, é que remorso é uma merda.

— Obrigado pelo conselho.

— De nada. Vou tomar conta dos filhos de Alex e Brittany hoje à noite, por isso vou chegar tarde. Não que você vá reparar.

Isa sai do apartamento, resmungando ainda aquela bobagem toda de seguir em frente.

Viro de costas e fecho os olhos, na esperança de poder dormir.

Não posso. Que merda! Odeio ficar sozinho com os meus pensamentos, por isso durmo. O problema é que andei dormindo tanto que o meu corpo não está mais aguentando.

Preciso correr, para ficar exausto a ponto de desabar no sofá.

Desço a escada e ando pela oficina, contente de que Isa não esteja por aqui. Não sei para onde vou. Preciso clarear minhas ideias e correr pela cidade.

Corro até o colégio e volto, observando as redondezas desta cidadezinha de merda.

Quando volto à oficina todo suado e pronto para desmaiar, vejo uma garota em pé no estacionamento. Ela está usando um agasalho com capuz preto que cobre metade do seu rosto.

Reconheço-a quando vejo o cabelo cacheado e comprido escapando do capuz, e aqueles lábios cheios que distinguiria tanto de dia quanto na penumbra.

Monika Fox.

Tento bloquear a sua imagem com as mãos na boca, gritando angustiada enquanto a ambulância se afastava levando Trey. Mas não consigo.

*Merda*.

Não quero ver ninguém. Especialmente ela.

Que droga, não tenho escolha.

Monika recua ao me ver, e seu capuz cai, revelando seu rosto em forma de coração.

Ela leva a mão ao peito e respira, aliviada.

— Ah, é você.

Só de vê-la tão perto… eu não sei o que dizer. Minhas mãos suam ao parar diante dela.

— O que faz aqui? — pergunto. Minha voz sai mais grosseira do que eu queria, e ela recua.

Ela torce os dedos.

— Eu… vim aqui para… falar com você. — Seus olhos, normalmente vivos e brilhantes, estão avermelhados. — Você não foi ao velório, então, se não sabe, Trey foi enterrado…

— Eu sei. — Vê-la aqui me dilacera. Trey queria um futuro com ela, e eu, sozinho, fodi com tudo.

— Todo mundo está se perguntando onde você está. Você precisa voltar para a Fremont, Vic. Volta comigo.

— Então você é a caçadora de recompensas, enviada para me levar de volta à Fremont? Você contou a todo mundo onde tenho estado nessas duas semanas?

— Não. — Ela recua mais ainda, visivelmente insultada. — Ninguém sabe que você está aqui.

— Então por que veio aqui agora?

— Porque gosto de você. — Ela pigarreia e depois de uma pausa acrescenta: — Muito.

## capítulo 30
# MONIKA

Vic está horrível. Sua camisa está manchada, e seu cabelo, desgrenhado. Ele parece ter dormido na rua nas últimas semanas. É como se tivesse desistido de viver.

— Não quero que goste. Não depois do que fiz ao Trey. Estou surpreso que a polícia não esteja me procurando para me prender por assassinato.

— Você não matou Trey, Vic. Foi… — Quero contar a verdade, que Trey é culpado pela própria morte, mas não posso. — Foi um incidente esquisito. E não vou para casa até que prometa que vai voltar para a escola e para o time de futebol. Eles não podem ganhar sem você.

Ele tapa os ouvidos.

— Não quero falar sobre a escola, o Trey ou o futebol.

— Por que não?

Ele dá de ombros.

Ponho as mãos nos quadris, tentando parecer decidida.

— Você não pode se esconder aqui a vida inteira e ignorar todos que se importam com você.

— Por que não?

— Porque é uma burrice. — Olho para os meus sapatos para não encará-lo e acrescento: — Trey nunca deixaria você fazer uma coisa dessas.

— É, mas Trey não está aqui, Monika. E você já devia saber a essa altura que eu *sou* burro. — Ele vai até a oficina e destranca a porta, pondo silenciosamente um fim à nossa conversa.

Sei que o pai de Vic é duro com ele. E que ele nunca se sentiu importante ou merecedor da atenção de ninguém, a não ser quando diz respeito a algo negativo, que aconteça em público e seja encenado. Sei que essa é uma das razões de ele ser tão fechado, mas não vou permitir que isso e o estresse da perda do Trey o derrotem.

Corro até ele.

— Há sempre outras opções. Você não pode abandonar a escola e o futebol.

— Posso, sim. Não quero que se importe comigo.

— Bem, você vai ter que aguentar, porque eu me importo com você, Vic. — Toco na mão dele com suavidade e, assim que meus dedos roçam os dele, ouço-o prender a respiração. Ele puxa a mão bruscamente.

— Volte para a Fremont, Monika.

— Estou aqui para te ajudar. Não me mande embora. — Lágrimas começam a se formar nos meus olhos. Ninguém sabe quanto estou doída por dentro. Vic não sabe a verdade sobre o que realmente aconteceu no campo. Se os pais de Trey resolverem esconder aquela informação, ele pode nunca vir a saber.

Ele gesticula e diz:

— Vai para casa. Não quero você aqui.

Preciso ser forte.

— Só vou para casa se você concordar em voltar para a escola.

— Está bem.

Uma parte de mim relaxa.

— Jura?

— Sim. Se você for embora agora, volto para a escola na segunda. Sugiro que aceite a minha proposta, porque, caso contrário, te jogo por cima dos ombros e a levo *eu mesmo*. Você não tem escolha. E, só para saber, se você gritar nestas redondezas, ninguém dá a mínima.

Estreito os olhos, avaliando se ele faria isso mesmo.

— Você não faria isso.

Ele dá uma risada curta e cínica.

— Quer apostar?

## capítulo 31
# VICTOR

Na segunda-feira estou sentado na sala da Isa, fingindo não pensar na Monika e na mentira que disse a ela sobre ir à escola. Quando acordei hoje pela manhã, cheguei até a pensar em tomar uma chuveirada e ir para a escola. Mas foi um pensamento fugaz. Não vou conseguir me formar por ter faltado tanto, não dá mais para recuperar, então para que ir mesmo?

Quando vou ligar a tv para afastar qualquer pensamento da minha cabeça inútil, Isa entra na sala, usando seu macacão grande demais, que combina com a sua postura exageradamente latina. Droga, devia tê-la trancado do lado de fora. Então poderia fingir que não estava aqui.

Encosto no sofá.

— Oi.

— Chega! — Ela fica entre mim e a tv. — Estou cansada de ver você sentado aí sem fazer nada.

— Tive umas semanas muito duras — digo. — Só quero ser deixado em paz.

— Sinto muito que você tenha perdido um amigo. Eu sei muito bem como é perder pessoas que a gente gosta. Mas estou afogada em trabalho lá embaixo, e você está aí, não morreu. — Ela aponta para mim. — E, porra, você está nojento.

— Desculpe.

— Desculpe? É só isso? — Seus olhos escuros estão me fuzilando. — Se não der conta do serviço atrasado, vou perder tudo e terei que vender o lugar.

— Não posso trabalhar agora.

Ela aponta para a tv.

— Porque está sentado aí assistindo a um desenho idiota?

Tento permanecer calmo.

— Não vem me dar esporro, Isa. Não preciso disso.

— E daí? Vai ser um mendigo pelo resto da sua vida?

— Não um mendigo. Prefiro ser um espírito livre. — Quero que ela saia e pare de me provocar, para que eu possa voltar a ser um espectro. Ela está me fazendo pensar. Eu não quero pensar, muito menos hoje, que Monika espera que eu apareça na escola e sei que vou deixá-la no vácuo ao faltar de novo.

— Está sendo um idiota — Isa diz com raiva.

— Sou um idiota. Você fazia parte de uma gangue, Isa. Você tem um monte de experiência com idiotas.

Ela fica vermelha.

— Não ouse falar isso, Vic.

— Só estou dizendo que… talvez você possa me dar umas dicas.

Ela pega o controle remoto e o atira no meu peito. Suas tatuagens de gangue podem ser permanentes, mas ela deixou aquela vida quando seus amigos foram mortos a tiros pela mesma gangue para a qual ela jurara lealdade.

— Você não é o primeiro a perder alguém, seu *pendejo* insensível. — Suas palavras calam fundo antes de ela sair furiosa.

Suas palavras são dolorosas. Demais.

Fico imaginando quanto ainda posso afundar.

## capítulo 32
# MONIKA

Acordar hoje foi fácil. A expectativa de ver Vic na escola me faz pular da cama e esquecer as dores nas articulações. Desde que Trey morreu, tudo tem dado errado. Ter o Vic de volta à escola vai trazer alguma normalidade à vida… pelo menos é o que tenho dito a mim mesma.

Entro no estacionamento da escola e caminho pelo corredor do terceiro ano quase saltitando.

— Oi — cumprimento Ashtyn e Derek, que estão sentados diante de seus armários.

Ash olha para mim.

— Você está sorrindo.

— Eu sei.

Ela cutuca Derek.

— Está vendo isso? Minha melhor amiga está animada hoje.

Derek concorda.

— Sim. Posso ver. — Ele parece indeciso ao me olhar. — Parabéns? — Ash lhe dá um tapa no braço, e ele dá de ombros. — Desculpe. Eu não sei o que dizer.

Ash revira os olhos e se levanta.

— Homens são estúpidos. — Ela me dá o braço. — Fico contente que esteja melhor. Estava preocupada com você. Não retorna as minhas ligações, e quando manda mensagens são curtinhas.

— Eu sei. Me desculpe.

Ela faz um gesto, enxotando as minhas palavras.

— Não se desculpe, Monika. Não consegui me decidir se devia te arrastar para fazer coisas ou te deixar em paz. Nós todos sentimos saudades do Trey… e do Vic.

Ashtyn e Vic são bons amigos dentro e fora de campo. Sei que tem sido difícil para ela não tê-lo por perto. A morte de Trey deixou um vazio na nossa turma. O fato de Vic ter ido embora tornou a vida insuportável, razão pela qual é tão importante que ele volte.

Não consigo mais esconder as novidades.

— O Vic virá para a escola hoje — conto a ela.

Ash arregala os olhos.

— Como é que é? Tem certeza? Como você sabe? — Suas perguntas são disparadas na velocidade de uma metralhadora.

— Falei com ele.

— Pelo celular?

Eu nego com a cabeça.

— Não. Eu o encontrei.

— Você o *encontrou*? Onde?

— Em Fairfield — conto e acrescento: — Na Oficina do Enrique.

— Então ele falou para você que vai voltar?

Confirmo.

— Sim. Ele prometeu.

Mas já estamos na terceira aula, e Vic ainda não apareceu.

Nem na sexta.

Na sétima, fico chateada porque está claro que não vai dar as caras.

Na nona, estou furiosa.

Depois das aulas, vou ao treino das animadoras de torcida. Faltei a muitos deles, mas sei que Bree tem me dado cobertura.

Encontro com ela no gramado, perto da arquibancada, fazendo aquecimento com o resto da equipe.

— Olha só! Não pensei que viria hoje. — Bree me saúda.

Tiro o agasalho e deixo a minha garrafa de água cair na grama.

— Não quero perder mais nem um treino.

Bree parece confusa.

— Achávamos que ia ficar fora mais tempo, Monika.

— Bem, aqui estou.

As meninas estão caladas, todas me observando. Olho para o time e vejo que estão todas em formação. E Cassidy Richards está no meu lugar.

— O que está rolando?

— A Cassidy está te substituindo — explica Bree. — Até você voltar.

— Estou de volta.

— Não. Quero dizer… em definitivo. Você faltou aos treinos nas últimas duas semanas, e como não sabíamos se voltaria, fizemos uma nova coreografia e… — Ela dá um sorriso largo, e seu rabo de cavalo balança para lá e para cá. — Você precisa ver isso! É bem bacana. A Cassidy foi para um acampamento de animadoras lá na Califórnia, nas férias de primavera do ano passado, e eles ensinaram um monte de coisas que ela andou nos mostrando.

— Que legal — digo, forçando as palavras a sair. — Mal posso esperar para ver.

Um grito de alívio escapa de seus lábios.

— Que bom! Isso é ótimo. Certo, você senta bem aqui. — Ela fala animada e aponta para um lugar no chão. — Vamos fazer a coreografia e você assiste. Vai ver que é o máximo!

Sento no gramado e assisto à coreografia para a nova música que nunca ouvi antes e, em seguida, a uma formação complicada em F com movimentos para acompanhar os passos.

A verdade é que Cassidy fez um trabalho muito bom. E eu posso sentir mais minha artrite agora. Massageio meus pulsos na esperança de aliviar a dor constante.

— Uau — é tudo o que consigo dizer quando a coreografia termina.

Bree bate palmas várias vezes para as meninas — e para ela mesma.

— Então gostou, Monika? É *muito legal*, não é?

Concordo. Meu pescoço está pesado e enrijecido.

— É *realmente* muito boa.

Bree nunca foi sutil, e não vai ser agora. Está totalmente preocupada consigo mesma. Ela é uma de minhas melhores amigas, mas às vezes me pergunto se nossa amizade não se desfaria se eu não fosse cocapitã do time de animadoras.

— Estava pensando em não fazê-la na abertura, mas estreá-la durante o intervalo do próximo jogo. — Ela se ajoelha ao meu lado. — É claro que vamos te ensinar a coreografia para que possa assumir o lugar da Cassidy. A não ser que você queira dar a ela essa oportunidade, já que andou faltando tanto…

— Com certeza — interrompo-a. Finjo que não é um problema. — A Cassidy está fazendo um ótimo trabalho. Ela deve estar na frente e liderar.

— Mesmo? — Os olhos de Cassidy se arregalam, e suas mãos cobrem a boca como se tivesse ganhado na loteria. — Está falando sério?

— Sim. — E não estou mentindo quando acrescento: — Quero dizer, vocês estão fantásticas. Bree está certa. Se estiver o.k. para todo mundo, vou dar um tempo e deixar que vocês façam a temporada até o final.

— Você quer sair do time? — pergunta Bree.

Eu digo que sim. Na verdade, não quero sair, mas está claro que fui substituída e que ninguém espera que eu volte ainda este ano.

Eu as observo por mais um tempo, me sentindo como um parente que ninguém quer mais por perto. Quando todas vão para dentro se refrescar, pego minha garrafa de água e visto meu agasalho outra vez.

Sempre achei que tinha a vida toda planejada.

Parece que estava errada.

## capítulo 33
# VICTOR

Me odeio por ter perdido o funeral de Trey.

Não estava pronto para lidar com as multidões que se despediam do cara que era o herói da nossa cidade. Ele estava a caminho de ser nosso orador, de ir para alguma universidade da Ivy League e ser alguém na vida. O povo de Fremont seria sempre capaz de se lembrar que Fremont é o berço de gente importante.

Bem, agora Trey morreu.

A única coisa que Fremont vai lembrar em relação a mim é que sou o jovem perdedor responsável pela morte de seu herói local.

Esse é o meu legado.

Estou evitando ir ao cemitério porque ver o túmulo de Trey é confirmar que tudo isso é real. Quando deito no sofá da Isa, posso dizer a mim mesmo que o mundo lá fora não existe. Quando estou dormindo, fujo da realidade e ignoro o fato de que minha vida ruiu a meus pés.

Mas, quando os meus olhos estão abertos, tenho que encarar os pesadelos.

Não posso mais retardar a aceitação da morte de Trey. Ignorar que meu melhor amigo está a sete palmos abaixo da terra é outra pista de que sou um sub-humano, não mereço respirar o mesmo ar que Trey estaria respirando se estivesse vivo.

Sinto falta dele pra caralho.

Depois de uma chuveirada, visto roupas limpas, deixo o apartamento de Isa e vou ao cemitério. Tremo durante todo o percurso e pareço feito de gelatina por dentro. Não quero encarar o fato de que meu amigo morreu. O fato de que fui o responsável… não dá para ir até o fim.

Mas é preciso.

Por Trey.

Posso não ter mais nenhuma dignidade, mas tenho respeito pelo meu melhor amigo. Visitar seu túmulo é o mínimo que posso fazer.

Não é difícil achar o local. Há montes de flores em volta, e a terra onde baixaram o caixão ainda está remexida. Quando vejo a placa temporária com o nome Trey Aaron Matthews, meus olhos se enchem de lágrimas.

Ando até a cova, e um turbilhão de emoções me domina. Merda. Há um nó na minha garganta que não desata, não importa quantas vezes eu engula. Isso é difícil. A realidade é uma merda. Odeio isso.

Baixo a cabeça.

O que dizer? Será que começo apenas a falar com ele?

— Oi, cara — murmuro, enxugando uma lágrima.

Trey está aqui, posso sentir sua presença. Cacete, conhecendo-o, ele provavelmente deve ter feito um trato com Deus para tomar conta do próprio corpo, para que nada de ruim aconteça com ele.

— Sinto mu-ui-i-ito — gaguejo.

Minhas desculpas não são aceitas. Não podem ser. Porque ele se foi. Vou ter que viver com essa culpa debilitante pelo resto da minha vida, porque ele nunca vai poder me absolver dos meus erros.

— Estou perdido. O que quer que eu faça, Trey? A gente devia ser amigo para sempre.

Por que *para sempre* foi tão curto?

— Toma, comprei isto para você — digo, segurando uma rosa amarela bonita. — Arranquei de uma das roseiras da Isa, no fundo da oficina. Juro que ela não vai reparar. Ela está ocupada demais se desvencilhando dos ataques de Bernie.

Fico olhando para o monte de terra e imaginando o caixão com o meu melhor amigo pacificamente deitado lá dentro.

— Você sabe que preciso de sua ajuda. Não mereço estar aqui. Gostaria de poder trocar de lugar com você, Trey. De verdade.

Se eu me matasse, poria fim a essa tristeza que sinto.

Deixei Trey na mão, deixei meu time na mão. Eles perderam todos os jogos desde que Trey morreu. Sou um covarde, porque deveria ser capaz de enfrentá-los quando dissessem que sou um merda e arruinei as chances deles no campeonato estadual.

É minha culpa.

E isso está me corroendo.

Tudo o que tinha era o futebol e meus companheiros de equipe. Quando meu velho disse que eu não valia nada, os meus companheiros estavam ali para me dizer que eu tinha valor. Quando Cassidy postou um monte de besteiras a meu respeito na internet, meus companheiros riram, em vez de confirmar as acusações dela de que eu era um idiota.

Agora não estou mais com eles. Não tenho o meu melhor amigo. Minhas irmãs não têm mais a mim para protegê-las. Perdi tudo o que era importante para mim.

E, além disso tudo, a garota que eu mais gosto na vida, a garota que nunca poderei chamar de minha, me odeia.

Uma réstia de luz brilha sobre a terra. Tem um formato estranho, como um raio.

É o único sinal que recebo de Trey.

O que significa? Não sei. Se os papéis estivessem invertidos, Trey teria todas as respostas. Ele sempre tinha as respostas.

Eu, por outro lado, não tenho nenhuma.

## capítulo 34
# MONIKA

— Você andou conversando com as assistentes sociais da escola? — mamãe me pergunta quando desço pela manhã.

— Não de verdade. Por quê?

Ela dá de ombros.

— Porque seu pai e eu notamos uma mudança em você. Você parece ter mais energia, e eu vi que estava sorrindo quando veio do treino de animadoras ontem. Não te vejo sorrir há semanas.

Ah, é, esqueci de contar as novidades.

Lá vai…

— Saí da equipe.

— Como assim?

— É. E, antes que fique transtornada, é o que eu quero. Meu corpo não aguenta mais. E não estou mais a fim desde que, bem, você sabe.

Sua testa se franze e parece que está a ponto de chorar.

— Eu sinto tanto, querida.

— Para de dizer isso. Estou bem. Juro.

Mamãe põe a mão na minha cabeça.

— Seu pai e eu estamos preocupados com você. Sabemos que a morte de Trey te machucou muito. Não vou mentir e dizer que achávamos que vocês acabariam se casando, mas sabemos que você gostava muito dele.

Concordo. Eu gostava dele, mas não o suficiente.

— Quer que te leve e busque na escola? — ela oferece.

— Não. Na verdade, arrumei um emprego para depois da escola. — Quando vejo a surpresa no rosto dela, sei que vai me interrogar, por isso minto, acrescentando: — É um trabalho voluntário. No centro de reabilitação. Preciso das horas do voluntariado para me formar e, bem, agora que não sou mais uma animadora de torcida, tenho tempo para isso.

— Ah. Está bem. — Ela pega a bolsa e as chaves. — Se precisar de alguma coisa, me liga. Me manda uma mensagem avisando quando vai chegar em casa, está bem? — Ela ergue as sobrancelhas.

— Está bem.

— E se seu corpo começar a doer ou te mandarem ficar de pé por mais de uma hora, diga a eles que precisa de acomodação especial devido ao seu estado.

— Entendido. Ficarei bem, mamãe. — E começo a levá-la para a porta. — Não se preocupe comigo.

— Eu *sempre* me preocupo com você, querida.

Esse é o problema.

Estou cansada de as pessoas me tratarem como se Trey ou a minha doença me definissem. Claro, por muito tempo Trey foi uma grande parte da minha vida… bem, até ele começar a me trair e se drogar para dar conta do dia. Eu me sentia tão sozinha quando estava com ele nesses últimos meses, era como se não fôssemos nem amigos. No início não quis acreditar que as coisas entre nós estavam mudando. A verdade é que ele estava mudando e me deixando para trás.

Preciso tirar da cabeça essa culpa que estou sentindo desde a morte de Trey. Quando estou na oficina, esqueço esse sentimento de culpa. Esqueço a tristeza. E chego a sentir que tenho uma razão para viver.

Isabel não me trata como se eu fosse frágil. Ela não se importa que eu seja de Fremont ou que tenha uma doença. Adoro isso.

O fato de Vic estar morando no andar de cima apenas acende em mim uma chama que estava ausente. Não sentia essa chama interior havia muito tempo.

Quando chego à escola, vou direto para a sala da treinadora das animadoras de torcida e oficialmente a informo de que estou saindo do time. Ela não parece surpresa ou contrariada. Em vez disso, sorri e diz que para eu ficar bem de novo preciso concentrar-me em mim mesma.

— Larguei a equipe — informo Ashtyn enquanto caminhamos juntas para a primeira aula.

Seus olhos se arregalam.

— Verdade?

Confirmo.

— Sim.

Minha melhor amiga desacelera e diz:

— Tem alguma coisa acontecendo. Posso ver.

Baixo os olhos para os livros em minhas mãos.

— Não tem nada acontecendo. Perdi muitos treinos, e as coisas têm sido esquisitas desde a morte de Trey. Preciso de uma mudança.

Ela me olha de lado.

— Você me preocupa.

— Esse é o problema. — Paro e digo a ela o que estou pensando: — Estou cansada de todos se preocuparem comigo, Ash. É como se eu tivesse uma nuvem sobre a cabeça e todo mundo viesse com um guarda-chuva para que a chuva não me molhe. Estou me sentindo sufocada. — Olho para o chão. — Não espero que entenda.

— Não importa se eu entendo ou não, Monika. Eu já perguntei um zilhão de vezes por que está sempre massageando os pulsos, mas você não me diz. Você esconde muita coisa de todo mundo, até de mim. — Ela dá de ombros. — Quer ser deixada em paz? Posso deixar. Mas saiba que estarei por perto quando precisar de mim. Sempre.

Olho nos olhos dela e vejo que Ash não guarda ressentimentos.

— Eu gosto muito de você — digo a ela.

Ela me abraça.

— Eu também gosto muito de você. — Quando se afasta, ela agita o indicador na minha direção. — Mas já estou avisando: vou te deixar em paz, mas não para sempre. Se em algumas semanas não me procurar, vou acampar na frente da sua casa, e você sabe como odeio acampamento e insetos. Vou precisar da minha melhor amiga de volta.

— Você tem a Bree.

Em resposta ela dá uma sonora gargalhada, que ecoa pelos corredores da Fremont High.

— Se você acha que você e Bree são iguais, pensa outra vez. Não sei o que faria sem você, garota. Você e eu somos melhores amigas para a vida toda. Sei que soa superbrega, mas é a verdade.

Boio nas aulas do dia, esperando pelo sinal da saída para poder ir para a oficina.

Depois da escola, saio correndo do prédio e vou direto para Fairfield, onde meu trabalho… e Vic… estão.

Vic precisa entender que não sou a garota desamparada que ele acha que sou.
Vou mostrar para ele, mesmo que teste meus limites para conseguir isso.

## capítulo 35
# VICTOR

Ficar de olho nas minhas irmãs não é nada fácil, especialmente quando uma delas está decidida a fica fora da minha vista.

Encontro Marissa na biblioteca em Fremont. Vou até a sala que ela reservou, escondendo o rosto com o capuz o máximo possível.

— Você está bem? — pergunto a Marissa.

Ela me olha e empurra os óculos sobre o nariz.

— Nos conformes.

— Nos conformes? Jura? — Ergo uma sobrancelha. — Marissa, você sabe que não tenho a menor ideia do que significa isso. Fala a nossa língua. — Seu vocabulário estranho me faz lembrar o Trey.

— É a nossa língua, Vic. — Ela fala de um jeito majestoso, só seu. — Significa que estou passando bem. E você, como está? Sei que Trey era seu melhor amigo.

Dou de ombros.

— Sobrevivendo. — A melhor coisa da Marissa é que ela não se mete, não faz drama e não faz perguntas demais. — Como está a Dani?

— Ela fugiu de casa há alguns dias. Mas voltou ontem. *Papá* estava furioso.

— Posso imaginar. — Penso por um instante se ela saiu para ficar com o Bonk, um cara que abusaria dela pelo fato de seu irmão mais velho estar longe para protegê-la. — Ainda sem notícias da mamãe?

Ela dá uma risadinha.

— Sim. Você sabe que ela não vai voltar nunca.

Eu sabia que *mi'ama* provavelmente não deixaria o México, mas nunca comentei nada com as minhas irmãs. Não que isso fosse resolver alguma coisa. Falar sobre isso não a traria de volta. Mas saber disso é uma coisa, conversar sobre isso torna a coisa toda mais real.

Não quero que Marissa se sinta abandonada. Posso não estar por perto fisicamente, mas ainda sou seu irmão mais velho.

— Você precisa de alguma coisa? — pergunto.

Ela me olha com seus grandes olhos castanhos, inocentes mas espertos.

— Não vou dizer que não, porque não seria verdade. Dani também precisa de você, mesmo que nunca admita. — Ela suspira. — Mas, tal como a mamãe, você precisa fugir. Eu só queria… — Sua voz esmorece.

— Que eu voltasse?

Ela assente.

— Sim.

— Estarei sempre de olho em você, *manita*.

— Eu sei. — Ela se endireita e põe a mochila nas costas. — Mas me promete uma coisa.

— O quê?

Ela me dá um sorriso amarelo.

— Sei que o que aconteceu com Trey foi duro para você, mas você precisa ficar bem e ser feliz. Se isso significar que nunca mais vai voltar para casa, eu posso entender. Foi o caso de mamãe.

Feliz? Isso nunca foi meu objetivo.

— *Você* está feliz?

Ela dá uma risadinha.

— Nos conformes.

Conversar com minha irmã me deixa com um nó na garganta. Eu a puxo e a abraço apertado.

— Se precisar de mim, é só chamar que venho correndo.

Ela me aperta mais forte.

— Eu sei. Se cuida, Vic.

Depois de conversarmos por mais alguns minutos, saio escondido da biblioteca. No caminho de volta para a casa da Isa, penso no que Marissa disse. Que ela quer que eu seja feliz. Ela sabe que não sei o que significa isso. Felicidade faz parte do meu vocabulário tanto quanto "nos conformes" ou seja lá o que signifique essa expressão.

Trabalhar na oficina faz eu me sentir realizado. Estar na presença da Monika, mesmo que seja apenas para observá-la do outro lado da oficina, me acalma de uma maneira que a presença de mais ninguém faz.

Talvez a combinação dessas coisas vá me fazer feliz o máximo que consigo.

## capítulo 36
# MONIKA

Entro na oficina decidida a falar com Vic hoje. Ele tem se escondido no apartamento da Isa enquanto estou lá embaixo, e não consigo me concentrar sabendo que ele está tão perto. Isa me dá tarefas de contabilidade e de limpeza da oficina, mas não me deixa pôr a mão em nenhum carro.

Hoje é o dia em que ela supostamente vai começar a me treinar como mecânica. O outro cara que trabalha aqui, Bernie, já foi despedido muitas vezes, e não consigo entender por que ele continua aparecendo.

Mas Bernie não apareceu hoje.

Isa está debruçada embaixo do capô com outra pessoa, um cara. Uma onda de excitação percorre meu corpo na perspectiva de ver Vic.

Ergo bem a cabeça e falo numa voz confiante:

— Estou pronta para o meu primeiro dia de treinamento.

O cara levanta a cabeça. E não é o Vic. Ele tem cabelos escuros que lhe caem sobre a testa e um ar confiante que me lembra ele.

— Preciso dar uma palavrinha com o Vic antes, se não se importa — peço a Isa.

— Por mim tudo bem, mas ele não está aqui.

— Não está? — Ufa! Pelo que Isa me contou ele estava enfurnado no apartamento desde o acidente. — Para onde ele foi?

— Sei lá. — Isa faz um gesto largo. — Se está pronta para trabalhar, tem um macacão pendurado ali. Veste ele para não sujar as suas roupas.

— Obrigada. — Pego o macacão e o visto. Um cheiro de colônia masculina e um aroma conhecido de homem estão impregnados no macacão… o cheiro de Vic. Depois de fechá-lo, olho o nome bordado na frente: Victor.

É estranho, mas me sinto poderosa usando ele. É como se, no minuto em que o vesti, herdasse a confiança de Vic. Saber que estou no seu lugar enquanto ele não acredita em mim me dá um senso renovado de determinação.

Vou até Isa e o cara que está ajudando no carro. Tento não pensar em Vic nem em onde ele está, mas ele não me sai da cabeça. Para onde poderia ter ido?

— Estou pronta. O que tenho que fazer?

Isa e o cara olham para mim.

— O que sabe sobre carros? — pergunta ele.

— Quase nada.

Ele ergue a sobrancelha.

— Sabe trocar o óleo? Ou os pneus?

Hora de dizer a verdade brutal.

— Sei como encher o tanque e dirigir. É praticamente tudo o que sei sobre carros. Não sei fazer nada, mas assisti a um vídeo sobre como fazer a troca de óleo. E o balanceamento, apesar de não estar segura dos detalhes.

O cara deixa escapar uma risadinha.

— Isa, você contratou uma mecânica que não entende droga nenhuma de carro.

— Eu sei disso. Mas ela não me custa nada ainda, então vai dar tudo certo. — Isa dá um tapinha no ombro dele. — Você pode ensiná-la, Alex. Confio em você, porra. Você me ensinou tudo o que sei sobre carros.

Concordo.

— Aprendo rápido — acrescento, animada. — E meu pai me ensinou a passar as marchas no carro manual.

Ele não parece impressionado.

— Acho que posso ensiná-la como trocar o óleo, drenar o fluido de transmissão e trocar os freios.

— Você é demais — diz Isa, e completa: — Esqueci de te apresentar. Monika, este é o meu amigo Alex. Crescemos juntos. Ele é um gênio para consertar carros. — Ela olha para o chão e mexe os pés. — A verdade é que, se não fosse por ele e a mulher dele, este lugar já teria fechado há muito tempo.

Alex sacode a cabeça como se não merecesse o crédito.

— *No es gran cosa*. Bernie tem te ajudado, mas você é cabeça-dura demais para reconhecer isso.

— Não diga que não é nada de mais — insiste Isa. — Porque é. E não mencione esse nome começado por B outra vez. Quando falei com a Brittany hoje de manhã sobre Vic e todos os problemas que estou tendo na oficina, não esperava que ela te mandasse aqui. — Ela finge que está pegando um fiapo em seu macacão. — Você precisa fazer o seu trabalho de graduação para a universidade, Alex. Nem você nem a Brit precisam me salvar. Você tem seu garoto para cuidar e uma mulher grávida.

Sinto pena da Isa. Ela tem uma aparência de durona e age como tal, mas acabou de deixar transparecer que é vulnerável e triste. Eu a abraçaria como faço com Ashtyn quando estamos tristes, mas tenho medo de que ela me dê um tiro se fizer isso. Isa me mete medo, mas meio que gosto disso porque ela não me trata como se eu fosse alguma patricinha frágil.

— Tranquilo — diz Alex. — Brit e eu queremos ajudar, então vai trabalhar que vou ensinar à Monika algumas coisas para ela não ficar por aí sem fazer nada.

Isa me deixa com Alex depois de avisar que precisa sair. Estou tremendo, porque está na cara que eu não levo o menor jeito com carros. No entanto, é consolador que Alex vá me ajudar. Ele também não parece chateado ou com raiva por ter que fazer isso.

Olho para o nome bordado no meu peito novamente — Victor. Ele fez tudo o que podia para fazer a Isa desistir de me contratar. Trey também não acreditava que eu fosse capaz de sujar as minhas mãos. Mas não vou deixar isso me incomodar. A falta de confiança deles em mim não vai me fazer desistir de provar a todos, inclusive a mim mesma, que posso fazer isso.

— Vem comigo — diz Alex, me levando até a imensa caixa de ferramentas no meio da oficina —, preciso te ensinar o básico sobre a troca de óleo.

Quando ele me leva para baixo de um dos carros, ponho a mão acima da cabeça como se fosse adiantar no caso de o carro cair.

— E se o carro cair em cima da gente?

— Não vai. O elevador é seguro.

Olho para o elevador e o carro. Não estou convencida de que é seguro, mas o Alex age como se não fosse nada de mais ele ser amassado por um pedaço de metal que pesa oitocentos quilos.

— Aqui — diz, ligando a lanterna. — Tem que achar o dreno. Está vendo aqui?

Ponho a mão nas costas para poder me virar sem forçar muito a coluna.

— Não.

Ele solta um grunhido.

— Me dá sua mão. — Ele a põe sobre o dreno. — Está sentindo?

— Sim, estou.

— Certo, Fuentes, eu continuo daí. — diz uma voz conhecida lá da entrada da oficina. É Vic, de cara amarrada. — Se alguém vai mostrar a Monika o que fazer por aqui, serei eu daqui para a frente.

## capítulo 37
# VICTOR

Quando entro na oficina, um cara chamado Alex Fuentes, que foi colega de escola da Isa, está sob um Buick mostrando à Monika como fazer uma troca de óleo. Não seria tão terrível se Fuentes parecesse com um ogro ou com o nerd do Bernie, mas não é o caso.

Longe disso.

O *pendejo* parece um modelo ou um ator, e seus músculos sarados estão à mostra numa regata preta. Quando a mão dele toca a da Monika e ele explica como trocar o óleo, cerro meus punhos.

Não vejo Alex há um tempão. Ele era primo do Enrique. Supostamente, Fuentes está na Northwestern estudando medicina ou algo do gênero. Ele costumava vir aqui mais vezes, mas isso foi antes de eu começar a trabalhar para a Isa.

— Ah, jura? — Alex resmunga. — Porque, pelo que a Isa me contou, você passa o dia com a bunda no sofá. Estou aqui para ajudar a Isa porque você a deixou na mão. — Ele deixa Monika sob o carro enquanto vai buscar o coletor de óleo.

— Vai se foder, cara. — Ele não sabe o que estou enfrentando. E não vou deixar que nem ele nem ninguém venham me julgar agora.

Alex para no meio do caminho e se vira para mim.

— O que foi que disse?

— Para você ir se foder.

— Vic, deixa de agir feito um idiota — interrompe Monika. — Ele está certo.

— Tudo bem, Monika. — Alex parece estar se divertindo com o fato de que alguém queira desafiar uma pessoa como ele. — Escuta, amigo — ele se aproxima —, você pode ajudar ou se mandar. O que vai ser?

Ele empurra o coletor de óleo para o lado enquanto nos encaramos.

— Victor — Monika fala em tom de aviso.

Não tiro os olhos de Fuentes, mas a voz da Monika ecoa nos meus ouvidos. O meu instinto é dar o primeiro golpe, especialmente num cara como ele, que não vai recuar. Minhas veias estão em chamas, e o sangue está fervendo. Não quero nem saber se ele é durão. Não tenho medo. Podemos sair na porrada aqui mesmo.

Trey não está aqui para defender a Monika de nada nem de ninguém… por isso estou convencido de que isso agora é meu dever.

Não posso ser seu defensor quando ela está brava comigo, então recuo.

Meus olhos se concentram no coletor de óleo, que ainda está nas mãos do Alex.

Eu o tiro da mão dele e reviro os olhos quando ele faz uma cara satisfeita e mexe a cabeça num meneio.

— Você me faz lembrar de mim mesmo quando era punk. Todo arredio. Espera até aparecer uma garota que te ponha de joelhos. Caras como você não são imunes, *güey*.

— É, pode ser — resmungo, feliz de que ele tenha uma mulher e um filho que o mantenham ocupado e sem tempo para ficar por aqui dia e noite. — Não sou como você.

— Você não tem ideia.

Entro debaixo do carro ao lado de Monika, que está usando o meu macacão. Está enorme nela, mas, que merda, ela podia ser a página central de qualquer revista.

— Não quero que me ensine nada. — Ela aponta para o Alex. — Prefiro que ele faça isso.

O que eu mais gostaria de fazer neste momento é tirar o ar metido da cara do Fuentes.

— Por quê? — pergunto, muito chateado.

— Porque ele é gentil.

— Eu sou gentil — corrijo-a.

— Não, não é. — Ela responde e põe a mão nos quadris. — Você me abandonou completamente. Quer saber o que eu acho?

— Não.

— Bom, vou te dizer mesmo assim. — Ela chega mais perto e mete o dedo no meu peito. — Acho que você desapareceu num buraco escuro para afastar as pessoas e para que pudesse se esquecer da vida e da realidade. Mas adivinha só, Vic. Também estou mal. Estou enfrentando a morte de Trey tanto quanto você, então, se está disposto a voltar ao mundo real e falar comigo, tudo bem. Mas se quer continuar a viver no isolamento e na escuridão, então sai da minha frente.

Alex ri.

— *Andas bien*, Vic? Ela tem *huevos*. Presta atenção.

— Não se meta, Fuentes. Isto é comigo.

Ele ri.

— Com certeza, cara. Vou estar ali trabalhando num outro carro. Se precisar de ajuda com a sua *chica*, pode me chamar.

Eu não lhe digo que ela é a *chica* do meu melhor amigo, não minha.

Quando ele se afasta, me viro para Monika. Seu cabelo está no rosto, e ela está com os dedos todos sujos do filtro de óleo. Parece uma princesa que caiu num fosso de lama.

— Toma — digo, entregando uma toalha para ela. — Suas mãos estão sujas.

Ela aceita a toalha com relutância.

— Vai me ouvir enquanto te mostro o que fazer? — pergunto.

Ela ergue o queixo e responde:

— Talvez.

— Você desenvolveu um problema de atitude, Monika.

— Talvez eu tenha descoberto coisas que me tornaram amarga.

— Tipo o quê?

Ela não fala nada. Quero compartilhar tudo com ela, lhe contar como me sinto horrível com o que fiz ao Trey. Mas não consigo.

Mostro a ela como fazer a troca do óleo. Ela segue minhas instruções como se fosse um robô. Terminamos três carros antes que eu possa recuar e deixá-la fazer a troca sozinha, e percebo que ela leva a mão às costas para se endireitar.

Peço que faça um intervalo, mas Monika se recusa.

Não falamos da única coisa que está provavelmente na cabeça dos dois… o que aconteceu naquele campo quando Trey morreu. Tenho certeza absoluta de que não quero tocar nesse assunto. Cortaria ambas as pernas se isso trouxesse meu melhor amigo de volta. Porra, eu daria a minha vida pela dele.

Tento não ficar perto demais da Monika, porque sinto uma atração real por ela. É uma merda total. Estou aqui apenas para ensiná-la a ser uma mecânica e para protegê-la, nada mais.

— Estou indo — Alex fala depois de algum tempo. Ele mostra o celular. — A mulher não para de me mandar mensagens, perguntando quando vou para casa. Avisa a Isa que tive que ir embora, mas o Ford está

feito e o Monte Carlo precisava de um cinto, então eu instalei.

Monika dá tchau, e um sorriso simpático e iluminado se abre em seu rosto em forma de coração.

— Foi um prazer conhecê-lo, Alex.

Ele meneia a cabeça.

— Foi um prazer te conhecer também. Até a próxima, Vic. — Ele sai, nos deixando sozinhos na oficina.

Então agora somos só Monika e eu. Sozinhos.

Pigarreio e vou até a caixa de ferramentas. Ela vem atrás. Posso sentir sua presença porque estou ligado a ela.

— Posso te pedir uma coisa sem que você fique bravo? — ela pergunta.

— Manda.

— Jura que não vai ficar bravo?

— Claro que não.

— Volta para a escola, Vic. Se não vai fazer isso por si mesmo ou pelo Trey, faça pelo time de futebol. Era para chegarmos no estadual este ano. Perdemos os últimos dois jogos. Se você estivesse lá… — Sua voz esmorece.

— O quê? — digo, atirando a toalha no chão. — Se eu estivesse lá, estaríamos ganhando? Trey era o que corria mais rápido. Trey era o que fazia os pontos. Eu apenas derrubava as pessoas, nada mais. Sou um robô estúpido. Qualquer um pode me substituir.

— Isso não é verdade. Eu te observei. Você antecipa as jogadas do quarterback, Vic. É como se você pressentisse o que o outro time vai fazer. — Ela pega a toalha do chão. — E, apesar do que possa pensar, você não é apenas um cara da defesa que derruba pessoas. Todos te admiram porque você joga com a confiança de que vai ganhar cada jogo. Estão perdidos sem você… estão perdendo sem você.

— Você não percebe que sou apenas um jogador burro e inútil.

Começo a me afastar. Preciso sair daqui, subir a escada e me isolar. Eu disse a mim mesmo que só queria ajudá-la, torná-la a mecânica que quer ser. Protegê-la.

Mas estava mentindo para mim mesmo.

Ofereci ajuda porque queria ficar perto dela. Quero ficar perto todas as vezes que puder, não por causa do Trey ou de qualquer outra pessoa.

Ela está aqui por uma razão diferente.

Monika está aqui para fazer as coisas que Trey disse que ela não era capaz de fazer, que todos nós dissemos que não era capaz de fazer. Ela está aqui para me convencer a voltar a Fremont. Ela não está aqui porque quer ficar perto de mim.

Sou um completo idiota.

— Aonde vai? — ela pergunta.

Preciso manter distância. Se não fizer isso, estarei tentado a lhe dizer como me sinto. Ficarei tentado a envolvê-la nos meus braços.

— Preciso de ar.

— Para de fugir. — Ela tenta me olhar nos olhos. — Você não é inútil, Vic. Você tem sentimentos. Ponha-os para fora!

— Não posso. — Porque expressar meus sentimentos significa trair Trey. Em vez disso digo a ela: — Não sinto nada.

Ela está olhando para mim de forma desafiadora. Espero que me convença de que é melhor para mim expressar o que sinto ou voltar para a escola. Espero que ela diga como preciso ajudar o time de futebol.

Espero que ela fique zangada sabendo que não estou à altura das expectativas de ninguém, inclusive as dela.

Mas ela não faz nada disso.

Em vez disso, fica na ponta dos pés e passa a mão pelo meu cabelo.

— Você tem sentimentos — resmunga antes de segurar meu rosto e roçar seus lábios macios contra os meus. — Vou provar para você.

*Dios mío*.

Eu beijei Monika milhares de vezes em sonho. Nunca imaginei que fosse assim… seus lábios macios e úmidos nos meus, suas mãos enfiadas nos meus cabelos e sua respiração doce se misturando à minha.

Meu corpo reage a isso, a ela. Monika sempre me enfeitiçou, mas eu sabia que nunca poderia tê-la devido à minha lealdade a Trey.

*Ai, caramba*. Isso não está acontecendo.

Mas está.

E não quero que pare.

Todas as minhas preocupações e pensamentos desaparecem. A única coisa em que estou concentrado é no aqui e no agora. Faz muito tempo que não sinto esse tipo de paz interior, e é um choque para mim.

Ela geme, e sua boca se entreabre, e sua língua procura a minha. Posso sentir uma eletricidade quente percorrendo as minhas veias quando nossas línguas se encontram e começam uma dança lenta e sensual. Ela tem um gosto ótimo, e eu poderia fazer isso por horas… para sempre.

Isso deve ser como estar no céu.

Aninho sua cabeça nas minhas mãos e lhe acaricio a nuca com o polegar quando nos entregamos como se estivéssemos famintos por beijos nossa vida inteira. É molhado, escorregadio e sensual demais. É disso que são feitas minhas fantasias. Só de beijá-la meu corpo reage, sem controle.

— Ah, Vic — ela geme, esfregando os lábios de um lado para o outro contra os meus. — Tenho estado tão perdida... Preciso de você.

Merda.

Ela *precisa* de mim?

A realidade acaba de me dar um tapa na cara.

Esta é a Monika, a garota intocável por tantas razões. Sou responsável pela morte de meu melhor amigo, e agora estou beijando a namorada dele. Estou quebrando cada regra, código, ultrapassando todos os limites que já foram criados ou pensados. Posso querê-la mais do que ao ar que respiro, mas isso não importa.

Faço um esforço sobre-humano para me afastar e quebrar o clima.

— O que está *fazendo*? — pergunto com a voz carregada de desejo. — Isso está errado. Você é a namorada de Trey, Monika. Eu o matei e agora estou beijando sua namorada. — Limpo a boca com as costas da mão. — Isso é um erro. Nunca aconteceu.

Ela olha para mim com aqueles olhos verdes brilhantes e recua. Aqueles olhos mudam rápido de paixão para vergonha.

— Certo — ela concorda. — Nunca aconteceu.

## capítulo 38
# MONIKA

Quero contar a verdade para o Vic, que ele não foi responsável pela morte de Trey.

Quero lhe contar que Trey e eu tínhamos terminado.

Quero lhe contar que Trey estava se drogando e me traindo havia bastante tempo.

O corpo de Trey ficou fragilizado devido às drogas que estava ingerindo. E sei que a verdade sobre o que realmente aconteceu com Trey está me destruindo.

*Você é a namorada de Trey*, Vic acaba de dizer.

Mas eu não era mais.

Não quero macular a reputação de Trey, mas guardar a verdade está acabando comigo.

Vic é a única pessoa com quem quero ter um relacionamento. Se ele soubesse a verdade… mas não sabe.

E não consegui contar para ele.

Em vez disso, o beijei e disse que precisava dele. Como fui burra.

Não vou fingir que o fato de Vic querer esquecer que o beijo aconteceu está me doendo. A maneira como limpou a boca com as costas da mão, como se eu o tivesse infectado com alguma doença contagiosa, nos estremeceu.

A verdade é que preciso dele.

Ele vira as costas para mim e deixa a oficina, e tenho vontade de gritar para que volte. Mas em vez disso fico paralisada.

Passo os dedos sobre os lábios que ainda formigam por causa do nosso beijo. Meu corpo está mais vivo do que nunca, e não sinto nenhuma dor. Minha adrenalina deve estar bem alta, porque me esqueço da dorzinha constante nas minhas costas e nos meus pulsos.

Ouço a moto se afastar da oficina. Vic está fugindo mais uma vez.

— Covarde! — resmungo.

Enquanto ainda estou parada no mesmo lugar, Isa entra pela porta.

— Oi. Aquele era o Vic saindo?

Confirmo com a cabeça.

— Era.

— Aonde ele vai?

Não posso olhar nos olhos da Isa neste momento, porque ela vai saber que tem alguma coisa acontecendo. Especialmente porque estou a ponto de chorar.

— Ele disse alguma coisa sobre ir ao cinema.

Isa ergue uma sobrancelha.

— É mesmo?

Dou de ombros.

— Ou algo do gênero.

— Sei. — Isa esboça um sorriso. — Vamos fazer o seguinte: vou fingir que acredito. Que tal?

— Na verdade, isso seria ótimo.

Isa aponta para o meu macacão.

— Foi um dia longo. Por que não encerramos por aqui e você volta amanhã?

Olho em volta para todos os carros que esperam algum tipo de serviço. A comunidade quer ajudar Isa a manter a oficina aberta, mesmo que ela admita que não é uma conhecedora de carros.

— Por que continua mantendo este negócio? — pergunto. Não é exatamente o trabalho mais fácil ou o mais glamoroso.

— Por respeito ao cara que o deixou para mim. — Ela olha para as próprias mãos manchadas de graxa. — Ele ia querer que eu fosse feliz. Isso me mantém por aqui e me dá um objetivo na vida. Sei lá. Se não fosse por isso, eu provavelmente estaria ainda por aí com a Sangue Latino.

— Então este negócio te mantém longe de confusão?

Ela aponta para seu jeans retalhado e manchado de graxa.

— Este negócio me mantém suja, mas longe de confusão. Você é o tipo de garota, Monika, que não precisa fugir da confusão. Não tenho a menor ideia do que quer aqui, a não ser o Vic.

— Não quero falar disso.

Mas ela não recua.

— Posso apostar. Talvez, apenas talvez, você esteja tentando se meter em confusão com o meu primo.

## capítulo 39
# VICTOR

Beijei Monika Fox.

Na verdade, não foi bem assim. Ela me beijou. Eu meio que fiquei parado no início, atordoado e tonto feito um idiota inexperiente. O cabelo dela cheirava a flores, seus lábios tinham gosto de mel, e seus gemidos me deixaram maluco.

Foi muito melhor do que eu havia sonhado.

Como, cacete, me meti nessa situação? Monika devia estar em casa, não na Oficina do Enrique. Então eu não teria ficado a sós com ela e feito coisas com ela que vou precisar apagar da memória.

É, claro. Como se fosse possível.

Me sinto como um calouro apaixonado. Meu coração ainda está acelerado, minha adrenalina a mil, e, porra, o sangue flui para a minha virilha só de pensar nos dedos dela no meu cabelo.

*Papá* está certo. Sou patético.

Apesar do que disse à Monika, sair do time está me fazendo muito mal. Saber que eles perderam todos os jogos desde a morte de Trey é como um soco no estômago. Além disso, eu não apenas sou responsável pela morte de meu melhor amigo como beijei a namorada dele. Não dá para ser mais *pendejo* do que isso.

A minha vida tem sido uma confusão atrás da outra.

Ando por aí até escurecer. As sombras em movimento, acompanhadas de gritos insistentes, ecoam pela noite lembrando que esta não é uma cidade muito segura. Não acho que *mi papá* tenha andado jamais por estas bandas de Fairfield. Ele esnoba qualquer pobre, como se eles fossem uma desgraça para a sociedade.

A ironia é que ele viveu num gueto quando menino.

Entro num bar bem decadente no limite da cidade. O lugar não é para os fracos, especialmente quando os membros das gangues estão espalhados por aí, doidos para começar uma briga com alguém.

— O que vai querer? — o bartender me pergunta.

— O que tiver na torneira — respondo.

Preciso esquecer a Monika, o time, Trey e tudo o que aconteceu.

Preciso esquecer que existo. Beber até cair me parece uma boa ideia.

Sem me pedir a carteira de identidade ou perguntar minha idade, ele me entrega uma caneca cheia de uma cerveja vagabunda que tem um gosto ruim. Depois de tomar outras quatro, a coisa começa a parecer gostosa.

— Ei! — diz um cara que puxa o meu ombro para me ver melhor. Ele está de jeans e uma camiseta regata manchada de cerveja. — Você não é aquele garoto que matou aquele jogador da Fremont, Trey Matthews, durante um treino há algumas semanas?

Não respondo. Em vez disso volto à minha cerveja.

— Charlie, dá outra cerveja para este garoto. Ele nos fez um favor ao colocar aquele craque a sete palmos abaixo da terra.

Eu lhe dou um murro sem que ele possa desviar ou se esquivar. Ele está no chão, e estou sendo expulso por dois armários e atirado na brita do estacionamento. Está tudo fora de foco. Bem, tudo menos a cara do fulano depois de falar da morte de Trey.

Me sento no chão, e o mundo começa a girar.

Estou bêbado.

Merda.

Posso dirigir a moto de volta à oficina, mas, honestamente, não acho que consiga fazer isso sem cair ou vomitar. Decido ir a pé, o que é uma droga, já que o apartamento da Isa é do outro lado da cidade.

Vir para esse bar sujo foi uma má ideia.

Tropeço na entrada da Oficina do Enrique vinte minutos depois, e me dirijo ao apartamento lá em cima. Isa está sentada no sofá em que tenho dormido nas últimas semanas. Acho que ignorá-la é minha melhor opção, porque, assim que abrir a boca para falar, meu cérebro não vai conseguir processar nada.

— Por onde andou? — Isa me pergunta.

— Por aí — respondo ao tropeçar no sofá.

— Está bêbado?

— Espero que sim. — Sinto que as palavras saem enroladas.

Ela pergunta várias vezes:

— O que Dani ou Marissa iam pensar de você se te vissem agora?

— Não estou nem aí.

— Certo, deixa eu pôr então de outra maneira. — A personalidade impetuosa de Isa se abate sobre mim como um tornado. — E se Dani ou Marissa chegassem em casa bêbadas como você?

Posso estar muito bêbado, mas essa é moleza.

— Eu daria uma bronca nelas *e* na pessoa que as ajudou a ficar bêbadas.

— Exatamente. — Ela fica de pé e me encara. — Da próxima vez, se pensar em vir para cá depois, vou te dar uma surra.

— Você acha que pode me dar uma surra, Isa? Tenta. — Me deito porque minha cabeça está girando e tenho vontade de vomitar.

— O álcool não vai resolver seus problemas, primo. E não vai te fazer entrar numa faculdade.

Posso ter lutado contra isso o mais que pude, mas o fato é que não vou para uma faculdade. Porra, eu provavelmente nunca tive uma chance de verdade. Talvez o futebol pudesse me fazer entrar em alguma faculdade, mas é quase certo que afundaria no primeiro ano.

Monika não merece um cara como eu. Trey era o cara que podia dar a ela futuro e estabilidade, algo que nunca poderei oferecer. Tenho que provar a ela que sou o exato oposto do Trey. Sou alguém que não merece seus beijos ou sua atenção.

A essa altura não mereço nada.

Esta é a minha vida, bem aqui no lado sul de Fairfield, trabalhando numa oficina mecânica decadente. Não quero encarar a realidade. Fico dizendo a mim mesmo que ainda posso tomar conta da Dani e da Marissa, ainda que não moremos mais na mesma casa.

A tontura cede, uma onda calma de serenidade me invade e me dá coragem para contar à Isa a verdade.

— Assassinei meu melhor amigo. E depois beijei a namorada dele.

Minha prima ergue a sobrancelha.

— Assassinato? Vic, eu li a história no jornal. Foi um acidente.

— Você tem certeza? — pergunto a ela enquanto afundo no sofá marrom e cheio de calombos. — Eu queria ser ele, Isa. Queria a vida dele. Queria seu cérebro brilhante. Cacete, queria a namorada dele.

Isa joga um cobertor por cima de mim.

— Foi um acidente, Vic. Nada mais. Tenho certeza porque te conheço. Somos do mesmo sangue.

Sacudo a cabeça.

— Só porque temos o mesmo sangue, isso não quer dizer nada. Tenho o mesmo sangue do meu velho, e

ele não aguenta nem me olhar. Depois desta noite, não acredito que Monika vai suportar me ver também.

— Acho que Monika gosta de você, Vic.

— Está delirando. Completamente.

Isa ri.

— Não sou eu que fiquei bêbada tentando esquecer a realidade, Vic. Foi você.

— Certíssima.

— Um dia você vai acordar e descobrir que está desperdiçando sua vida com seu medo.

De jeito nenhum.

— Não tenho medo de nada.

— Sei. Continua repetindo isso para si mesmo que um dia, talvez, você realmente consiga acreditar.

## capítulo 40
# MONIKA

Pelo resto da semana, evito a Oficina do Enrique. Fico ansiosa imaginando se Vic não vai me ligar, mas ele nunca liga. Desapontamento e mágoa se acomodam no meu peito como um tumor maligno.

Foi uma estupidez beijá-lo, mas naquele instante só queria sentir sua força e me aninhar em seu corpo quente. Está bem, eu queria me ligar a ele de uma maneira emocional… e física. Só queria por um instante esquecer o passado e apenas pensar no presente.

Sou tão burra!

Não vou ao jogo de futebol na noite de sexta. Em vez disso fico em casa na cama. Não consigo parar de pensar em Vic e na maneira como me olhou depois que nos beijamos. Ele estava horrorizado, como se o meu beijo mudasse tudo e ele tivesse que fugir. Costumávamos ser amigos que se davam muito bem. Ele sempre foi brutalmente sincero comigo, mesmo que isso pudesse me magoar.

Anseio por essa sinceridade agora. Anseio pelo velho Vic.

— Tudo bem? — pergunta mamãe.

Dou de ombros.

— É por causa do Trey? Ou sua artrite está atacando? Podemos pedir que aumentem a dosagem se…

Me sento devagar.

— Não preciso de uma dosagem maior, mãe. De verdade. E não é por causa do Trey. — Certamente não posso contar a ela que é por causa de outra pessoa.

O olhar preocupado dela me faz desejar que não estivesse me sentindo um lixo esta noite. A verdade é que meu corpo dói, mas não é insuportável. Estou deprimida porque estou gostando de alguém que não me quer.

— Quer vir ao cinema conosco? — mamãe pergunta com um sorriso esperançoso.

— Não. Vocês precisam sair sozinhos de vez em quando. Vou ficar bem.

— Que tal convidar uma amiga?

— Estão todos no jogo de futebol, mãe.

— Ah. Esqueci.

Apesar de achar que ela ficou aliviada quando saí da equipe porque se preocupava que eu estivesse exigindo muito do meu corpo, agora, enquanto todas as minhas amigas estão ocupadas durante os jogos, ela me vê sozinha em casa.

— Vou ficar bem. Juro. Vá ao cinema com papai e se divirta.

— Está bem. Mas se achar que precisa de alguém, me manda uma mensagem. Vou deixar o celular ligado.

— Está bem.

Quando meus pais saem, volto a olhar para o teto.

## capítulo 41
# VICTOR

No sábado, olho no espelho e penso nos meus colegas de time. Eles tornaram a perder ontem. Ouvi o jogo todo na rádio local, e me encolhia cada vez que a Fremont errava o passe ou deixava a bola cair. Monika acha que não faço ideia do que está acontecendo com o time, mas o tenho acompanhado semanalmente.

É por minha culpa que estão perdendo.

Eu queria poder falar com o time, dizer para eles jogarem de forma inteligente e pararem de analisar cada jogada. Queria lhes dizer que vencessem em memória de Trey, que, se jogassem com o coração tanto quanto estão jogando com o cérebro, estariam detonando os outros times em campo.

Mas não posso dizer nada a eles. Sou provavelmente o cara mais odiado em Fremont. Da mesma forma que Monika deve me odiar. Fecho os olhos e penso em todo o tempo que passamos juntos. Sinto-me reconfortado só de pensar nisso.

Mesmo sabendo que ela nunca mais me olhará da maneira como fez depois de me beijar. Ela disse que precisava de mim.

Ela nunca saberá quanto eu preciso dela.

## capítulo 42
# MONIKA

— Levanta.

É sábado à noite, e eu estou fazendo planos de passar a noite na cama jogando no celular. Até que Ashtyn e Bree aparecem.

Bree está debruçada sobre mim com um copo cheio de água na mão.

— *Eu disse para se levantar, Monika. Já.*

Puxo as cobertas por cima da cabeça.

— Por quê?

Ash tira as cobertas de cima de mim.

— Porque decidimos que você vai com a gente ao Club Mystique.

Eu digo que não com a cabeça.

— Não. Não posso ir pra balada. Não hoje. — Talvez nunca. Não quero dançar nem ouvir música. Costumávamos fazer isso sempre. O Club Mystique deixa menores entrar, mas, a não ser que tenha uma pulseira maior de 21, não te servem álcool. Isso nunca foi um problema. Quando Ash, Bree e eu estamos juntas não precisamos de bebida para bagunçar tudo e nos divertirmos muito.

— Pode, sim — diz Bree, seu brinco de argola prateado dançando a cada movimento seu. — Conheço o segurança e ele vai nos deixar entrar assim que chegarmos, para não ficarmos na fila. Você precisa disso, Monika.

Viro para Ashtyn, que sempre foi a voz da razão. Ela certamente percebeu que a ideia não é boa.

— Ash, não me obrigue a isso.

Minha melhor amiga, que sempre me deu cobertura, pega meu cobertor e o joga longe. Devia ter me lembrado que ela é uma jogadora de futebol no time dos rapazes… Ela não é fraca, e tem sido treinada pelo técnico mais duro do Meio-Oeste.

— Desculpa, Monika — ela diz. — Bree está certa dessa vez. Você está entocada neste quarto e precisa sair e se divertir. Sem desculpas dessa vez.

— Não quero me divertir — digo, massageando os pulsos na tentativa de diminuir a dor constante. — Quero apenas ficar aqui de mau humor pelo resto da minha vida.

— É, bem, apenas perdedores fazem isso, e sou muito descolada para ter uma amiga perdedora — Bree diz depois de largar o copo e começar a olhar dentro do meu armário. — Levanta a bunda daí e vai tomar um banho para não cheirar a sushi velho. Saímos em uma hora, quer você esteja usando este agasalho horroroso ou não.

— É confortável — digo em defesa da minha escolha de roupas.

— Não estamos buscando um visual confortável. Estamos buscando um visual quente e sexy. — Bree mostra um vestido vermelho curto que ainda tem etiquetas. — Escuta, estamos aqui para te salvar. Você pode escolher ser uma mala ou se juntar a nós. Como vai ser?

Algumas vezes você tem que sair da sua zona de conforto para se sentir viva. Foi o que Vic nos disse quando deu o salto polar no lago Michigan no inverno passado.

Eu disse a ele que era doido.

Em resposta, ele me levantou e pulou na água gelada comigo — vestida. Trey achou divertido… até Vic o

atirar na água também.

Vic sempre me disse que eu vivia uma vida segura e previsível. Enquanto me aperto no vestido vermelho mínimo que Bree escolheu para mim, penso que gostaria que Vic me visse agora. Esta noite não vou viver segura e previsivelmente. Vou sair e esquecer Trey e seus segredos. Vou esquecer Vic e seus lábios quentes, e a paixão que emana de cada poro dele.

Tomo banho e me olho no espelho. Quando me debruço sobre a pia para passar o rímel, minhas costas começam a doer. Tomo um comprimido para aliviar.

Penso no que Vic deve estar fazendo agora. Ele não entrou em contato desde que o beijei. O arrependimento se instala no meu peito, especialmente porque não consigo parar de pensar nele.

O que há de errado comigo?

Só de pensar em beijar Vic, um formigamento percorre todo o meu corpo. Não quero sentir nada por ele, mas ignorar que algo está fermentando entre nós não vai fazer a sensação ir embora.

Gostaria que ele falasse comigo sobre isso em vez de fazer de conta que não existo.

Antes de sairmos do meu quarto, Ash e Bree me examinam. Elas não têm a menor ideia de que meu coração está doendo.

— Você está linda — me diz Ash. — Agora, não se esqueça de que esta noite é sua. Divirta-se. Deixe suas inibições de lado. Esquece a merda do último mês e se concentra só na sua felicidade. Me promete que vai fazer isso.

Abro um grande e falso sorriso.

— Prometo.

Esta é a minha noite. Para sair da zona de conforto e esquecer Vic e todo o resto. Respiro fundo. Vou conseguir.

Acho.

Quando chegamos ao Club Mystique, a música alta reverbera, e há um monte de gente na fila. Garotas com vestidos sensuais, maquiagem pesada e cabelos compridos são a marca registrada. Normalmente me adapto, mas estou consciente de mim mesma e o remédio para dor começa a fazer efeito. Está me deixando mais solta.

De repente desejo que Vic esteja aqui comigo. Ele sempre é tão confiante em tudo o que faz. Chega a ser irritante. Eu queria ser assim tão confiante. Mas posso assumir o papel. Bree faz aulas de teatro. Ela diz que a gente deve se tornar o personagem que vivemos. Você deve se entregar a ele ou abandoná-lo.

Hoje à noite vou me entregar.

Vou conseguir. Posso ser como Vic e ser confiante. Me adaptar não será um problema.

Algumas garotas estão na calçada, andando na direção do clube. Elas fizeram chapinha nos cabelos e têm unhas falsas tão longas que não servem para nada além de atrair os rapazes. E todas usam saltos altos, que as tornam bem maiores do que eu.

Quando vamos para o início da fila para falar com o segurança que Bree conhece, somos fuziladas por algumas das pessoas que estão esperando. Mas Bree não se importa, especialmente porque entramos logo no clube.

Assim que passamos pela entrada lotada, copos são colocados nas nossas mãos por um cara realmente bronzeado que está usando uma camiseta que diz maconheiro.

— Tomem. É um presente.

A boca de Ashtyn se torce, e ela se aproxima para falar comigo.

— Não beba. Está provavelmente misturada com alguma coisa. — Ela tira o copo da minha mão e o joga

numa lixeira no canto, mas Bree parece que vai beber.

— Bree! — grito enquanto arranco o copo da mão dela e jogo na lixeira. — E se estiver misturado com alguma coisa? — berro mais alto que a música.

Ela dá de ombros.

— E se não estivesse?

— Não vou deixar você se arriscar.

— Bem, vamos pegar alguma coisa que não esteja misturada. O bar é ali!

Bree grita mais alto que a música e mostra as pulseiras maior de 21 que recebeu de seu amigo segurança. Ela aponta para o outro lado do clube, pega minha mão e me leva para o bar enquanto o maconheiro esquisito fica nos olhando.

O número de pessoas compactadas neste espaço tão pequeno é provavelmente um risco no caso de um incêndio. Cheira a cerveja, doce e maconha misturados. Não acho que escaparíamos todos vivos.

Abro caminho no meio da multidão, segurando Bree com uma mão e Ashtyn com a outra. A música está tão alta que meus ouvidos estão tinindo, e a batida surda faz o chão tremer.

Logo Bree está dando em cima do bartender, que nos serve uma rodada de tequila.

E outra. E mais uma.

— Vou ter que chamar o Derek para nos levar para casa — diz Ashtyn. — Já estou meio tonta.

— Estou bem — digo, curtindo a onda de calor que percorre meu corpo. Não estou sentindo nenhuma dor agora… nenhuma mesmo.

— Quer dançar? — me convida um cara de cabelos castanhos bagunçados e com cerveja pingando de seu queixo.

Humm…

— Não, obrigada.

— Vai dançar, Monika! — diz Bree, me empurrando para cima do cara.

Como me meti nesta situação? Não é que não tenha bebido antes. Bebi. Mas é que… só bebi antes umas poucas vezes entre amigos. Nunca bebi com um monte de estranhos num clube.

Ele me leva até a pista, e começamos a dançar. Tento não pensar nas mãos dele na minha cintura ou no fato de que acho que acaba de apalpar a minha bunda. Me afasto, mas ele me puxa com força e aperta bem o meu braço.

— Vamos lá. Seja boazinha e me dê uns amassos — ele diz na minha orelha.

Não sou boa em fingir como Bree. Arranho a mão dele que está prendendo o meu braço.

— Ai! Puta! — ele berra acima da música.

Quando me solta, me enfio no meio da multidão, tropeçando algumas vezes pelo caminho.

Acho que estou bêbada.

Mas quando vejo uma garota com o cabelo cor-de-rosa fico imediatamente sóbria. Ela está num canto, enfiando uma pílula amarela na boca. Quando nossos olhos se encontram, ela se esconde na multidão.

— Zara! — grito o mais alto que posso enquanto tento segui-la pelo mar de gente bebendo e dançando.

Por um minuto acho que a perdi, mas então vejo uma mecha rosa quando ela foge para o banheiro. Sem perder tempo, a cotoveladas consigo chegar ao banheiro também. Nenhum cabelo rosa aqui. Ela deve estar em uma das cabines.

— Ei, Zara — falo, tentando não enrolar a língua. — Preciso falar com você. Não vou embora até que a gente converse.

De repente a porta de uma das cabines se abre. Zara Hughes — a garota bonita dos retratos com Trey.

*Eternamente e sempre.*

— Você sabe quem eu sou? — pergunto a ela.

— Sim. — Ela parece nervosa e está de olho na porta. Será que está pensando em fugir para evitar o confronto? — Eu sei quem você é.

Garotas esperando na fila do banheiro estão nos escutando. Não há como ter uma conversa particular, por isso farei isso aqui e agora.

— Eu… hum… — Penso no que vou dizer, mas meu cérebro está enevoado, e estou ciente de que tem gente começando a nos olhar.

Olho para o cabelo rosa de Zara, para seus lábios rosa e sua pele perfeita. A despeito do que gostaria de pensar dela, não parece nem uma piranha nem uma manipuladora. Ela parece triste, acabou de perder o amor de sua vida.

Não preciso interrogá-la. Apenas ao ver as lágrimas que se acumulam em seus olhos, sei a verdade. Ela estava apaixonada por Trey. E, pelas fotos que achei no quarto dele, posso dizer que ele estava apaixonado por ela também.

Pego minha bolsa e tiro as fotos deles.

— Toma. Achei no quarto de Trey.

Hesitante, ela pega as fotos da minha mão. Uma lágrima desce pelo seu rosto quando começa a olhar uma a uma, demoradamente.

— Obrigada — agradece enquanto aperta as fotos contra o peito.

Estou de saída quando Zara grita:

— Eu sinto muito, Monika!

Concordo. E olho para ela por algum tempo antes de concluir:

— Eu também.

De volta à pista, localizo Ashtyn e Bree, que estão com uma galera da Fremont. Eles me chamam, mas, quando estou indo me juntar a eles, um cara usando um agasalho cinza me dá um encontrão ao abrir passagem pela multidão.

Seu rosto está parcialmente escondido pelo capuz, mas, quando o olho e ele levanta um pouco a cabeça, vejo olhos escuros faiscantes.

Prendo a respiração.

Não estou bêbada demais para saber que aqueles olhos escuros só podem pertencer a uma pessoa.

Victor Salazar.

## capítulo 43
# VICTOR

Só quero sair desta balada, mas não vou sem minha irmã. Club Mystique. Porra, vim aqui um monte de vezes com meus amigos ao longo dos anos… A balada em que os adolescentes podem festejar com a galera adulta.

Um gringo com a palavra maconheiro na camisa vem na minha direção.

— Tem alguma coisa para fumar, cara?

Fumar?

— Não. Estou procurando alguém.

— E não estamos todos? — o maconheiro responde.

Alguém bate no meu ombro e berra alguma coisa que não consigo escutar por causa da música.

Me viro, aborrecido.

— Qual é…?

Minha língua paralisa, porque diante de mim está uma deusa. Monika Fox não conseguiria passar despercebida nesta multidão nem que quisesse. O cabelo ondulado e comprido é lindo, seu vestido vermelho é sensual demais, e ela tem uma aura que faz com que todo mundo no lugar a admire.

Inclusive eu.

Seus olhos estão meio vidrados, e parece que vai tropeçar a qualquer minuto. Eu a seguro para que não caia, mas ela empurra a minha mão e diz com a voz pastosa:

— Tira a mão de mim!

— Você está bêbada.

— Estou alta — diz devagar. — Há uma diferença.

— Certo, como quiser. — Eu olho por sobre o ombro dela e vejo minha irmã no canto da balada. Bonk a está abraçando como se ela fosse dele, e minhas veias se incendeiam.

— Vai a algum lugar?

Não respondo.

— Não me ignore, Vic.

— Não estou te ignorando.

Ela segura meu ombro e me puxa para que eu possa escutá-la.

— Não vou embora, e não vou deixar você ir. — Ela praticamente berra acima da música. — Você não pode se esconder para sempre.

Abandono a missão de resgatar Dani e pego Monika pela mão.

Ela puxa a mão.

— Aonde está me levando?

— Lá para fora.

— Talvez eu não queira ir lá fora. — Ela vira o pescoço para ver a pista de dança. — Vim aqui com Bree e Ashtyn. Minhas *amigas*.

— E vai embora comigo. — Pego sua mão novamente e me dirijo para a saída. Ela tropeça algumas vezes nos próprios pés.

— Quanto você bebeu?

— Não sei — diz, erguendo a outra mão. — O suficiente para me sentir muito, muito, muito bem e muito,

muito furiosa.

Ih. Ferrou.

— Nem sei por que gosto que esteja aqui ou por que me incomoda tanto que me odeie.

— Não te odeio — digo a ela com a voz baixa enquanto atravessamos a multidão.

Monika olha para mim com um misto de raiva e desafio.

— Te beijei, e você não deu a mínima. Na verdade, disse que era um erro.

Ela se inclina para trás e olha dentro dos meus olhos. Caramba, ferrou. Especialmente quando ela se desequilibra e tenho que me esticar para agarrá-la.

Monika olha para um monte de gente à nossa volta e depois me encara com aqueles olhos que parecem ter um brilho próprio.

— Está destruindo sua vida. Trey te daria uma surra se te visse agora. — Ela pisca, avaliando a minha reação. — Não importa se você me odeia ou não, Vic, porque eu te odeio.

— Bom, é uma coisa boa você me odiar.

— Por quê?

— Porque você ainda é a namorada do meu melhor amigo — digo com simplicidade. — Só por isso.

— Ei! — ouço alguém gritar. — Não é o Vic Salazar? Xi, vi sua irmã com Matthew Bonk. Estavam se pegando perto do bar.

Ai, merda.

Seguro Monika e fito seus olhos. Quero estar junto dela outra vez, dizer a ela que estarei ali para o que precisar. Mas ser honesto com Monika só vai complicar as coisas.

— Preciso resgatar minha irmã das mãos do Bonk. Mas não vou te deixar assim.

— Mudei de ideia. Pode ir. Vai embora. Não preciso de você nem de seus beijos estúpidos. — Ela empurra a minha mão para longe. — Você é bom em abandonar as pessoas quando precisam de você, Vic. É sua especialidade.

— Você não entende. Trey e eu éramos melhores amigos. — Me sinto mais do que derrotado a essa altura. — Não posso… não posso fazer isso.

— Você não sabe *nada* sobre mim e Trey! — Monika grita.

— Sei que ele te amava.

— Não sabe de nada, Vic. Você acha que sabe, mas você foi enganado que nem eu. Você pensa que conhecia Trey, mas ele era um estranho para nós dois. — Ela olha para a frente da balada e Bree e Ashtyn estão acenando para ela. Mas aí Ashtyn deve ter me reconhecido, porque vem correndo em minha direção.

— Ai, meu Deus! Vic! — Ash grita. Não a vejo desde o incidente, mas não é hora para conversar. Não agora.

— Leva ela, Ash — digo, empurrando Monika para os braços de Ashtyn.

— Espera, está indo embora?

— Depois de resolver um negócio.

Vou para o bar.

Porque Bonk tem um encontro com minha irmã… e com meu punho.

## capítulo 44
# MONIKA

— Já se apaixonou por alguém que odeia? — pergunto a Isa na segunda, enquanto trabalhamos juntas num carro.

— Ih, *chica*, me apaixonei por muitos homens que havia odiado.

— Quem foi seu primeiro namorado?

Ela baixa a chave de boca que está segurando e suspira.

— Ele se chamava Paco. Não tínhamos nada oficial, mas eu tinha dezessete anos e estava totalmente apaixonada por ele. Imaginei que nos casaríamos e teríamos filhos algum dia.

— E o que aconteceu?

— Ele foi assassinado. — Ela funga algumas vezes, pega a chave de volta e começa a trabalhar no carro de novo. — Larguei a gangue depois disso, mas não o trouxe de volta.

— Sinto muito.

— Eu também.

Ela me olha de soslaio e pergunta:

— Então, o que há entre você e meu primo?

Posso sentir o sangue subindo para o rosto.

— Nada.

— Não me venha com essa. Vejo a maneira como olha para ele.

— Somos apenas amigos, acho. — E isso não é bem a verdade. — Na realidade, neste momento eu o odeio. Não somos mais amigos de verdade agora.

Ela balança a cabeça, indicando que está entendendo.

— Alex, vem cá!

Alex, que veio dar uma força de novo, deixa o carro em que está trabalhando e se aproxima.

— Conta para a Monika como foi amor à primeira vista entre você e Brit.

— Eu a odiava. E ela me odiava. Viemos de lados opostos da cidade, e eu achava que éramos muito diferentes. — Ele ri. — Quem diria que ela era minha alma gêmea.

— Eu disse — Isa retruca.

Ele ri.

— Verdade.

— Como homem, tem algum conselho para a Monika?

— Tenho. Minha mulher nunca para de me desafiar. Me faz querer ser um homem melhor.

Tentei desafiar o Vic, mas, em vez de querer ser um homem melhor, ele desistiu.

De repente a porta da oficina se abre. Bernie aparece de terno e está segurando um enorme buquê de flores.

— Está vindo de algum enterro? — Isa graceja.

— Não — Bernie responde muito sério. — Vim te convidar para sair.

Isa recua.

— Te disse que não saio com você. — Ela encara Alex, estreitando os olhos. — Não ouse abrir a boca, Alex.

Alex levanta as mãos.

— Não estou dizendo nada, Isa.

Bernie entrega as flores para Isa.

— Sai comigo.

— Não posso — ela responde.

— Por que não?

— Porque … — Isa joga as flores no lixo. Ela começa a se afastar, mas aí corre até a lixeira e pega as flores de volta. — Que saco você fazer isso comigo, Bernie.

— Estou apenas tentando te amar.

— Bem, todos os caras que amei morreram. Você quer morrer?

— Se for preciso. Não tenho medo de morrer. E não tenho medo de você. Sai comigo.

— Tenho serviço a fazer.

— Te ajudo a pôr o serviço em dia.

— Te mandei embora, idiota. — As palavras dela são rudes, mas a maneira como está segurando o enorme buquê, como se fosse o caminho para a felicidade, trai seu sentimento verdadeiro.

— Pode me despedir milhares de vezes, e eu ainda voltarei. Você e eu podemos formar um time ótimo. Apenas saia comigo esta noite. Se quiser que te deixe em paz depois disso, vou pensar no caso.

— Vai. Dê uma chance a este pobre gringo.

Isa o fuzila com os olhos.

— Não pedi sua opinião, Fuentes.

Alex dá de ombros.

Tenho medo de dar um conselho a Isa e ela berrar comigo ou me despedir na hora. Mas me arrisco assim mesmo.

— Ele não vai desistir. E essas flores são maravilhosas.

Isa suspira ruidosamente. Ela leva muito tempo para responder. Finalmente engole em seco e fala bem baixo:

— Está bem. Deixa eu me trocar.

— Não precisa se trocar — Bernie fala e a pega pela mão, acrescentando: — Eu te levo do jeito que está.

— Você é um nerd.

— Eu sei. Aposto que nunca saiu com um antes, Isa. Vou te dar uma pista: nerds são os melhores maridos.

Isa revira os olhos e olha para mim enquanto Bernie a leva para fora.

— Se quiser vir para falar com Vic esta noite, você pode. Acho que vou chegar tarde.

Mordo o lábio inferior nervosamente enquanto ela me entrega a chave da oficina.

— Tem certeza?

— Porra, se alguém pode desentocá-lo, é você.

— Como sabe disso?

Isa dá uma piscadela.

— Não sei muita coisa, mas sei que você o assusta muito. E ele não tem medo de nada.

Às onze da noite, saio de casa com as palavras de Isa e Alex ecoando na minha cabeça. Meu plano é encontrar Vic e desafiá-lo, não importa como. Vou fazer com que ele veja que está perdendo muita coisa na vida.

Também preciso descobrir se os sentimentos que tenho por ele são reais ou imaginários.

Dirijo até Fairfield, com meu coração acelerado e as minhas mãos trêmulas. Seguro com força a direção para esconder meu nervosismo. Minhas juntas doem porque estou tensa a noite toda.

Estaciono em frente à oficina e entro na garagem escura. Tem uma luz fraca na escada que leva ao apartamento de Isa, que se tornou a caverna de Vic.

Estou pronta para subir, quando uma voz ecoa no escuro.

— Monika?

Viro-me ao escutar a voz de Vic. Ele está encostado no capô de um dos carros.

— Precisamos conversar, Vic.

— Sobre o que quer conversar? — pergunta, se aproximando.

— Sobre uma coisa. Uma coisa muito importante.

— Não vou voltar a Fremont, por isso pode economizar seu fôlego.

— Eu sei. — Olho para ele. — Precisamos ter uma conversa séria.

Estou reunindo forças para ser sincera com Vic sobre tudo. Sempre senti que mantive coisas demais em segredo.

Vou pôr tudo na mesa e dizer a ele como me sinto.

Mesmo que isso o afaste.

## capítulo 45
# VICTOR

A iluminação fraca das lâmpadas de rua passando pelo vidro fosco das janelas da garagem fornece apenas luz suficiente para ver o que Monika está vestindo.

Estou tentando ignorar o fato de que estamos sozinhos. Não tenho a menor ideia da razão que a trouxe aqui ou o que ela deseja. Seja lá o que for, preciso ser frio e distante. Não posso arrastar Monika para minha vida fodida.

Ela vai até uma caminhonete velha e enferrujada em cima de um dos elevadores.

— Estive trabalhando neste carro.

— Legal — digo, olhando para a caminhonete. — Me sinto útil quando posso consertar algo que está quebrado. Tenho certeza de que também se sente assim.

— Falando de coisas quebradas… queria te perguntar uma coisa. Você sabia que Trey estava me traindo?

— Não. Ele não faria isso. — Trey foi fiel a Monika desde o primeiro instante. Porra, quando eles começaram a sair juntos no ano em que ela era caloura, tivemos que criar regras para limitar quantas vezes ele podia falar dela ou dizer seu nome. Jet costumava rir da maneira como ele estava enfeitiçado.

— Então você não o conhecia muito bem.

Ele era o meu melhor amigo. Claro que o conhecia. Há uma fileira de cadeiras na área de espera da oficina. Me sento em uma, estico minhas pernas e observo Monika, com olhos semicerrados, andar pela garagem.

Olhar para ela perto da caminhonete é como ver uma borboleta perto de um sapato velho. Eles não se misturam, mas há algo de belo nos dois. Ela se vira e me pega olhando para ela.

— Seja honesto comigo.

*Honestamente*, quero mantê-la em meus braços.

Mas agora a única coisa honesta que posso dizer é:

— Honestamente, odeio queijo em pedaços, mas não me importo de comê-lo derretido.

Sua boca se retorce num sorriso, e ela concorda.

— Estava falando sobre Trey estar me traindo.

— Não sei nada sobre isso. Estou falando sobre queijo.

A luz ilumina suas mãos, que estão cerradas com força.

— Não quero falar sobre seus estranhos problemas com queijo. Quero falar sobre Trey, porque você e eu não podemos seguir adiante sem você conhecer a verdade. Trey me traía com uma garota chamada Zara Hughes. Você a conhece?

— Zara Hughes?

Ela se estica e respira fundo, como se estivesse se preparando para receber todas as notícias ruins que eu possa dar sobre Zara e Trey.

— Me conta tudo. Não esconda nada.

— Está bem — finalmente falo. — Eu a conheço. Trey mandava muitas mensagens para ela, mas ele disse que eram apenas amigos. Ela frequenta a Fairfield.

— Onde eles se conheceram?

— Não sei. No Lollapalooza, acho.

Ela sacode a cabeça enquanto absorve a informação.

— Ele estava apaixonado por ela, Vic — ela finalmente conta. — Achei fotos dos dois pouco tempo atrás. Ele olhava para ela como… bem, vamos apenas dizer que ele não me olhava assim havia bastante tempo.

Fito a caixa de ferramentas. Porra, não quero que fique analisando a maneira como *eu* olho para ela.

Isso tudo está me deixando confuso. Trey era apaixonado pela Monika. Quero dizer, ele falava da Zara e talvez até saísse às vezes com ela, mas…

Não quero pensar que Trey estava vacilando com a Monika. Como poderia? *Por que* faria isso? Monika era a garota mais leal e dedicada, que dava ao Trey tudo o que um cara pode querer. Ela o apoiava, era engraçada e inteligente, para não falar na beleza.

É o tipo de garota com quem se tem sonhos e fantasias.

— Ele não era perfeito, eu sei — ela sussurra com uma voz sem firmeza nenhuma.

Eu o seguia. Ele tinha a vida que eu queria. Pais que se importavam com ele, um talento esportivo natural e um cérebro que podia ser comparado ao de Einstein. Além disso tudo, tinha a garota perfeita.

— Eu saberia se ele estivesse vacilando com você — digo, confiante. — Não tinha como ele esconder isso de mim.

— Aí que você se engana. — Ela inclina a cabeça para o lado, e um raio de luz brilha em seus olhos curiosos.

Não posso fazer isso. Não aqui, não agora, quando sinto a necessidade de confortá-la.

Seus olhos estão cheios de lágrimas e frustrações. Ah, cara, não dá para ficar assistindo ela desmoronar. Está me matando.

— Nós terminamos antes de ele morrer, Vic. Ele me pediu para guardar segredo até depois da festa.

— Não. — Vou até ela e seguro seu queixo com ternura, fazendo com que olhe para mim. — Trey queria te fazer feliz. Ele te amava.

Sua mão quente e macia segura meu pulso.

— Talvez ele quisesse me fazer feliz, mas não de verdade. Ele teve comigo o relacionamento que achou que eu queria, mas era só aparência. Ele estava me traindo havia muito tempo. Desde o Natal, ou até antes disso.

Disfarço meu conflito interior dando um passo para trás e aumentando a distância entre nós.

— Você não sabe do que está falando, Monika. Trey amava…

— Para! — ela grita. — Trey Matthews não era o santo que todos acham que era. — Ela cerra os punhos. — Ele me manipulou para que pensasse que era leal, mas não era. Ele me fez prometer guardar seus segredos e escondeu algo grande de nós dois. Sim, ele era inteligente e parecia estar bem. Mas era tudo mentira. E agora tenho esses sentimentos por você, e quero libertá-los.

— Meu mundo é um lugar sombrio, Monika. Não quero que entre nele comigo.

— Talvez eu queira. — Seus olhos expressivos brilham de desejo. — Me leve para longe da realidade, Vic. Me faça esquecer que estou me afogando em perguntas, mentiras e decepção.

— Não sou o cara certo para fazer isso. — Estarei envolvido demais na sua beleza e ternura. Não vou querer deixá-la partir.

Ela diminui a distância entre nós.

— Deixa eu fugir e entrar no seu mundo. *Por favor.* Sem drama, prometo.

Porra.

Ela me olha com intensidade, esperando uma resposta.

— Faça amor comigo, Vic. Me mostre que não estou sozinha. Estou tão só...

Quase me acovardo, mas então pigarreio e olho para a pele macia de seu pescoço e para o decote sutil de sua blusa. Eu a quero tanto, por tantas razões... A quem estou enganando? Eu não seria capaz de resistir a ela nunca.

— Tem certeza de que quer isso? — pergunto.

Ela engole em seco e sussurra, quase sem ar:

— Sim.

Caramba, estou tentando manter a calma e fingir que é um favor que estou fazendo a uma amiga. Na verdade, minhas emoções estão totalmente bagunçadas agora.

Vou enchê-la de desejo, amor e carinho hoje.

Só espero conseguir deixá-la partir pela manhã. Ela me pediu uma fuga. Ela não me pediu algo para sempre.

## capítulo 46
# MONIKA

Não posso acreditar que isso vai acontecer. Estou excitada e nervosa, as minhas pernas estão tremendo, mas eu quero isso. Vic é a pessoa perfeita para me abraçar e me fazer sentir que tudo vai dar certo. Sempre me sinto segura quando ele está por perto, e sei que ele não me machucará.

Ele se debruça e fala ao meu ouvido:

— Relaxa e deixa que eu cuide de você.

Com ele tão próximo, posso sentir a eletricidade entre nós.

— Obrigada — respondo, me esforçando para não deixar minha voz vacilar.

Ele afasta o tronco e levanta a sobrancelha.

— Obrigada?

— Quero dizer… não quero te agradecer. O que quis dizer é que é isso que eu quero. — Levo a mão ao rosto. — Sou tão idiota. Não sei o que dizer, Vic. Isso tudo é novidade para mim.

Meu coração dispara quando as mãos dele seguram as minhas. Reparo nos nós esfolados de sua mão pela briga que deve ter tido no Club Mystique naquela noite em que pegou Bonk com a irmã.

Seu olhar desce dos meus olhos para o meu peito, e mais abaixo, me fazendo desejar que estivesse me abraçando, já que meu corpo virou um grande amontoado de nervos. Vic é confiante, e surpreendentemente lindo. Eu sempre soube disso, mas não o via dessa maneira. Agora vejo e me sinto superconsciente do que se passa comigo.

Só a ideia de Vic me tocar de uma forma mais íntima faz meu corpo se entregar à excitação.

Tento manter minha respiração ritmada, porque sei que isso pode significar muito para nós dois se quisermos.

— Vem comigo — ele diz com a voz carregada de desejo.

Meu pulso acelera, e eu paraliso.

— Para onde?

— Você não achou que íamos fazer isso no chão, né?

— Não sei — digo com timidez. — Não tinha pensado nisso.

— É óbvio. Vem — ele diz, pegando minha mão e me levando pela escada para o apartamento de Isa, em cima da garagem.

Não é um lugar grande, mas é bonitinho e aconchegante. Está decorado com quadros de flores numa parede e um monte de fotos de pessoas na outra. Há uma de Vic e Isa na oficina. Ela tem uma chave de boca na mão e a está segurando acima dele, como se fosse bater na cabeça dele. Vic está de braços cruzados sobre o peito largo, sério. Isso é a *cara* dele.

Ele me leva para perto do sofá e me faz ficar de frente para ele. Sua pele bronzeada, sem imperfeições, e seus músculos saltando da camiseta fazem eu me lembrar que ele é um atleta incrível, forte e hábil. Estou ardendo por seu toque, e minha atração por ele é esmagadora.

Será que Vic pode ver que estou mais do que disposta a fugir da realidade com ele?

— Feche os olhos — ele pede com ternura.

Estou tonta, por isso me agarro a ele.

— Você quer tirar um dos meus sentidos?

— Você quer escapar da realidade, não quer? — Sinto o toque leve de suas mãos nos meus pulsos, me acariciando de leve. Minha pele formiga a cada toque, fazendo a dor monótona da minha artrite desaparecer.

Ele deixa meus pulsos e sobe pelos meus braços, ombros, até o pescoço. Seu toque é tão suave quanto uma pena. E, quando seus dedos viajam dos meus lábios para o queixo, descem pelo pescoço e entram pelo decote, meu corpo pega fogo.

— Vic, isso é muito bom.

— Quer que eu continue? — ele pergunta, sussurrando no meu ouvido.

— Sim.

Enquanto seus dedos percorrem a minha pele sensível, sinto aqueles lábios quentes roçar os meus.

— Você quer perder o controle? — ele pergunta, me beijando uma, duas vezes. Quando ponho a língua para fora, procurando a dele, seus lábios não estão ali. Ele se afastou.

É uma tortura.

— Me beije! — ordeno. — Agora, por favor.

— Seja paciente. Não apresse as coisas.

Sinto o toque de seus dedos circulando o meu mamilo por cima da blusa. Sua mão vai para o outro. Paixão, como fogo, arde dentro de mim, e um gemido escapa da minha boca.

— Gosta disso?

— Não vou dizer — respondo, tentando abafar os pequenos gemidos de prazer quando ele roça cada mamilo contraído.

— Seu corpo responde por você — ele diz num tom divertido.

Me beija novamente.

E outra vez.

Dessa vez não consigo evitar. O gemido que escapa ecoa pela sala. Estou feliz que não tenha ninguém lá embaixo, porque tenho certeza de que poderiam me escutar.

Quando a minha língua sai à procura da dele, dessa vez sua boca doce está ali à espera. Nós nos beijamos com profundidade.

— Você tem um gosto bom — ele sussurra contra os meus lábios.

Seus beijos sensuais são intoxicantes, e suas mãos nos meus mamilos, roçando um de cada vez por cima da blusa, me fazem querer mais.

Passo os braços em volta do seu pescoço e o puxo para perto, ele senta no sofá e me mostra como montá-lo.

Sinto seu corpo desconhecido, poderoso e musculoso contra as minhas coxas. Minha cabeça está enevoada de paixão e desejo, mas sei que neste momento só quero estar perto dele e ser abraçada por ele.

Por mais ninguém.

De repente esqueço todos os meus problemas, preocupações e tudo o mais. Pela primeira vez em muito tempo me sinto livre. Quero viver o aqui e o agora, e não pensar no mundo fora deste pequeno apartamento.

Sei que este é o Vic, o cara que queria escapar da vida e fugir para longe. Mas neste momento ele é tudo o que eu quero, tudo de que estava sentindo falta. Quero fugir com ele. Juntos podemos encontrar a paz e ter uma conexão bem real, mesmo que só dure uma noite.

Ele fica quase imóvel, a não ser por sua respiração acelerada. Quero fazer com que perca o controle que ele tanto preza, da mesma forma que estou perdendo o meu. Ponho as mãos em seus ombros, envolvendo-o e sentindo seus músculos enquanto exploro seu corpo com os dedos.

— O que está fazendo? — Sua voz é grave e lenta.

— Assumindo o controle — digo, mexendo os quadris milimetricamente contra ele. Posso sentir o calor de seu corpo através do meu jeans.

Ele geme enquanto sinto que está ficando duro.

— Está acabando comigo.

Me debruço e sussurro no seu ouvido:

— Por quê? Porque tem medo de admitir que gosta disso?

— Não tenho medo de admitir, gata, eu adoro isso. Você está acabando comigo porque estou me segurando.

Posso sentir seu coração batendo forte enquanto rebolo em cima dele, primeiro devagar e depois acelerando o ritmo. É ótimo não pensar em nada além disso.

— Não se segure mais. — Paro de mexer os quadris e passo os dedos nos seus bíceps. — Me toca, Vic. Me faz esquecer de tudo, menos que estou com você aqui.

Ele fica parado como que pensando nisso.

— Eu quero fazer isso. Você não tem a menor ideia do quanto quero fazer isso.

Agarro-o.

— Então não se segura. Não se preocupe, não espero nada depois desta noite. Estamos apenas fugindo da realidade, certo? — Meu corpo desesperadamente anseia por seu toque. Num único movimento, tiro a blusa por cima da cabeça, pego as mãos dele e as coloco em volta da minha cintura.

Debruço de modo que nossos lábios se toquem, porque adoro beijar esse cara. Ele me enfeitiçou, e eu não quero quebrar o encanto.

— Me toque, Victor Salazar.

Ele xinga baixinho, e no momento seguinte suas mãos estão na minha bunda, me puxando para mais perto e imprimindo seu ritmo. Me debruçando, enfio as mãos em seu cabelo abundante e jogo a cabeça para trás.

Sua boca está no meu pescoço, lambendo-o e depois o beijando. Não me lembro de meu corpo jamais ter vibrado de tanta excitação antes, especialmente quando a língua dele escorrega na minha pele quente e vai descendo, mais… e mais.

— Diz pra mim quanto você gosta disso. — Ele fala com a boca contra a minha pele.

Quando sinto a língua dele acompanhar a linha do limite do meu sutiã, começo a ofegar, pedindo mais.

— Eu não quero que pare nunca mais — digo, incitando-o enquanto toca as minhas costas. Com um gesto ágil de seus dedos, meu sutiã é aberto e cai no chão. Ele segura as minhas costas, me dando apoio para que minhas articulações não fiquem sob tensão.

Sua língua passeia até o meu lóbulo, depois desce para lamber as partes do meu corpo que parecem estar em chamas.

Antes que eu perceba, minhas roupas estão no chão ao lado das dele, e estamos nus.

— Olha para mim — ele diz, segurando o meu rosto entre suas mãos. Por um momento juro que posso ver a alma dele através de seus olhos.

A sensação é muito forte. Muito real.

Quero fechar os olhos porque estou me sentindo totalmente indefesa. Emoções que não sabia que existiam ameaçam se liberar através de lágrimas.

Não posso deixar que isso aconteça.

Engulo a onda de emoções que me percorre e desejo que desapareçam para sempre.

— Vamos fazer isso!

Seus lábios encontram os meus. No início são doces e suaves. Minha língua procura a dele, e não consigo

evitar de mover os quadris contra ele, no mesmo ritmo. Ele me beija com determinação e me leva a outro patamar, física e emocionalmente. Nunca senti nada igual. Sua língua úmida desliza contra a minha, e os sons de nossos gemidos se misturam no ar da noite.

Estou totalmente absorta no momento. Estou tonta e ao mesmo tempo com a cabeça leve, mas é uma sensação boa. Me sinto viva. Minhas preocupações e meus problemas parecem ter desaparecido.

— Está tudo bem? Suas articulações aguentam isso?

— Estou bem. Estou ótima — sussurro.

Levanto meu corpo acima do seu e estou pronta para subir mais um nível. Sinto a pressão… não dá mais para voltar atrás.

— Espera — ele fala com a voz tensa. Ele segura a minha cintura e me para. Esticando-se, pega a carteira no bolso traseiro da calça caída no chão. Dentro tem um pacote prateado de camisinha.

— Desculpe, esqueci disso — digo, rezando para que ele não perceba a minha voz trêmula.

— Tudo bem. — Ele me conduz até ele, dessa vez com proteção. — Você é perfeita.

Aperto meu corpo contra o dele enquanto aquelas doces palavras penetram na minha alma.

Me encolho ao tentar me mexer de novo, e ele para.

— O que foi? Estou te machucando?

— Não é nada.

— Não, é, sim. É sua artrite. Você dita o ritmo, linda.

Ele me deixa encontrar um ritmo no qual a dor seja menor, e o prazer cresce logo depois. A boca de Vic está na minha, e suas mãos afagam a minha pele, me deixando louca de paixão. Sua respiração fica entrecortada enquanto se move devagar comigo e acaricia as minhas costas.

Ai, caramba. Eu nunca… ele sabe como lidar com o corpo de uma garota, isso é certo. Posso ver que ele tenta me dar apoio com as mãos de maneira que minhas articulações não doam tanto.

Logo estamos suados e arfantes, e as mãos estão por toda parte enquanto nos movemos de maneira sincrônica pelo que parece uma eternidade. Não quero parar isso nunca.

Não sinto dor. Apenas prazer.

— Estou esperando por você — ele sussurra em uma voz tensa e controlada. — Não se segure agora, linda. Goza comigo.

— Estou com medo, Vic.

Ele entrelaça os dedos nos meus.

— Não tenha medo. Estamos nessa juntos. Você não está sozinha.

Suas palavras acertam o alvo. Não estou sozinha. Ele está aqui. Ele me protegerá, mesmo quando eu esquecer de me proteger. Desisto de me controlar e me entrego.

Vic geme, e posso sentir que se contrai. Olho nos seus olhos. Meu corpo treme descontroladamente enquanto viajo até as estrelas e volto devagar para a Terra.

Uau!

Eu nunca soube que podia ser assim.

Nossa respiração pesada enche o ar.

— Não acredito que fizemos isso — murmuro contra os seus lábios enquanto meu corpo começa a relaxar. — Estou tremendo.

— Eu também. — Ele afasta o cabelo do meu rosto. — Isso foi intenso.

Solto um suspiro de satisfação como resposta.

Depois de ficar em seus braços por alguns minutos, ele se senta.

— Não conta para ninguém, está bem?

— Como assim?

— Não quero que as pessoas fiquem sabendo, só isso.

Meu coração afunda no peito. Não sou uma fofoqueira, mas e se isto não for uma coisa de uma noite só?

Ele me olha de soslaio.

— Tem que ser uma coisa de uma noite.

Aquelas palavras me dilaceram. Me levanto rapidamente.

— Você tinha razão o tempo todo, Vic. Você é um idiota. Não, cuzão te descreve melhor.

Ele joga a mão para cima.

— O que quer que eu diga? A gente não pode ser namorado e namorada.

— Certo. Não quero que diga nada! — exclamo, irritada, enquanto pego a minha bolsa.

— Está bem. Ótimo. — Ele se afasta, como se olhar para mim fosse fazer com que se arrependesse de tudo o que aconteceu esta noite.

— Escuta aqui, Vic, não te pedi para ser meu namorado ou assumir qualquer compromisso comigo, se é o que está te preocupando.

— Não estou preocupado com isso, mas… — Ele se afasta mais, a distância entre a gente aumentando a cada passo. — Não dá para a gente ficar junto. Trey era o meu melhor amigo.

Sinto que vou ficar sem ar.

— E quanto a *eu* ser sua amiga? Trey se foi, Vic. Eu estou aqui. Eu sou sua amiga.

Ele se vira para mim agora, o maxilar e o corpo retesados.

— Não tenho o hábito de transar com minhas amigas. Ou as namoradas dos meus amigos, ou suas ex-namoradas.

— Porque é cheio de moralidade? — reviro meus olhos. — Você não precisava fazer sexo comigo, Vic. Desculpe se te obriguei, erro meu.

Na tentativa de reaver a pouca dignidade que me sobrou, levanto a cabeça bem alto e saio do pequeno apartamento e desço em direção à garagem. Vic luta para vestir seu jeans enquanto me apresso pela oficina, caminhando até a entrada. Estou quase com a mão na maçaneta quando alguém abre a porta e olha com surpresa para mim.

É a Isa.

— Que mer… — ela diz, acendendo a luz e vendo Vic e eu de pé na oficina. Vic ainda está sem camisa, e a calça não está abotoada. Tenho certeza de que pareço alvoroçada. — Vocês quase me mataram do coração, gente.

— Desculpe. Passei aqui porque queria falar com o Vic… e… ah… — gaguejo, procurando as palavras.

— Posso ver. — Ela olha dele para mim. — Está tudo bem com vocês? Ambos parecem putos com o mundo, ou um com o outro. Ou as duas coisas. Vocês podem ficar aqui e acertar as coisas.

— Estou de saída porque Vic não me quer aqui — explico.

— Não é verdade! — ele retruca, a voz tensa e a cara fechada.

Viro-me.

— É, sim. Não minta.

— Então as coisas não estão *nada* bem — diz Isabel. — Por que não nos sentamos todos e conversamos sobre isso, que tal?

— Não há nada para falar a respeito — diz Vic, como se fosse um mártir que sacrificou tudo para me ajudar quando precisei. — Já pedi desculpas por tudo o que aconteceu hoje à noite.

Os olhos de Isabel se arregalam, e sua mão cobre a boca.

— Uau. O que quer dizer com "tudo"? — ela pergunta com a voz abafada.

Vic ignora a pergunta de Isabel. Em vez disso, responde:

— Quero dizer, você me pediu para te abraçar e te ajudar a fugir da realidade. Você disse que seria só desta vez. Que *você* queria…

Isabel vai até Vic e acena diante de seu rosto.

— Ei, Vic. Talvez você devesse calar a boca.

— Não, continua — digo sarcasticamente, desejando estapeá-lo e ir embora. — Você está com tudo. Por que parar?

Ele sacode a cabeça.

— Já acabei.

— Tem certeza? — pergunto.

Ele confirma com a cabeça.

— Tenho.

A última coisa que quero é que Vic tenha pena de mim ou me faça achar que o manipulei para sacaneá-lo. Mas será que fiz isso? Uma onda de pânico toma conta de mim, porque não contei a verdade ao Vic. Não lhe conto que ultimamente quando quero relaxar fico tentada a ligar para ele. Não lhe conto que, quando estou com ele, todo o resto parece perder a importância. Não lhe conto que uma parte de mim se sentiu aliviada quando descobriu sobre Zara Hughes.

Cutuco seu peito.

— Não sou um caso de caridade, Vic. Eu posso fazer tudo sozinha por minha conta e risco de agora em diante.

— Obviamente — ele fala enquanto olha para o meu dedo. — Caramba, era só uma noite. Você mesma disse isso.

— Continue dizendo isso a si mesmo — respondo e saio intempestivamente.

## capítulo 47
# VICTOR

Depois que Monika vai embora, Isa me lança um dos seus olhares estou-chateada-com-você.

— O que foi?

Ela aponta para o barulho do carro da Monika e diz:

— Vai atrás dela.

— Não posso.

— Por que não?

Há tantas razões para eu não ir atrás dela ou atraí-la para cá de novo...

— Ela queria um lance de uma noite, Isa. Uma fuga da realidade. Fui o cara que ela escolheu, mas acabou. Fim de papo.

Isa revira os olhos, sua atitude latina transparece em todos os seus gestos e movimentos do corpo.

— Você é um imbecil, Victor Salazar. Um idiota completo. Você podia escrever um livro sobre isso. O *Guia idiota para ser um idiota*.

Com um grande suspiro e um menear de cabeça, ela começa a subir a escada para o seu apartamento.

— Por que sou um idiota?

— Porque ela precisa de você.

— Ela precisava de um corpo quente, de um cara para abraçá-la e fazer a noite dela. — Até onde sei, ela teria escolhido o Jet se ele estivesse aqui esta noite em vez de mim.

Ela gira sobre os saltos e me empurra o peito com toda a força.

— Ela escolheu você, *pendejo*. Ela não escolheu outro cara. Você é tão tapado que não acredito que tenha um cérebro dentro da cabeça.

— Obrigado.

O que será que devo fazer? Ser o brinquedo da Monika até que ela se canse de mim e escolha outro cara, alguém digno dela, que a faça sentir alguma coisa?

— Volta para casa, Vic. É lá que é seu lugar, né?

— Não. — Eu a sigo para o apartamento. — Não pertenço a Fremont.

— Você podia me enganar.

— Não posso ter Monika na minha cama. Trey saía com ela.

Isa põe as mãos na cabeça.

— Mesmo assim você transou com ela. Vê se entende, ô cabeçudo. — Ela levanta a cabeça. — Trey pode ter saído com ela, mas ele não está mais com ela. O que espera que Monika faça? Lamente pelo resto da vida?

— Não. Vou resolver essa merda sozinho.

— Por quê? Você não está sozinho, Vic, então para de agir como se estivesse.

Agora sei como Monika se sente. Desde a morte de Trey me sinto completamente sozinho. Só não me senti assim quando estava com Monika, discutindo, beijando ou apenas trabalhando a seu lado.

Estou deitado no sofá, uma hora mais tarde, olhando para o teto, quando Isa surge vestida com o camisão que usa para dormir.

— Saí com o Bernie hoje à noite.

— Uau. Mesmo?

— Sim. — Ela respira fundo e senta ao meu lado. — Ele quer que isso dê certo, sabe?

De início não entendo do que ela está falando, mas aí começo a compreender.

— A Oficina do Enrique?

— É. Sei que você sempre quis personalizar os carros que trazem para cá, alguns dos Mustangs ou Cadillacs antigos. Enrique pensava nisso. Nunca te mostrei o depósito lá atrás. Ele tem todas as peças de metal, e estava pensando em expandir quando morreu.

— Você nunca me contou isso.

— Pois é, eu não conto muita coisa para as pessoas. Meio que seguro pra mim mesma. Como você, primo. Bernie tem o dinheiro. Ele quer investir no negócio e crescer. Ele também quer casar comigo.

— Casar com você? O que foi que disse?

— O que acha que eu disse? Disse para ele desaparecer. Ele tomou isso como um sim.

— Você o ama, não é?

Ela confirma com a cabeça enquanto lágrimas surgem nos seus olhos.

— Tenho medo de perdê-lo, porque todo mundo que amei foi arrancado da minha vida. — Nervosamente, ela enrola o cabelo nos dedos. — Sei que você provavelmente quer ir para a universidade e arranjar um diploma bacana, mas talvez pudesse tentar isso com a gente. — Ela limpa a garganta quando sua voz falha. — Não quero perder este lugar, Vic. Você pode voltar para a escola e trabalhar nos finais de semana até se formar.

Não lhe conto a verdade, que provavelmente não iria para a universidade mesmo. Não sou bom, nem inteligente o suficiente para o estudo. Mas isso… é a oportunidade de fazer algo em que sou bom.

— Você não devia acreditar tanto em mim — digo a ela. — O que quer que eu faça, acaba sempre dando errado.

— Eu sei. — Ela me dá uns tapinhas na perna. — Mas está na hora de mudar isso, porque você está começando a me irritar de verdade. Dá um jeito na sua vida, Vic. Aí você e o Bernie podem ajudar a dar um jeito na minha.

— E se eu não puder dar um jeito na minha?

Ela me lança um de seus olhares sérios.

— Então você é mais idiota do que pensei.

## capítulo 48
# MONIKA

— Em que está pensando, Monika? Fala pra gente.

Estou sentada no consultório do dr. Singer, olhando a minha mãe secar os olhos com um lenço de papel. Meus pais me pegaram na escola quando descobriram que fiquei fora até tarde ontem. Não disse a eles onde estava.

Mamãe acaba de falar para o terapeuta que ela se preocupa comigo. Papai a abraça, confortando-a, e me olha como se eu fosse de louça.

— Estou bem — digo a eles, desejando desviar sua atenção de mim. — De verdade.

O dr. Singer alisa o queixo, avaliando minhas palavras em seu cérebro intelectual.

— *Bem* é uma palavra vaga e pouco descritiva, Monika. Pode dar mais detalhes?

— Não.

— Você sabe que estaremos sempre do seu lado — interrompe papai.

— Eu sei.

— Você não se abre, Monika — diz mamãe, seu cabelo escuro e brilhante refletindo a luz do abajur do dr. Singer. — Se não sabemos como você está, nos sentimos perdidos. E aí você foge tarde da noite e não nos diz onde esteve. É preocupante. Especialmente em seu *estado*.

Eles não querem que eu diga que estou bem, mas isso descreve com perfeição o meu estado. Não estou ótima e não estou mal. Estou bem.

— O que mais quer que eu diga? Que andei deprimida? Sim. Que choro às vezes? Sim. Que meu corpo dói na maior parte dos dias? Claro. — Me endireito no sofá de couro. — Se não me abro mais, é porque não consigo. Pelo menos por enquanto.

— Só queremos ver você feliz — papai rapidamente enfatiza.

Mamãe seca os olhos úmidos, agora cheios de lágrimas.

— Você trancou as coisas dentro de você e se isolou.

— Fui ao Club Mystique com Ash e Bree, lembra?

— Foi um bom início — diz papai. — Sair e fazer coisas que gosta de fazer. Trey ia querer que fizesse isso, querida.

Olho o relógio digital na mesa do dr. Singer. Só mais quatro minutos para a sessão terminar. Não sei se irei à Oficina do Enrique mais tarde. Não quero encontrar o Vic depois do que aconteceu ontem.

Ele disse que ele foi meu caso de uma noite só.

A verdade é que ele é meu melhor amigo.

— A cura é um processo, Monika — diz o dr. Singer. — E cada um se expressa de maneira diferente. — Ele pega um folheto pequeno. — Seus pais e eu achamos que seria bom para você participar de um grupo de apoio que é dedicado a adolescentes que perderam alguém que amavam.

Mamãe, entre lágrimas, dá sinais de concordar. Odeio vê-la assim. É como se ela estivesse magoada e eu culpada por parte de sua infelicidade.

— É no Hospital Glenbrook, no centro de atendimento externo. Pode ser que você goste de partilhar sua experiência com adolescentes que estejam lidando com os mesmos sentimentos que você.

Eu não preciso disso. Não quero. Mas acabo pegando o folheto para deixar todos felizes.

— Vou dar uma olhada.

O dr. Singer sorri.

Papai fica orgulhoso.

Mamãe funga algumas vezes e segura a minha mão e a aperta.

— Você é uma garota incrível, Monika — diz papai. — E nós te amamos. Lembre-se disso sempre. Você é uma sobrevivente.

Não sinto que esteja sobrevivendo neste instante. Acho que estou mantendo apenas a cabeça acima da água e posso afundar a qualquer instante.

Olho para o folheto do grupo de apoio. Tenho vontade de rasgá-lo ali na frente deles, mas em vez disso o dobro e o enfio no bolso do meu jeans.

Este é o meu castigo por guardar segredos… e farei o que quiserem para que fiquem menos preocupados, mesmo que me deixe muito infeliz.

## capítulo 49
# VICTOR

Achar a Monika não é fácil, especialmente quando ela não responde a meus telefonemas nem a minhas mensagens. Não venho a Fremont há semanas.

Posso sentir que as veias do meu pescoço se tencionam enquanto dirijo através da cidade no velho gt que a Isa me emprestou.

Não é todo dia que dirijo até a casa de Monika. Sei que a mãe dela acha que sou um bandido e não aguenta nem me ver. Normalmente isso me manteria afastado, mas não sou mais a mesma pessoa.

Estou decidido a ver a única garota que me faz sentir feliz por estar vivo.

Toco a campainha. Ninguém atende.

Merda.

Vou até a casa da Ashtyn. Talvez ela saiba aonde Monika foi.

A irmã de Ashtyn, bem bronzeada, atende a porta só de biquíni.

— A Ash está?

— Não. Acho que está num treino de futebol ou algo do tipo — diz e sopra as unhas para secar o esmalte recém-aplicado.

— Obrigado. Se encontrá-la, pode dizer que passei por aqui?

Não tenho ideia para onde ir em seguida, até passar pela delegacia em frente ao Hospital Glenbrook.

Nunca vim aqui antes… por vontade própria.

A entrada da delegacia é pequena, com fotos dos policiais nas paredes. Heróis, eles os intitulam. Queria ser um herói. Porra, não sou ninguém.

Isso não é bem verdade. Sou o cara que se mete em brigas e mata o amigo no campo de futebol.

— Posso te ajudar? — o cara da recepção me pergunta.

— É, hã… — Pigarreio. — Posso falar com o policial Stone?

O cara que me prendeu depois de brigar com Bonk aparece em seguida.

— Victor Salazar, não esperava vê-lo por aqui.

Pode apostar. *Nem eu*, gostaria de dizer.

— Preciso falar com você. — Olho em volta e acrescento: — Em particular.

Ele dá sinais de que entendeu e me leva para os fundos. Conheço o lugar como a palma da minha mão, já estive inclusive na sala de interrogatórios, para onde ele está me conduzindo.

— Fez um bom trabalho ao sumir depois do incidente com Trey Matthews em Fremont High — ele diz enquanto me instalo em uma das cadeiras. — Temos procurado por você, especialmente depois que o treinador Dieter deu queixa do seu desaparecimento.

— O treinador Dieter deu queixa do meu desaparecimento?

Ele confirma.

— Sim. Ele está preocupado com sua segurança e seu bem-estar. — Ele dá de ombros. — Mas você não é mais um menor, Victor. Tem dezoito anos, então, se quiser se esconder ou desaparecer, é sua prerrogativa.

— Espera, estou confuso. — Sacudo a cabeça. — Não vai me interrogar nem me prender?

— Pelo quê? — ele pergunta com as sobrancelhas arqueadas.

É difícil dizer as palavras, porque tem um nó na minha garganta e estou tenso demais.

— Eu matei meu melhor amigo.

— Todos os relatórios, da equipe técnica até os jogadores e a equipe médica, indicam que foi um acidente. Acredite em mim, Victor, se suspeitássemos de sua participação, você teria sido detido no instante em que entrou aqui. — Stone se encosta na cadeira. — Se estiver vivenciando alguma ansiedade por causa da morte de Trey Matthews, tem um grupo de apoio no hospital do outro lado…

— Estou bem. — Não preciso de terapia em grupo.

— Victor, fugir não resolve nada. Espere aqui. — Ele me deixa na sala de cimento frio e volta alguns minutos depois. — Esta é a carta que Dieter nos mandou depois do incidente.

Diz assim:

A quem possa interessar,

Perdi um de meus jogadores na semana passada. Trey Matthews era um jogador exemplar, um garoto inteligente com um futuro brilhante pela frente. Nunca perdi um jogador em todos os meus anos como treinador, e foi uma experiência difícil. A inteligência e o espírito de Trey farão sempre parte do time, não importa se ele esteja conosco fisicamente ou não.

Também perdi um segundo jogador na semana passada: Victor Salazar. Era um jovem com um espírito combativo, que vi em poucos jogadores ao longo dos anos. Ele era um leão, pronto para atacar ao menor movimento dos times adversários. Constantemente tinha que lhe pôr rédeas devido ao seu instinto inato de proteger seus colegas de equipe. Mas a verdade é que eu admirava esse jovem. Eu queria ter tido a mesma garra quando tinha a idade dele. Ele era um líder para este time, e, sem ele, temo que meus jogadores estejam perdidos. Victor desapareceu no dia em que Trey Matthews morreu, e uma parte de mim foi com os meus jogadores.

Por favor, não parem de procurar Victor Salazar. Ele é parte da Fremont High, parte do meu time, parte da minha vida.

Atenciosamente,
Dieter,
Técnico de futebol
Fremont High

— Victor, você está bem?

Olho para a carta. Nunca imaginei que alguém escreveria algo assim a meu respeito, muito menos o Dieter, o técnico durão que não deixa transparecer suas emoções.

— Sim — digo, limpando a garganta. — Estou bem.

— Mais alguma coisa que eu possa fazer por você?

Devolvo o bilhete de Dieter para ele e respondo:

— Não.

— Então está liberado.

Estou quase saindo pela porta da frente da delegacia quando ouço a voz de Stone chamando:

— Victor!

Eu me viro.

— Sim?

Ele me entrega um folheto.

— É sobre o grupo de apoio para adolescentes. Você talvez queira dar uma olhada.

Depois que ele se vai, olho para o folheto. *Adolescentes ajudando adolescentes.*

Enfio o folheto no bolso de trás e saio para o estacionamento. Não preciso me juntar a um grupo de garotos que só ficam sentados sentindo pena de si mesmos.

Mas, ao sentar no carro e pensar no que aconteceu na minha vida, a verdade me atinge.

Eu sinto pena de mim mesmo.

Caralho.

## capítulo 50
# MONIKA

Entro no hospital, no setor de ambulatório. A recepcionista me indica o caminho para o grupo de apoio de adolescentes.

Entro numa sala pequena de paredes brancas. Uma dúzia de cadeiras cinza formam um círculo no centro. Dois caras da minha idade já estão sentados. Um tem cabelo louro até o ombro, está vestindo uma camiseta de uma banda e usa um jeans rasgado. O outro tem cabelo curto e vermelho e sardas no nariz e nos braços. Só tem mais uma garota na sala. Ela tem cabelo curto repicado e enormes brincos de argolas. Não sei se ela faz parte do grupo porque está em pé junto à janela, do outro lado da sala, olhando para o estacionamento.

Uma mulher aparentando trinta anos entra na sala. Ela tem um sorriso cativante e carrega um monte de papéis.

— Fico feliz que tenhamos um bom resultado — diz ao se sentar e largar suas coisas na cadeira vazia ao lado. Só consigo pensar que, se a mulher acha que ter quatro pessoas presentes é um bom resultado, ela deve ser a pessoa mais otimista do mundo.

A mulher sinaliza para que eu me sente.

— Sejam todos bem-vindos ao grupo de apoio para adolescentes. — Ela olha o relógio. — Parece que está na hora de começar. Que tal se cada um se apresentar e seguirmos daí? Parece uma boa ideia?

Ninguém responde.

— Eu começo — diz, sem se abalar com a galera pouco participativa. — Me chamo Wendy Kane e sou responsável pelo grupo de apoio para adolescentes aqui no hospital. Tenho dois filhos, dois cachorros e um marido.

Acho que ela esperava um risinho pelo comentário sobre "um marido", mas tudo o que recebe são olhares vazios.

— Eu continuo — diz o rapaz com a camiseta da banda. Ele ajeita o cabelo para trás e se endireita, como se fosse atuar. — Me chamo Brian. É tudo.

Brian senta novamente, encerrando sua apresentação.

— Eu sou o… hã… sou o Perry — o ruivo fala nervosamente. — Eu… hã… estou aqui porque meu pai meio que se suicidou seis meses atrás.

— *Meio o quê?* — Brian o desafia. — Como é que uma pessoa *meio que* se suicida?

— Não "meio que" — Perry explica. — Eu quis dizer… que ele se suicidou.

— Isso. — Brian parece feliz por ter desafiado o pobre coitado.

— Deixa ele em paz — digo, encarando Brian.

Wendy bate palmas duas vezes, chamando a nossa atenção.

— Vamos continuar com as apresentações? — Wendy olha para a garota na janela. — Hailey, você gostaria de se apresentar?

— Você acaba de fazer isso — ela diz, olhando para fora.

— Adoraríamos que você viesse sentar conosco no círculo. Você gostaria de vir se sentar? — Wendy pergunta.

— Não.

Wendy se vira para mim com uma expressão esperançosa.

— E você? Gostaria de se apresentar?

— Me chamo Monika. — E, porque ela obviamente quer que eu diga mais alguma coisa, acrescento: — Meu ex-namorado morreu. — Não acrescento que Vic não quer mais ser parte da minha vida. Do que adiantaria? Esse não é o motivo da minha presença. Estou aqui para falar sobre o meu sofrimento por ter perdido alguém que eu amava. O problema é que também perdi Vic, e isso está me matando. — Meus pais acharam que seria bom eu vir, por isso estou aqui.

— Então vai para casa — diz Brian, zombando.

Perry, que estava totalmente concentrado no chão, levanta a cabeça.

— Acho que todos estamos aqui porque nossos pais nos fizeram vir, não porque nenhum de nós quisesse estar aqui.

Brian estica as pernas e cruza os braços no peito.

— Ninguém me obriga a fazer nada. Nem meus pais, nem ninguém.

Hailey bufa alto, ainda perto da janela:

— Ah, tá bom!

— Você não me conhece — Brian diz a ela.

Wendy pega um pedaço de papel do seu arsenal de material.

— Tenho um jogo para todos nós.

— Eu não jogo — Hailey resmunga. — Não conte comigo.

— Que tipo de jogo? — pergunta Perry, hesitante.

Wendy se mexe animada na cadeira, embora eu tenha certeza de que ela não está nada entusiasmada com este grupo desanimado.

— É um jogo do tipo de preencher a lacuna. — Quando ninguém responde, ela continua: — Monika, você pode começar. — Ela lê um pedaço de papel. — Monika, preencha a lacuna. Quando estou triste eu…

— Gosto de ficar sozinha — completo.

— Que patético — Brian comenta.

— Não há respostas erradas, Brian — Wendy informa.

O resto do tempo é mais ou menos a mesma coisa. Tenho pena da Wendy. Mas ela não parece abalada com a falta de interesse dos outros.

Ao terminar a hora, estou levantando quando alguém entra pela porta.

Prendo a respiração.

É o Vic, usando jeans e camiseta como se tivesse vindo do trabalho na oficina.

— Oi — diz, vidrado em mim.

— Olá. Você está aqui para o grupo de apoio? — Wendy pergunta.

Ele olha para as outras pessoas no grupo e responde:

— Acho que sim.

— Bem, você está um pouco atrasado, mané — Brian diz, batendo no mostrador do relógio. — Acabou.

Vejo Vic se enrijecer quando Brian o chama de mané, mas ele não diz nada.

— Não se esqueçam de que nos encontramos outra vez na semana que vem — Wendy faz questão de frisar. — Você precisa de um folheto do programa? Detalha todos os benefícios de partilhar sua dor com seus pares.

— Já tenho um — Vic responde.

Não faço a menor ideia de por que ele está aqui, mas não pergunto. Ele pode estar aqui se quiser. Vou ignorá-lo.

Acompanho os outros até a saída, passando por Vic ao fazer isso.

— Podemos conversar? — ele pergunta, me seguindo.

Levanto o queixo bem alto.

— Eu não tenho nada para te dizer.

— Não vá embora.

— Por que não, Vic? Você fez o mesmo.

— Bem, não mais.

Continuo a andar na direção do meu carro. Vic está logo atrás. Posso sentir a eletricidade no ar entre nós.

— Não quero falar com você.

— Por quê? Porque você não quer ouvir a verdade? Você é muito boa em guardar segredos, Monika. Boa demais. Pare de se esconder atrás dos seus medos e seja honesta comigo. Quero ter certeza de que você ficou bem com a história daquela noite. — Ele pigarreia. — Eu fui meio babaca, e, bem, é que eu não estava preparado para o que aconteceu. E, porra, talvez a coisa toda tenha sido real demais. Mas eu quero falar sobre isso.

— Eu não quero falar sobre isso. Está tudo bem — respondo, enquanto um nó se forma na minha garganta. Quero gritar a verdade, que me apaixonei loucamente por ele. Que, quando me entreguei fisicamente a ele, também lhe dei meu coração.

Mas sou muito covarde para dizer a ele que o amo.

— Tem certeza? — ele pergunta.

— Não foi nada de mais.

A verdade é que *foi*. Eu queria ser abraçada e ouvir que alguém gostava de mim. Talvez até quisesse que alguém dissesse que me amava. Eu já devia ter superado isso, mas tenho sido uma ruína emocional desde então.

— Andei pensando muito e peço desculpas. Você merecia algo melhor.

— Desculpas aceitas — respondo, meus lábios tensos formando uma linha. Preciso me proteger da dor que estou sentindo. Talvez, se mentir para ele, a dor no meu coração desapareça num passe de mágica. — Agora vai embora. Não quero ter nada com você.

Ele enfia a mão nos bolsos e se afasta.

— Você realmente quer dizer isso? Porque eu tenho muitas outras coisas para te dizer.

Não.

— Sim, eu quero dizer isso mesmo. Me deixa em paz. — Tenho um medo terrível de que ele diga que tudo o que aconteceu entre nós foi um erro. Não vou aguentar ouvir isso agora.

— Está certo. Entendi. — Ele dá mais um passo para trás. — Tchau, Monika. Nunca mais vou te incomodar.

Engulo o nó na garganta e digo:

— Ótimo.

## capítulo 51
# VICTOR

— Você sabe que são quatro e meia da manhã? — Isa pergunta ao descer de pijama e me encontrar trabalhando nos carros.

— Sei.

— Por quê? Ouvi um barulho aqui embaixo e imaginei que fosse você. Você tem um jeito único de não ser silencioso quando trabalha nos carros. Principalmente por causa da música que escuta, Vic. É alta.

— Ela me dá ânimo.

— Dá para você ir dormir agora e ficar animado às sete? Ou mesmo às seis?

— Não. Estou no maior pique agora.

Ela sacode o indicador para mim.

— Leva seu pique para outro lugar até as sete.

— Temos um negócio, Isa. Se vamos expandir, precisamos dar conta das coisas.

Ela pisca, atônita.

— Quem é você, e o que fez com o meu primo Vic?

— Muito engraçada.

— Por que de repente se tornou um cara batalhador? — ela pergunta, mas logo sacode a cabeça como se começasse a entender. — É por causa da Monika, não é?

— Não sei do que você está falando.

— Vou fazer de conta que acredito em você. Fingir tem sido constante na minha vida ultimamente. — Ela começa a subir a escada de volta. — Quer um pouco de café?

— Não. — Limpo a mão na estopa. — Vou conversar com o técnico Dieter. E com algumas outras pessoas.

— Tudo bem, e eu vou voltar para a cama.

— Levanta e vê se mantém esta oficina funcionando.

— Nem pensar. Preciso do meu sono de beleza. — Ela se vira e, antes de entrar em casa, comenta: — Para falar a verdade, estou contente que tenha saído do inferno em que estava vivendo.

— É. Eu também.

Fugir de Fremont por causa da morte de Trey não ajudou ninguém, nem a mim mesmo.

Está na hora de consertar tudo, ainda que signifique enfiar o rabo entre as pernas. Antes de consertar as coisas com Monika, preciso consertar a mim mesmo.

E voltar para casa é a única maneira de fazer isso.

Quando caminho para a Fremont High às seis, me sinto como um estranho. Estive fora por semanas, mas parece uma eternidade. Olhar para o campo me faz ter comichões de vestir o uniforme e jogar.

Sabia que Dieter estaria aqui cedo, como sempre.

— Oi, treinador — digo ao bater na porta aberta de seu escritório.

Ele baixa os papéis que tem nas mãos e olha para mim como se estivesse vendo um fantasma.

Não diz nada, então entro no escritório.

— Queria falar com você. — Lembro daquele dia no campo, o dia em que meu melhor amigo morreu. — Eu, hã…

Lágrimas começam a se formar nos meus olhos. Merda.

Passo as costas das mãos para secá-las.

— Senta aí, Vic. — Ele se levanta e fecha a porta.

Quando volta à sua cadeira, digo o que vim dizer. É bem difícil falar.

— Eu sinto muito pelo que fiz a Trey. Estou tão arrependido. Eu… eu… eu não pretendia te deixar na mão, treinador. Se não tivesse ido atrás dele com tudo, ele ainda estaria vivo. Estraguei tudo e acabei com o time.

Minhas lágrimas correm agora.

Não consigo evitar.

Esse homem na minha frente tem sido mais pai para mim que o meu próprio pai. Quando precisei me sentir querido, por mais de três anos, ele me tratou sem me insultar ou me humilhar.

— Olha para mim, Victor.

Olho. Faria qualquer coisa por esse homem, que abre mão de tanta coisa na vida por seus jogadores.

— Não foi sua culpa — diz, cheio de compaixão. — Trey morreu de um ataque cardíaco.

— Se não fosse por eu ter vindo com tanta força… — Minha voz esmorece, porque não quero dizer isso em voz alta.

— Vic, me escuta e presta atenção, porque só vou dizer isso uma vez. Trey morreu devido às escolhas que fez. Escolhas ruins. Não posso entrar em detalhes, porque é confidencial e Trey ainda era menor. — Ele me encara. — Mas ele teria morrido quer você o atingisse ou não. Você está entendendo o que estou te dizendo, filho?

Suas palavras vão penetrando na minha mente. Trey estava tomando algum tipo de droga e seu corpo não aguentou. Sei que outros caras falam disso em outras escolas, mas nem em um milhão de anos pensei que meu melhor amigo embarcaria nessa. Monika estava certa. Trey tinha segredos até para mim.

Faço que sim.

— Sim, senhor. Entendi.

O barulho dos jogadores chegando ao vestiário ecoa pelas paredes.

— Preciso começar o treino. — Dieter estende a mão para me cumprimentar. — É bom vê-lo novamente, Victor. Estou contente que tenha vindo, e se precisar de alguma coisa me procure. Não faça cerimônias.

Ele está me dispensando.

— Estou voltando para a escola.

— Isso é uma ótima notícia. Fico feliz em saber.

Sua mão ainda está esticada, esperando que o cumprimente. Não o faço.

— Quero jogar de novo, treinador. Quero provar a você e aos meus colegas de equipe que não os abandonei.

Ele esfrega o queixo.

— Você se atrasou na escola, Vic. Não sei se a administração vai deixá-lo jogar. Além disso, estamos numa maré de azar. Você talvez não queira jogar mais para mim.

Com energia renovada, me levanto.

— Vou jogar para você, treinador, mesmo que tenha que sair na porrada com todo mundo na administração. — Quando ele ergue a sobrancelha, eu acrescento: — É brincadeira. Vou fazer isso acontecer. Prometo. Vamos ganhar o estadual. Prometo, treinador. Posso ajudar o time. Sei disso.

Cumprimento Dieter vigorosamente, notando o sorriso triunfante em seu rosto.

— Bem-vindo de volta, Salazar.

## capítulo 52
# MONIKA

Vic diz que eu guardo segredos demais. Escondo quem realmente sou de todos, até das minhas melhores amigas.

Estou deitada olhando para o teto, imaginando quantos outros adolescentes são como eu. Escondo as coisas para me proteger.

Não quero mais me esconder. Talvez se sentir vulnerável, como me senti quando estava com Vic na outra noite, devia ser o certo. Ser vulnerável me fez me abrir e ser real. Não quero mais me esconder atrás de segredos, sejam eles de Trey, meus ou do Vic.

Respiro fundo. Sento em frente ao computador e ligo a câmera, e começo a gravar.

— Oi, meu nome é Monika e tenho artrite juvenil. — Respiro devagar e continuo, porque não vou fingir que isso não me incomoda ou que não afeta a minha vida. Serei real e vulnerável e verdadeira comigo mesma. — Na maioria dos dias tenho dores nos pulsos e nos joelhos — digo para a câmera. — Algumas vezes as minhas costas doem tanto que tenho que me deitar até a dor passar. Me sinto como uma velhinha, e só tenho dezoito anos. Não contei a meus amigos porque não quero que me tratem de forma diferente. Eu tremo só de ouvir a palavra *deficiente*. Não quero que as pessoas pensem que não posso fazer as coisas que elas fazem e me excluam, por isso me tornei animadora de torcida. Levei meu corpo até o limite para esconder a dor interior. Mas escondê-la não a fez ir embora. O medo de todos pensarem que eu era deficiente se soubessem me fez guardar esse segredo. Mas agora alguém, por quem me apaixonei, me disse que devia parar de esconder o meu verdadeiro eu. Ele está certo. É hora de parar de fingir e contar a minha história. Não sei se isso vai ajudar outras pessoas com artrite juvenil ou apenas dar um rosto à doença. Mas esta é a minha vida.

Uma lágrima surge no meu olho. Eu a seco e continuo com a minha história, e a posto na internet para que todos vejam.

Envio então uma mensagem para Vic:

**Eu:** Preciso te mostrar uma coisa.

Mando o link para o vídeo.

E adormeço olhando minhas mensagens, esperando por uma resposta.

## capítulo 53
# VICTOR

Família. *Família*.

A palavra usada para conjurar tantos sentimentos ruins. Odeio essa palavra. Família significa estar ligado a pessoas, quer goste delas ou não. Família significa tentar provar que tem valor, mesmo que tudo o que consiga seja um tapa ou um insulto que vai doer ainda mais.

Eu nunca pensei nos meus amigos como extensão da minha família. Eles são as pessoas que se importam comigo, quer eu esteja ou não no time de futebol. Seja eu inteligente ou burro, ou se faço coisas erradas que me metem em problemas.

É incondicional.

Por isso vou para casa ao sair da escola.

Marissa pula nos meus braços como se eu fosse um cachorro perdido que acabou de voltar. Não está longe da verdade.

— Estou tão feliz que voltou! — ela grita. — Ou está aqui só de passagem?

— Estou de volta — digo a ela.

— E o papai? E se ele disser que não pode voltar?

— Deixa que eu lido com ele, está bem? Não se preocupe com ele.

Dani revira os olhos. Está sentada no sofá assistindo a algum programa de joias na tv.

— Puxa, as coisas estavam ótimas enquanto esteve fora, Vic. Papai não liga para a gente, que é como nós gostamos. Volta para onde estava.

— Ela não quer dizer isso — diz Marissa.

— Quero, sim!

Acabo de perceber que Dani é minha versão feminina. Uma rebelde. Ela vai fazer um inferno, mas não se eu puder evitar.

Dani recebe uma mensagem.

— Saindo.

— Aonde estamos indo? — pergunto a ela.

— *Nós* não vamos a lugar nenhum. — Ela pega a bolsa e se dirige para a porta da rua. — *Eu* tenho um encontro.

— Com o Bonk?

— Sim. Ah, é, você não estava por aqui, então não sabe das novidades. Matthew Bonk é oficialmente meu namorado.

Merda.

Estive fora por algumas semanas e volto para descobrir que minha irmã está namorando com o diabo. Ela sai pela porta, mas vou atrás e entro no banco de trás do carro de Bonk enquanto ela entra no da frente.

— O que está fazendo no meu carro, cara? — pergunta Bonk. — Pensei que tinha morrido. Ou pelo menos era o que a gente esperava.

Lanço um olhar cínico para ele.

— Estou de volta. E, antes de pensar que vai encontrar a minha irmã sozinha outra vez, adivinha, sou seu acompanhante.

Dani se vira e me encara.

— Sai do carro agora, Vic!

— Não. — Chego para a frente e os abraço. — Sou o irmão da Dani. Você sai com ela, e vai ter que me aguentar respirando no seu cangote o tempo todo, cara.

— Você é maluco — diz Bonk. — Escuta, cara. Eu gosto da sua irmã. Pra caramba.

Dani sorri para ele, um sorriso genuíno que abranda suas feições.

— Também gosto de você, muito.

Droga.

— Parece então que vamos passar muito tempo juntos — me recosto no banco. — Onde vamos jantar? Convida a Marissa para vir aqui também. Será um passeio em família.

— Ah, droga — diz Bonk.

É isso aí.

## capítulo 54
# MONIKA

— Você viu o Vic? — Bree me pergunta quando vou até o meu armário de manhã.

Ao ouvir seu nome, meu coração dá um pulo.

— Não. Onde ele está?

— Bem ali — diz Bree, apontando para o corredor.

Vic está em pé com Jet e Derek. Ele parece confiante como sempre, exceto pelo cavanhaque escuro que cresce em seu queixo, fazendo-o parecer mais maduro e masculino.

Vic e os rapazes parecem estar tendo uma conversa séria. Bem, Derek e Vic parecem estar tendo uma conversa séria. Jet não sabe como ser sério, por isso imagino que ele esteja fazendo graça para evitar ser qualquer coisa diferente de seu jeito alegre e animado.

Os rapazes se viram e nos observam.

— Ei, olha quem voltou! — anuncia Jet todo animado.

Vic parece surpreso que Jet esteja genuinamente contente em vê-lo. Derek, que só conhece Vic há poucos meses, porque veio transferido da Califórnia, dá um tapinha nas costas de Vic. Dá para ver que ambos se respeitam.

Com passadas largas, Vic vem até a gente.

— Oi — fala como se não nos visse há algum tempo.

— Oi — respondo, nervosa.

Ashtyn, que acaba de chegar com o queixo caído de surpresa, dá um grande abraço em Vic.

— Que saudade!

— Senti saudade de vocês também — diz Vic. — Mas, escuta, se o time não der uma melhorada, não volto pro futebol.

Ashtyn e os rapazes estão surpresos.

— Vai voltar a jogar? Conosco?

— Falei com a Finnigan. Ela disse que desde que eu prometa vir à escola todos os dias, sem faltas, ela vai me deixar jogar.

— Onde esteve esse tempo todo? — pergunta a Bree.

— É — reforça Jet. — Achamos que tinha sumido da Terra. Derek e eu deixamos recados no seu celular todos os dias. Monika nos falou que você apareceria quando estivesse pronto. Para ser franco, cara, já foi difícil perder o Trey. Perder você fez tudo ficar bem pior. A verdade é que precisamos de sua cara feia conosco, Vic.

— Estava meio que me escondendo. Mas estou de volta.

Ele olha para mim por um segundo, aqueles abismos cor de chocolate revelando tanto de seus conflitos interiores. Estou feliz que esteja aqui, mesmo que meu vídeo não tenha significado nada para ele.

— Nada de se esconder de novo, cara — diz Derek. — Me promete que vem falar comigo quando quiser se esconder de novo.

Vic está surpreso que queiramos participar de sua vida, mesmo que não seja um mar de rosas.

— Por que se importam tanto?

— Dã! — responde Ashtyn. — Porque somos a sua família.

Vic sorri como um garoto que ganha seu primeiro sorvete de casquinha.

— Obrigado. Significa muito para mim.

O primeiro sinal toca, avisando que temos cinco minutos para chegar na sala. Todos se dispersam, deixando Vic e eu nos olhando no meio do corredor.

— Recebeu minha mensagem ontem à noite?

Ele faz que sim.

— Recebi.

Ele claramente não entendeu que eu fiz isso para lhe mostrar que estava mudando. Que declarei meu amor por ele.

— Eu, hã… preciso te contar uma coisa. Trey estava usando drogas, Vic. Ele me pediu para deixá-lo em paz, e foi o que fiz. Se você acha que não me sinto culpada, está errado. Me sinto culpada a cada minuto, todos os dias. — Seco uma lágrima e rezo para permanecer forte. — Você não foi responsável pela morte dele, Vic. Se alguém é responsável, sou eu, que não contei nada a ninguém. — Sinto um enorme peso sair do meu peito.

Olho para ele, esperando ver algum sinal de carinho ou perdão.

Em vez disso, Vic tem um ar conformado.

— Olha, Monika, tenho que ir — diz, obviamente preocupado.

— Claro, sem problemas.

Ele corre pelo corredor, e o meu coração se despedaça.

A sala do sr. Miller enche rápido. Nosso professor está sentado na ponta da mesa quando o último sinal toca.

Vic está atrasado.

Posso escutar as pessoas cochichando sobre a volta dele. Penso por um instante se ele está matando aula, preferindo evitar o sr. Miller e seus sermões.

— Certo, turma — O sr. Miller olha para a mesa do Vic. — Me disseram que teríamos de volta o nosso estudante ausente, mas obviamente isso não…

O alto-falante apita duas vezes, informando que será feito um aviso.

— Ei, Rebeldes, é seu rebelde favorito, Victor Salazar.

Uma corrente de excitação percorre nossa sala. Todos querem saber o que Vic vai dizer. Ele nunca foi de falar muito, preferindo usar os punhos em vez de palavras.

— Eu, hã… passei por uma fase muito difícil quando Trey Matthews morreu em campo depois que eu o derrubei — diz Vic, sua voz suave e sincera. — Ele era meu melhor amigo. Me senti culpado e queria ter trocado de lugar com ele. É que me disseram desde pequeno que eu não valia nada. Fui humilhado tantas vezes e chamado de estúpido que comecei a acreditar nisso. Trey Matthews merecia viver. Eu, não. — A voz começa a tremer. — Continuei deixando um monte de gente na mão, mas ontem à noite uma garota incrível me fez entender que tenho valor e posso consertar os erros que cometi. Só queria dizer a ela que sinto muito por tê-la magoado, e que vou passar o resto da minha vida tentando compensar isso. Eu a amo demais. Ela me desafia a ser uma pessoa melhor e quebra as minhas defesas. Sinto muito por ter deixado meus colegas de time na mão. Vou me dedicar a ajudá-los a ganhar o estadual. E, sr. Miller, espero que me dê um dez naquele dever que nos passou para que fizéssemos algo fora do comum para surpreender as pessoas. Espero que tenha se orgulhado disso.

Ponho as mãos sobre o coração, que bate loucamente, e saio correndo da sala para procurar o Vic. Ele está na sala de Finnigan. Ela está de pé junto dele com um sorriso alegre no rosto.

— Bom trabalho, sr. Salazar — ela diz quando ele desliga o microfone.

— Vic — digo com lágrimas nos olhos. Meu Deus! Amo esse cara demais. Ele é rude por fora, mas tão vulnerável por dentro. — Você disse que me ama.

— Isso. Te amo desde que éramos calouros. Trey e eu queríamos os dois te convidar para sair.

— Mas você deixou ele fazer isso — sussurro.

— Ele era o melhor dos dois.

Não acredito que o destino nos uniu depois desse tempo todo.

— Você é inteligente, engraçado e sexy pra caramba, Vic. Você não era apenas o melhor amigo do meu namorado. Você era o meu melhor amigo também. Trey não me incentivava a ser uma pessoa melhor. Você fazia isso. E eu te amo por causa disso. O que Trey e eu tínhamos era um lance de escola. O que você e eu temos pode ser uma coisa para sempre.

— Para sempre? — ele repete, concordando. — Gosto disso.

Fico na ponta dos pés e o beijo, não me importando com o que as pessoas pensam ou vão dizer pelas costas. Seus lábios quentes encontram os meus, e meu corpo se derrete no abraço dele.

Finnigan pigarreia.

— Nada de falta de decoro na escola, vocês dois. É a norma.

Vic sorri.

— Me põe na sala de suspensão — ele diz.

Viro-me para a diretora e digo:

— Me põe também.

Vic me abraça com ternura, me dando apoio às costas com seus braços fortes.

— Como se sente?

— Não sinto nenhuma dor neste momento.

— Bom. Se sentir alguma coisa, me avisa. Estamos juntos nessa, você sabe. Nada de segredos ou de esconder coisas.

— Certo. — Apoio-me então em seu peito. — Eu tenho só um último segredo para te contar.

— O que é?

— Eu pus fluido de transmissão por acidente na sua caminhonete no lugar do sabão do para-brisa.

— Ah, é?

— É.

Ele sorri.

— Vou ter que te mostrar como consertar isso. Mas não posso fazer isso hoje.

— Por que não?

— Porque eu e você temos um encontro na sala de suspensão por causa disso… — E ele me levanta e me beija. Me sinto mais viva e feliz do que nunca. Vou passar o resto da minha vida lhe mostrando quanto ele é valioso e especial. Vic é meu herói, o rapaz que me salvou de mim mesma.

Me inclino para trás e seguro com as duas mãos o seu queixo lindo e bem esculpido.

— Aprendi uma coisa com você, Vic. Às vezes vale a pena se meter em encrenca.

— Esta é a minha garota — ele diz e abre um enorme sorriso.

# Agradecimentos

Estes últimos dois anos foram cheios de insondáveis provações e contrariedades; foram muitas as pessoas que me ajudaram a atravessar os acontecimentos malucos de minha vida. Não sei se estaria aqui se não fosse por elas.

Quero agradecer a Nanci Martinez e a Cynthia Meir em primeiro lugar. Liguei para elas diariamente buscando apoio. Essas duas mulheres nunca falharam comigo e sempre estiveram prontas para me ajudar, oferecendo um ombro para chorar, uma palavra de encorajamento e uma amizade incondicional. Garotas, vocês são os pilares nos quais me apoio — nunca poderei agradecer o suficiente por sua constante presença.

Andrew, um incrível músico e amigo, obrigada por cantar para mim quando fiquei deprimida e por estar sempre disponível quando precisei de alguém com quem conversar. Também lhe agradeço por ter me ensinado a League of Legends — apesar de ter sido tachada como a pior Renekton e Jinx pelos participantes, espero algum dia conseguir matar mais do que morrer para não ser apenas uma principiante e deixar você orgulhoso.

Minha agente Kristin Nelson. Você tem a paciência de uma santa. Sou muito grata por não desistir de mim, nem quando eu mesma quase desisti de mim. Você esteve ao meu lado na época mais difícil da minha vida e nunca vacilou. Não há palavras para expressar minha gratidão.

Minha irmã, Tamar, é meu modelo, e espero ser tão forte quanto ela um dia. Eu me espelho nela mais do que ela imagina, e a admiro demais. Mesmo que ela seja uma garota californiana e viva longe de mim, seus telefonemas, seus conselhos e seu apoio significam muito.

